

# *INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA FUNCIONAL*



**MARIA JOÃO B. M. MARÇALO**

**ICALP**

**IDENTIDADE**  
LÍNGUA PORTUGUESA

No prefácio aos *Principes de phonologie*, de Trubetzkoy, cuja tradução por J. Cantineau impulsionou, escreveu André Martinet, em 1949, que «ce n'est pas par la lecture de quelques pages ou une étude de quelques heures qu'on peut s'assimiler les principes de la phonologie», e exactamente o mesmo se dirá, por maioria de razão, da linguística funcional. Maria João Marçalo, que disfruta hoje do privilégio de possuir, como raras pessoas em Portugal, experiência própria para as subcrever, produziu, com a sua tese, um livro que comprova e ajuda a entender aquelas afirmações. Em estilo simples, só possível na pena de quem, dominando perfeitamente o assunto de que se ocupa, não necessita de recorrer ao obscurantismo da forma para se fazer respeitar, esta *Introdução à Linguística Funcional* constituirá, de ora em diante, manual indispensável a quem pretender familiarizar-se seriamente com o funcionalismo linguístico, seus princípios e razões.

Noutro sentido ainda vai ser útil esta *Introdução à Linguística Funcional*: epistemologicamente considerada, ela abrirá horizontes a quem desejar descrever e interpretar o funcionamento de uma língua, e desde logo da língua portuguesa, no estrito respeito dos seus usos reais, sem apriorismos inverificáveis nem preconceitos dogmáticos, de acordo com critérios propriamente linguísticos, os quais excluem — neste ponto concordam todas as escolas contemporâneas — qualquer interferência da cultura, da psicologia, da lógica ou de outras ciências.

Dedicou-se a Autora à leitura sistemática da vastíssima obra de André Martinet, extraiu dela as grandes linhas de força que a orientam e dominam, verificou como já em textos antigos aflorava com precisão o que só mais tarde adquiriria forma explícita e desenvolvimento maior (...) Foi um longo trajecto, percorrido com a precisão e meticulosidade que se exigem nos trabalhos universitários e que algumas vezes, suspeito, terão igualmente tido o mérito de conter qualquer paixão em que pudesse converter-se a crescente intimidade com a doutrina. O livro que vai ler-se é fruto desse trabalho probo e inteligente.

Jorge Morais Barbosa, in «Prefácio»

Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

**IDENTIDADE**  
**SÉRIE LÍNGUA PORTUGUESA**

**INTRODUÇÃO**  
**À LINGUÍSTICA**  
**FUNCIONAL**

MARIA JOÃO BROA MARTINS MARÇALO

# INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA FUNCIONAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

1992

**MARÇALO, Maria João Broa Martins**

*Introdução à Linguística Funcional* / Maria João Broa Martins Marçalo.  
— Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa,  
1992. — 152 p.; 16×23 cm. — (Identidade: Língua Portuguesa)

**ENSINO DE LÍNGUAS — LÍNGUA MATERNA — LINGUÍSTICA**

*Título*

**INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA FUNCIONAL**

1.<sup>a</sup> edição — 1992

**INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*

*Divisão de Publicações*

Praça do Príncipe Real, 14-1.º — 1200 Lisboa

Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

*Tiragem*

3000 exemplares

*Capa*

Técnica mista sobre papel, de Leonor Serpa Branco, 1992

Dim.: 61×43 cm (pormenor)

Colecção particular

Título — Estruturas I

*Composição e impressão*

A. Coelho Dias, S.A.

Rua Conde das Antas, 48-A — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 63 257/93

ISBN 972-566-111-7

ISSN 0871-441X

À memória de João Bernardino Martins Marçalo,  
meu querido pai.

## AGRADECIMENTOS

Para chegarmos a um lugar previamente escolhido, devemos inicialmente traçar um caminho.

Neste meu percurso, contribuíram para a delimitação do caminho a seguir, as palavras acolhedoras de André Martinet, as cartas amigas (e os livros oferecidos) de Georges Mounin e a troca de ideias com Madalena Viramonte de Ávalos, no «longínquo» ano de 1988.

Como o trabalho intelectual não se desenvolve isolado dos outros aspectos do quotidiano, não posso deixar de agradecer o apoio do meu marido, da minha mãe e dos meus sogros, que com o seu amor e carinho me deram muitas vezes alento para continuar.

Aos colegas do Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora, que comigo partilham o dia-a-dia dos afazeres universitários, quero também dizer um obrigada.

A elaboração do apêndice desta obra é devedora da boa vontade e ajuda de Henriette Walter, a quem muito agradeço.

Por último, no sentido bíblico, quero aqui expressar a minha amizade e reconhecimento a dois grandes mestres e amigos, Manuel Saraiva Barreto e Jorge Morais Barbosa.

O Dr. Manuel Saraiva Barreto, com quem tive oportunidade de trabalhar durante quatro anos na Universidade de Évora, sempre soube criticar, ensinar e auxiliar-me como só os sábios o fazem: com verdade e respeito por quem começa. Os livros emprestados e oferecidos, as leituras sugeridas, as críticas nem sempre benévolas, o tempo dispendido a ouvir as incertezas e os desânimos, e as palavras amigas de força e coragem, tudo isso deveras lhe agradeço.

Ao Professor Doutor Jorge Morais Barbosa, meu orientador desde o primeiro momento na Universidade de Évora, continuando a sê-lo com a mesma disponibilidade enquanto Professor na Faculdade de Letras de Coimbra, desejo agradecer as sugestões, o apoio e a liberdade que sempre me proporcionou para a elaboração deste trabalho. Nestes quatro

anos em que me levou a descobrir percursos realistas, de isenção e rigor, tive o ensejo de confirmar pessoalmente o brilhante perfil científico que lhe é reconhecido pela comunidade linguística, não só em Portugal mas também além fronteiras. Sou ainda testemunha de que à seriedade e rigor científico alia as melhores qualidades humanas: a verdade e a lealdade. Aparentemente encomiásticas, estas minhas palavras são apenas sinceras e sentidas.

Deve-se a publicação deste livro ao ICALP e mais uma vez ao incentivo e confiança do Professor Doutor Jorge Morais Barbosa. Obrigada.

Évora, Junho de 1992.



*«Alles Gescheide ist schon gedacht  
worden, man muss nur versuchen es  
noch einmal zu denken.»*

*Goethe*

*(Nada se inventa.  
Tudo se deve interpretar de novo.)*

## PREFÁCIO

*Quando, em 1960, a livraria parisiense Armand Colin editou, pela primeira vez, os Éléments de linguistique générale de André Martinet, talvez se não tenha apercebido, nem com ela a generalidade do público mais interessado, da projecção que aguardava o livro — aparentemente um vulgar in 8.º, impresso em papel barato, capa azul e branca de duvidoso gosto, espartilhado nas 224 páginas que, sendo regra na colecção onde entrou, com o número 349, impuseram uma redacção extremamente condensada, na qual cada palavra valia o que valia e era indispensável ao correcto entendimento do texto, com exclusão de qualquer amenidade ou flor retórica.*

*É verdade que despontava então um período durante o qual se observava um crescente interesse pela linguagem e pelas línguas — seguramente maior por aquela do que por estas — e se assistiria à multiplicação de obras a seu respeito. Mas nem esse interesse nem o facto, que em boa parte esteve na sua origem, de a linguística ter sido, de entre as ciências da cultura, a que primeiro encontrou individualidade própria e operou com critérios de rigor científico, o que a colocava em posição de modelar vanguarda, chegam para explicar o êxito dos Elementos. É que a circunstância passou e com ela a maioria dos títulos que os anos sessenta e setenta viram surgir, como tinham passado ou haveriam de passar o psicologismo mecanicista de Gustave Guillaume, a glossemática de Louis Hjelmslev, o estruturalismo de Lucien Tesnière, o distribucionalismo de Zellig S. Harris, os apriorismos de Roman Jakobson, para mencionar apenas nomes sonantes, ao passo que, várias vezes reimpresso e reeditado em França, traduzido em russo, coreano, alemão, inglês, português, espanhol, italiano, romeno, polaco, japonês, albanês, grego, islandês, croata, turco, indonésio e chinês, geralmente com sucessivas edições, se foi vendo o manual de Martinet adquirir uma dimensão internacional a que trinta anos de circulação não puseram nem cobro nem limites.*

*Deve-se, quanto a mim, a duas razões maiores o êxito dos Elementos de Linguística Geral.*

*Em primeiro lugar, o facto de apresentarem uma teoria não só nova, mas também, e sobretudo, coerente, da linguagem, das línguas e do seu funcionamento. Decerto, alguns dos princípios ali expostos circulavam já desde Saussure, de quem Martinet é, sem dúvida, o mais lúcido herdeiro, e Trubetzkoy, com cujo pensamento cedo confluíra o de Martinet. Mas, além de ter depurado o que no mestre de Genebra havia de caduco, nomeadamente o psicologismo que o dominara, e um certo dogmatismo que, embora compreensível, retirava algum realismo tanto ao Cours do primeiro como aos Grundzüge do segundo, corrigindo-os onde havia lugar a correcções, tanto de um como do outro extraiu Martinet todas as virtualidades que continham e pôde, com isso, ir muito mais longe que eles: com isso e com toda uma reflexão autónoma, decorrente da sua própria visão do fenómeno linguístico. A distinção entre a experiência humana e a sua análise linguística, o conceito de dupla articulação, o reconhecimento da pertinência comunicativa como princípio fundamental, a importância concedida às noções de economia e dinâmica linguísticas, a nítida separação de águas entre o que é propriamente linguístico e o que deverá ser considerado marginal, tudo isso são pilares de um edifício teórico onde, parafraseando Saussure a propósito da língua, tout se tient.*

*Por mais sedutora, porém, que se apresente uma teoria linguística, o mínimo que dela deve esperar-se, além da coerência, é que passe na prova de fogo que constitui a sua aplicação à descrição das línguas concretas e ao entendimento da maneira como elas funcionam.*

*O capítulo IV dos Elementos, apesar das modificações que sofreu na edição francesa de 1980 e se reflectiram na 10.<sup>a</sup> edição portuguesa, de 1985, já em 1960 evidenciava a coerência da doutrina, ao tratar as unidades significativas à luz dos mesmos princípios que orientaram o estudo das unidades distintivas; e a Syntaxe générale, cujo objectivo declarado, logo na primeira frase do prefácio, consistiu em «réaliser, pour l'étude des unités significatives du langage, ce que représente la phonologie pour celle des unités distinctives», confirmaria, em 1985, a mesma coerência.*

*Mas, muito antes desta data, eram já numerosas as descrições de línguas, global ou parcialmente consideradas, a que se foi procedendo à luz daquela doutrina. Tratou-se, em alguns casos, de artigos publicados na revista La Linguistique, fundada por Martinet em 1965, mas sobretudo de teses de doutoramento de 3.<sup>o</sup> Ciclo ou de Estado, que Martinet impulsionou e orientou ininterruptamente, primeiro nos Estados*

*Unidos da América, onde foi professor e director do Departamento de Linguística Geral da Columbia University e também director da revista Word, entre 1946 e 1955, e depois em França, no âmbito da «direcção de estudos» de linguística estrutural, expressamente criada para ele, em 1957, na École Pratique des Hautes Études, em Paris — actividade que, aliás, apesar de jubilado desde 1978, ainda hoje mantém com tanto empenho quanto rigor e lucidez. Iniciada na dúvida expectante e consumada na alegria dos resultados obtidos, a verificação, por essa prática descritiva, da solidez e produtividade da doutrina e dos métodos constituiu, sem dúvida, outro motivo do êxito dos Elementos. Renovado, todos os anos, nas suas matérias — a orientação das teses fazia-se em casa de Martinet —, o seminário da École Pratique tornou-se, ao longo de três decénios e meio de actividade, o ponto de encontro e convívio de discípulos que, vindos de todos os continentes e de uma infinidade de países, aí têm encontrado formação, estímulo e apoio tão excepcionais como a discreta afectividade que lhes é dispensada e o rigor intelectual que se lhes exige. Foram estes discípulos que vieram a dar ao ensino de Martinet a designação, que ele próprio nunca utilizou, de «escola funcionalista».*

*Os leitores mais familiarizados com a obra de André Martinet considerarão porventura excessivo o espaço dedicado neste prefácio, que deveria ser curto, aos Elementos de Linguística Geral, afinal apenas um livro entre os vinte e quatro que, juntamente com mais de 300 artigos e muitas recensões críticas, constituem a parte escrita mais significativa daquela obra. Algumas vezes me tenho, aliás, perguntado se devem considerar-se os Elementos o livro mais importante de Martinet. Diferentes todos uns dos outros, apesar de ligados entre si pela unidade dos princípios, parece hoje impossível admitir-se que algum deles fosse dispensável na economia de um conjunto ao qual apenas parece faltar ainda aquele que globalmente compreenda a axiologia, se não se quiser pensar também em outro que venha representar para as unidades significativas o que para as unidades distintivas representa a Économie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique, publicado, pela primeira vez, em 1955. Neste sentido, nenhum dos livros é mais importante que os outros, e ipso facto o não são os Elementos. Irei, inclusive, mais longe, dizendo que a importância destes advém, por um lado, do facto de terem antecipado, especialmente no cap. IV, os fundamentos da sintaxe funcional, como já se lembrou acima, e, por outro lado, de constituírem uma apresentação conjunta da linguística funcional, praticamente a única de que até hoje se dispôs, apesar das limitações próprias da sua natureza de manual.*

*Não me afastando, portanto, dos leitores a quem me referi, e acrescentando que não conhecerá o funcionalismo quem apenas conhecer os Elementos, por mais atentamente que os tenha lido, recordarei, contudo, que não poderia constituir propósito deste prefácio substituir-se ao livro que se destina a apresentar, isto é, expor sistematicamente os princípios da linguística funcional, de que Martinet foi o primeiro e, acompanhado de sucessivos discípulos, continua a ser o principal teorizador, nem balizar o percurso que nos conduziu da fonologia à sintaxe e à axiologia, nem fazer a exegese da doutrina.*

*Desta tarefa se ocupou, com o cuidado que se lhe reconhecerá, Maria João Marçalo. Jovem assistente estagiária da Universidade de Évora, pediu-me um dia que a orientasse na preparação das suas provas de aptidão pedagógica e capacidade científica e a auxiliasse, desde logo, a escolher um tema para o respectivo trabalho de síntese. De entre vários que, como sempre nesses momentos, vieram a propósito, livremente se decidi pelo estudo do edifício teórico construído por André Martinet, em si mesmo e por si mesmo, isto é, com deliberada exclusão de confrontos senão acidentais com outras orientações da linguística contemporânea. Tendo acompanhado, conforme me competia e com gosto, o trabalho difícil empreendido por Maria João Marçalo, julgo nunca lhe ter faltado com o conselho devido ou a sugestão necessária, mas tenho a humana certeza de também nunca lhe haver imposto um percurso, uma ideia ou um juízo. Ao assumir toda a responsabilidade imputável à orientação de uma tese, devo por isso consignar aqui que o presente trabalho não tem co-autor.*

*Dentro do prazo concedido por lei para apresentação daquelas provas, e ao mesmo tempo que assegurava as aulas práticas das disciplinas de Fonologia e Morfologia do Português e Teoria da Linguagem, regidas pelo Dr. Manuel Saraiva Barreto, dedicou-se a Autora à leitura sistemática da vastíssima obra de André Martinet, extraiu dela as grandes linhas de força que a orientam e dominam, verificou como já em textos antigos aflorava com precisão o que só mais tarde adquiriria forma mais explícita e desenvolvimento maior, nomeadamente, quanto às unidades significativas, na inovadora Grammaire fonctionnelle du français, de 1979, e na completa Syntaxe générale, de 1985. Foi um longo trajecto, percorrido com a precisão e meticulosidade que se exigem nos trabalhos universitários e que algumas vezes, suspeito, terão igualmente tido o mérito de conter qualquer paixão em que pudesse converter-se a crescente intimidade com a doutrina. O livro que vai ler-se é fruto desse trabalho, probo e inteligente.*

No prefácio aos *Principes de phonologie*, de Trubetzkoy, cuja tradução por J. Cantineau *impulsionou*, escreveu André Martinet, em 1949, que «*ce n'est pas par la lecture de quelques pages ou une étude de quelques heures qu'on peut s'assimiler les principes de la phonologie*», e exactamente o mesmo se dirá, por maioria de razão, da *linguística funcional*. Maria João Marçalo, que disfruta hoje do privilégio de possuir, como raras pessoas em Portugal, experiência própria para as subscrever, produziu, com a sua tese, um livro que comprova e ajuda a entender aquelas afirmações. Em estilo simples, só possível na pena de quem, dominando perfeitamente o assunto de que se ocupa, não necessita de recorrer ao obscurantismo da forma para se fazer respeitar, esta *Introdução à Linguística Funcional* constituirá, de ora em diante, manual indispensável a quem pretender familiarizar-se seriamente com o *funcionalismo linguístico*, seus princípios e razões. Se até hoje se pôde ter a generosidade de simplesmente sorrir perante quem disfarça o seu desconhecimento da doutrina ou a minimiza, alegando apenas não concordar com ela, sem explicar porquê nem sequer se reclamar de alternativa, talvez se deva, a partir de agora, ser menos condescendente e exigir desses menor displicência e maior honestidade intelectual. Começando pelo próprio André Martinet, que sempre se tem mantido rigorosamente informado de quanto se produz no campo linguístico e amplamente receptivo às contribuições dos outros — com a única excepção do transformacionalismo e gerativismo, que não considera propriamente linguísticos —, nenhum funcionalista toma a doutrina pelo coração da linguística. Como qualquer objecto, uma língua pode ser observada e descrita de pontos de vista diferentes e, ainda que o ponto de vista seja o mesmo, podem os seus factos merecer diversas interpretações: só não reconhecerá que assim é no nosso campo quem ignorar as actas dos sucessivos colóquios da Sociedade Internacional de Linguística Funcional. Todos aceitamos, naturalmente, discordâncias, e até a discordância total. Apenas se pede que se fundamentem na realidade linguística e proponham alternativas legítimas.

Noutro sentido ainda vai ser útil esta *Introdução à Linguística Funcional*: epistemologicamente considerada, ela abrirá horizontes a quem desejar descrever e interpretar o funcionamento de uma língua, e desde logo da língua portuguesa, no estrito respeito dos seus usos reais, sem apriorismos inverificáveis nem preconceitos dogmáticos, de acordo com critérios propriamente linguísticos, os quais excluem — neste ponto concordam todas as escolas contemporâneas — qualquer interferência da cultura, da psicologia, da lógica ou de outras ciências. Desse carácter do livro, e portanto da sua importância para o estudo da língua portu-

*guesa, se deu aliás conta imediata a inteligência do meu querido amigo doutor Armando Marques Guedes, quando, com êxito que lhe agradeço, lhe sugeri a sua publicação pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Sempre pensei que todas as teses universitárias devem ser boas e úteis e, sendo-o, tornar-se acessíveis a um público mais vasto do que o júri que as aprecia. Graças ao doutor Marques Guedes e ao seu Instituto, esta vai, felizmente, circular.*

*Devo ao então Instituto de Alta Cultura, antecessor imediato do ICALP, como seu bolseiro no estrangeiro e leitor de Português em Paris, a possibilidade que tive de adquirir a minha formação em linguística moderna e de tornar-me discípulo de André Martinet, vão lá mais de trinta anos. Embora não caiba falar aqui da recíproca amizade que desde então nos une, seja-me, ainda assim, permitido revelar que, quando, em Julho do ano passado, em Praga, por ocasião do XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional, apresentei Maria João Marçalo a André Martinet, ao meu espírito ocorreu, com alguma emoção, a memória do meu primeiro encontro com o Mestre, na sua casa de Sceaux, num dia de Outubro de 1960. Abria-se ao futuro, naquele momento, a recordação de um indelével passado.*

*Representante de uma terceira geração funcionalista, possa a Maria João, sob a égide de André Martinet, lançar-se rapidamente na preparação do seu doutoramento e aplicar à descrição e interpretação de alguma área da língua portuguesa os princípios e métodos que neste livro tão bem mostra conhecer. E permitam-lhe a sua juventude e talento vir a formar nova estirpe de investigadores capazes de preferirem à confusão, brilhante ou opaca, a seriedade do realismo no respeito das línguas.*

*Coimbra, Junho de 1992.*

Jorge Morais Barbosa

## PREÂMBULO

*Devido à natureza do nosso trabalho citamos frequente e repetidamente várias obras de André Martinet. Para tornar mais fácil e rápida a identificação das citações, incluímos no corpo do texto a indicação do título, data e páginas a que se referem. Em obras citadas ou referidas várias vezes, optámos por indicar apenas a primeira ou primeiras palavras do título. Elementos de Linguística Geral pode ser indicado apenas como Elementos, ou Studies in Functional Syntax como Studies, etc. Aparecerão por vezes duas datas seguidas, a primeira das quais se reporta à primeira edição e a segunda à edição consultada. Ao optarmos pela indicação da fonte da citação no texto, procurámos também diminuir o volume de notas, que incluímos no final de cada capítulo. A indicação bibliográfica completa deve ser procurada na Bibliografia Final onde constam todos os artigos e obras consultadas para a feitura deste trabalho.*

*Todas as obras de Martinet foram consultadas na língua em que foram escritas, tendo-se recorrido à tradução em apenas três casos. Da obra Éléments de linguistique générale utilizámos a excelente tradução portuguesa de Jorge Morais Barbosa que tem a vantagem de oferecer exemplos em português. Da obra A Functional View of Language, de 1962, consultámos a tradução francesa de Henriette et Gérard Walter de 1969, e da obra La Linguistique — Guide alphabétique, dirigida por Martinet, socorremo-nos da tradução portuguesa de Wanda Ramos, nestes dois últimos casos devido à impossibilidade de consultar os originais.*

*Resta ainda referirmo-nos à estruturação dos capítulos. O primeiro não se apresenta dividido em subcapítulos. Diremos que o conteúdo influenciou a forma: é um todo que optámos por não segmentar.*

*Apresentamos em apêndice a bibliografia de André Martinet. Baseia-se esta na Bibliografia preparada por Henriette et Gérard Walter, com*



*a colaboração de Brigitte Barré e Florence Rouiller, precedida de uma biografia por Jeanne Martinet (Sela f n.º 279, Peeters, Lovaina-Paris, 1988).*

*A bibliografia consultada para efectuar este trabalho está dividida em A — Obras de André Martinet, separando os livros dos artigos, ordenadas, em ambos os casos cronologicamente, e B — Obras de outros autores, ordenadas alfabeticamente.*

## INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho propomo-nos efectuar uma análise interpretativa da obra de André Martinet <sup>(1)</sup> dedicada à linguística sincrónica e diacrónica, análise essa que permite verificar e avaliar a relação existente entre a teoria fonológica desenvolvida pelo autor e a sua teoria sintáctica. Esta última tomou corpo entre a década de 40 e a actual, e encontra a sua aplicação em *Grammaire fonctionnelle du français* em 1979 e a sua expressão teórica mais completa em *Syntaxe générale* publicada em 1985.

Se a teoria fonológica funcionalista é conhecida e ensinada em várias universidades portuguesas, o mesmo desejaríamos que acontecesse em relação à teoria sintáctica funcionalista. A escolha do presente estudo prendeu-se, pois, com o facto de se nos ter afigurado pertinente pôr à disposição dos interessados, porventura entre eles ocupando lugar de destaque os estudantes universitários, um trabalho que lhes permita tomar um primeiro contacto e despertá-los para uma das teorias linguísticas mais coerentes, realistas, honestas e ponderadas que têm sido desenvolvidas no nosso século.

Concebemos o professor como aquele a quem cabe alargar horizontes, mostrar novos caminhos, e nessa perspectiva tentámos com este trabalho relembrar (ou dar a conhecer) a existência de uma obra de investigação linguística que se afirma fora do grande domínio gerativista que ultimamente parece imperar em certos meios universitários portugueses.

Iniciamos este trabalho com a apresentação do que consideramos serem os alicerces que sustentam toda a teoria funcionalista e que decorrem da concepção da linguagem como instrumento de comunicação.

*Elementos de Linguística Geral*, a obra mais divulgada de Martinet e que graças ao Professor Doutor Jorge Morais Barbosa está traduzida desde 1965 na nossa língua, é leitura indispensável para aqueles que se querem familiarizar com a teoria funcionalista. No nosso trabalho pretendemos, contudo, facultar ao leitor essa mesma possibili-

dade de familiarização, daí que tentemos no Capítulo I dar uma visão de conjunto do que pensamos ser o suporte, a pedra angular, da teoria quer fonológica quer sintáctica que analisaremos em seguida.

No prefácio de *Syntaxe générale* Martinet escreve: «Cet ouvrage vise à réaliser, pour l'étude des unités significatives du langage, ce que représente la phonologie pour celle des unités distinctives. En d'autres termes, on y cherche à faire, pour les monèmes, ce que la phonologie a réalisé pour les phonèmes...» (2). Perguntámo-nos então se a teoria sintáctica desenvolvida por Martinet não seria um simples aplicar à sintaxe dos pressupostos teóricos e metodológicos utilizados em fonologia. O nosso trabalho visa assim fazer uma leitura interpretativa da obra de Martinet que permita responder a tal questão.

Todas as referências a outras correntes linguísticas que não o funcionalismo deverão ser sempre entendidas como meios de comparação tendentes a permitir uma melhor interpretação da teoria funcionalista, dado que o nosso objectivo é expressamente interpretar a teoria funcionalista de André Martinet em si própria e não por comparação com outras teorias.

Escolhemos apresentar os exemplos na língua portuguesa não só por ser a nossa língua primeira, mas também numa tentativa de aplicar ao português, ainda que a título exemplificativo e não exaustivo, a teoria objecto da nossa análise.

Pretende ainda este trabalho ser uma homenagem, apesar do seu carácter modesto, ao linguista André Martinet que tem dedicado toda a sua vida ao estudo desse fenómeno que é e continuará a ser um dos mais essenciais na afirmação e identificação do ser humano — a linguagem.

## NOTAS

(<sup>1</sup>) André Martinet nasceu a 12 de Abril de 1908, em St. Alban des Villards (Savoie), França. Doutorou-se em 1937, na Sorbona. Entre 1938 e 1947 foi director de Estudos de Fonologia na École Pratique des Hautes Études. Foi chefe do Departamento de Linguística e Professor de Linguística Geral e Comparada na Columbia University of New York entre 1945 e 1955. Foi Professor de Linguística Geral na Sorbona de 1955 a 1977. De 1957 até hoje é Director de Estudos de Linguística na École Pratique des Hautes Études.

Foi redactor da revista *Word*, de 1947 a 1960. Foi Director dos *Travaux de l'Institut de Linguistique*, de 1956 a 1959. Dirigiu a colecção «Le linguiste», PUF, Paris, de 1965 a 1982. Desde 1965 é Director da revista *La Linguistique*, Revista da Sociedade Internacional de Linguística Funcional.

Sobre a sua bibliografia consultar o Apêndice deste trabalho, p. 119.

(<sup>2</sup>) *Syntaxe générale*, Paris, 1985, p. 5.

## PRINCÍPIOS TEÓRICOS DO FUNCIONALISMO

### (Filiações e divergências)

«Linguistic functionalism is to be traced back to Saussure's teaching cross fertilized by that of Baudouin de Courtenay and his Russian pupils and followers, an influence that has permitted the integration of phonic elements to the set of values which Saussure called "la langue".»

(A. Martinet, «Some Basic Principles of Functional Linguistics», *La Linguistique*, 13, 1977, 1, p. 8)

Estas são as palavras de Martinet no que diz respeito à filiação do funcionalismo. Destas partiremos para uma hermenêutica do pensamento funcionalista considerando os contrastes entre as várias «linguísticas». Começemos pela Escola de Praga e vejamos quais os aspectos que dela aproximam e distanciam Martinet.

O Círculo Linguístico de Praga — CLP — (Pražský lingvistický kroužek) foi fundado em 1926 (!), iniciativa que ficou a dever-se a Vilém Mathesius. Nomes como Havránec, Mukařovský, Trnka, Vachek, Weingart e outros não checoslovacos, como Bühler, W. de Groot, Belič, Bruo, Tesnière, Benveniste e Martinet participaram no Círculo. Destaca-se ainda a colaboração muito significativa de três linguistas russos: Karčevsky, Jakobson e Trubetzkoy.

E no seio deste movimento que se começa a delinear uma nova tendência teórica em linguística, tendência esta que posteriormente se converte numa nova teoria: o funcionalismo.

Visando a participação no I Congresso Internacional de Linguistas, a realizar em Haia em 1928, Roman Jakobson redige, em 1927, um texto expondo a sua posição sobre certos pontos da teoria linguística. Esta tese, se assim lhe quisermos chamar, foi ainda assinada por Trubetzkoy e Karčevsky, este último era então professor em Genebra, onde fora aluno de Saussure. O documento referido preside ao verdadeiro nascimento do movimento linguístico de Praga, e é imprescindível para a compreensão das Teses do Círculo de Praga, que aparecem com a sua forma definitiva no Congresso de Filólogos Eslovacos em 1929. As nove teses são uma obra colectiva, representando o seu texto o programa do CLP.

As três primeiras consagram-se a problemas de linguística geral, sendo as restantes mais dedicadas às línguas eslavas. De acordo com o texto das teses, a língua deve ser concebida como um sistema funcional. E como qualquer produto de actividade humana possui um carácter teleológico, ou seja, «a língua é um sistema de meios de expressão ajustados a um fim»: a comunicação ou a expressão. Para além do aspecto funcional da língua dá-se ainda especial importância ao seu carácter sistemático:

«La lengua, producto de la actividad humana, comparte con tal actividad su carácter teleológico o de finalidad. Cuando se analiza el language como expresión o comunicación, la intención del sujeto hablante es la explicación que se presenta con mayor facilidad y naturalidad. Por esto mismo, em el análisis lingüístico, debe uno situar-se en el *punto de vista de la función*. Desde este punto de vista, *la lengua es un sistema de medios de expresion apropiados para un fin. No puede llegarse a comprender ningun hecho de lengua sin tener cuenta el sistema al cual pertenece.*»

(B. Trnka et al., *El Círculo de Praga*, 1971, p. 30, apud Madalena V. de Avalos, *El funcionalismo lingüístico de André Martinet*, p. 38)

Nesta primeira tese do CLP observamos o relevo dado ao ponto de vista da função, princípio que vai posteriormente nortear a linguística funcionalista.

A atitude de conjunto do CLP prende-se com o desejo de assumir uma oposição aos ensinamentos dos neogramáticos. Saussure é, de certo, modo utilizado pela Escola de Praga como bastião defensivo contra a atitude historicista dos neogramáticos. Os ensinamentos de Saussure não

parecem ter constituído matéria de estudo aprofundado e discussão para o CLP. O ponto mais importante que se mantém de Saussure é a concepção de língua como sistema de signos. Quanto à dicotomia «langue/parole» são diversas as opiniões dos membros do CLP. Lembremos, a título de exemplo, a posição de Trubetzkoy. Em *Grundzüge der Phonologie* ele respeita a concepção de Saussure, sendo as suas definições de língua de cariz explicitamente saussuriano <sup>(2)</sup>.

A Escola de Praga reconhece também a influência de Baudouin de Courtenay, cujas teorias, de acordo com Trubetzkoy, só depois da guerra se propagam, nomeadamente a distinção entre duas fonéticas — a que estudaria os sons como fenómenos físicos e a que estudaria os sinais fónicos empregues para fins de intercompreensão numa dada comunidade linguística. Baudouin de Courtenay e Saussure mantiveram contactos escritos e pessoais, tendo-se certamente influenciado mutuamente. Nas suas obras Courtenay revela interesse pelas relações da linguagem com factores psicológicos e sociais, porém, privilegia sempre o aspecto individual da linguagem. Tal como Saussure, concebe a língua como facto psíquico: esboça também a oposição entre sincronia e diacronia, mas não o faz de modo tão radical quanto Saussure. Para ele a estática da língua é apenas um aspecto da sua dinâmica. O pensamento de Courtenay apresenta-se particularmente digno de atenção na sua «teoria do fonema». Segundo ele há que distinguir entre o som em bruto — o que o falante pronuncia — e o fonema — aquilo que o falante julga pronunciar e o ouvinte crê captar. Propõe a criação de uma ciência que estude especificamente os fonemas — a psicofonética. O fonema é para ele o equivalente psíquico do som <sup>(3)</sup>. O CLP, e em particular Trubetzkoy, reconhecem o seu mérito mas apontam já certas divergências, especialmente em relação à definição de fonema que é considerada «demasiado psicológica» <sup>(4)</sup>.

O estruturalismo de Praga é também influenciado pelo austríaco Karl Bühler. Segundo Jacqueline Fontaine ele é o garante filosófico do aspecto funcionalista do estruturalismo praguense <sup>(5)</sup>. Para Bühler, ao contrário de Saussure, a função é essencial à língua. Na primeira tese do CLP, como vimos, a língua é descrita como um sistema funcional, a língua é sistema e função. Esta última, a função sempre foi considerada pela Escola e Praga como constitutiva da língua.

Nos anos 30, André Martinet, ainda bastante jovem, toma contacto com o CLP de onde recebe influências, em especial de Trubetzkoy, e do CLP herda os termos que irão denominar teoria linguística por si desenvolvida desde os anos 40 até à actualidade. Cremos poder afirmar

com segurança que o funcionalismo é filho da Escola de Praga, embora tenha posteriormente tomado o seu próprio rumo. Martinet herdeiro do CLP é-o também de Boudouin de Courtenay e de Saussure.

Se por um lado é certo que o estudo da linguagem feito em Praga era caracterizado como estrutural e funcional, certo é também que foi dada sempre maior importância ao ponto de vista estrutural, sendo pouco desenvolvido e relegado para segundo plano o aspecto funcional. Foi preciso esperar até ao ano de 1946 para que, pela voz de Martinet, a tónica fosse posta na funcionalidade. Martinet fá-lo nas conferências que profere nesse ano em Londres e que serão mais tarde publicadas sob o título *Phonology as Functional Phonetics*, e na década de 60 continua a chamar a atenção para o ponto de vista funcional nas conferências que profere em Oxford e que aparecem publicadas com o título *A Functional view of language*. Tais obras iniciam o verdadeiro funcionalismo que tem desde então vindo a afirmar-se como uma teoria linguística realista e respeitadora do objecto linguístico, permitindo analisar as mais diversas línguas tendo como princípio orientador a função. A classificação é feita com base na função e não com a base na natureza física dos factos observados. A isto conduz-nos o princípio de pertinência ou de relevância enunciado por Karl Bühler e que segundo Martinet é o princípio básico de qualquer pesquisa científica.

«Toute science se fonde naturellement sur une pertinence, car aucune ne saurait prétendre épuiser, à elle seule, la description d'un objet quel qu'il soit (...). Lorsqu'il s'agit (...) d'examiner scientifiquement l'activité de l'être humain ou l'utilisation par lui de la réalité physique à certaines fins, on ne peut plus s'abstraire de ses intentions, et ce sont ses intentions qui vont fonder la pertinence.»

(A. Martinet, *Studies in Functional Syntax* — doravante referido como *Studies* —, 1975, p. 36)

Aplicando o princípio de pertinência ficaremos aptos a identificar para além das aparências dos actos humanos a sua verdadeira razão de ser. Poderemos assim realizar uma análise que não seja guiada nem pelos juízos a priori do observador nem pela maneira como os factos observados parecem organizar-se à primeira vista.

Martinet ilustra esta questão com um exemplo <sup>(6)</sup> que, pelo que oferece de simplicidade e clareza, não queremos deixar de reproduzir aqui. Se considerarmos um conjunto de chaves, todas de diferentes materiais e com diferentes formas, como as agruparemos de acordo com



o ponto de vista funcional? Não colocaremos juntas as que são feitas do mesmo material, nem sequer as que parecem ser semelhantes, mas sim as que abrem a mesma porta, sejam ou não parecidas, sejam de ferro ou cobre. Uma vez que a função essencial de qualquer chave é abrir e fechar algo, essa será a pertinência escolhida. Tal não impede, porém, que adotemos pertinências diferentes. Se por exemplo quisermos fazer das chaves elementos decorativos escolheremos a pertinência estética, agrupando as que tiverem a mesma cor, ou as que tiverem formas mais antigas, dependendo do nosso gosto, etc.

Em relação ao comportamento linguístico qual deverá ser a pertinência a adoptar? Sem dúvida será a pertinência comunicativa, ainda que desde logo possamos prever e admitir outros tipos de pertinências. O ponto de vista funcional, em linguística, pode ser definido do seguinte modo: «Linguistic reality is not necessarily coincidental with the whole of the observable physical reality of speech». O princípio de pertinência deve pois nortear qualquer tipo de pesquisa científica: «Relevancy is the corner-stone of linguistic functionalism...». (A. Martinet, «Some Basic Principles», *La Linguistique*, 13, 1977, 1, pp. 7-14).

Na década de 80 Martinet continua a advogar, com vigor, a necessidade de existência de um princípio de pertinência, que no caso da linguística funcional é o da pertinência comunicativa:

«Nous avons arbitrairement décidé que ce serait la pertinence communicative que nous interresserait, simplement parce que, sur la base de notre experience, nous savons que c'est elle qui détermine le fonctionnement de la langue et son évolution.»

(A. Martinet, *Fonction et dynamique des langues*, — doravante *Fonction et dynamique* —, 1989, p. 37)

A eleição da pertinência comunicativa impõe-se-nos ao examinarmos como as línguas funcionam e como evoluem para satisfazerem as necessidades comunicativas das diferentes comunidades humanas. A pertinência comunicativa, que poderemos considerar uma pertinência geral, não exclui a existência de outras pertinências e ela própria articula-se em pertinências diferentes: «La pertinence communicative du langage s'articule en pertinence phonologique ou distinctive et en pertinence significative». (A. Martinet, *Syntaxe générale*, 1985, p. 10.)

A existência de um princípio de pertinência como elemento estruturador, como elemento seleccionador e organizador da análise, é um

dos pontos que afasta a linguística funcional do distribucionalismo norte-americano. A este propósito escreve Martinet:

«In fact, the principle of relevancy never had a chance in the United States. It would seem that neither Bloomfield nor his direct followers ever had an inkling of the possibility of setting up a hierarchy of linguistic facts based upon the nature and importance of their contribution to communication.»

(A. Martinet, *Studies*, 1975, p. 10)

Quanto à realidade fónica, que os discípulos de Bloomfield consideraram como integralmente válida para o linguista, é, como sabemos, diferente a posição de Martinet. Só os aspectos fónicos pertinentes para a comunicação são importantes, ou seja, a realidade linguística não coincide necessariamente com a realidade propriamente dita.

Para descobrir a estrutura de uma língua começa-se por considerar o objecto concreto unidimensional, a cadeia linear da fala que decorre no eixo sintagmático. Mas devemos ter bem presente a existência de uma outra dimensão, a das eleições feitas pelo falante no que designamos eixo paradigmático. Bloomfield e os seus discípulos mostraram sempre uma nítida preferência em operar no plano sintagmático. Reduzem a tarefa do linguista à análise distribucional, interessam-se fundamentalmente pelo eixo das sucessividades. Talvez possamos entender esta atitude se lembrarmos que os linguistas americanos trabalhavam com línguas que nunca tinham sido estudadas, ágrafas na sua maioria e das quais não se conhecia o passado. Não podiam assim basear-se em qualquer sistema pré-estabelecido. Admitindo a existência de um sistema, considerando que ele nunca é directamente observável, o investigador terá que trabalhar com os dados concretos dos enunciados proferidos pelos informadores indígenas e a partir daí tentar apreender o sistema. Podemos facilmente compreender que a língua seja entendida como a totalidade dos actos de fala. É esta a concepção de Bloomfield:

«The totality of utterances that can be made in a speech-community is the *language* of that speech-community.»

(L. Bloomfield, *A Set of Postulates for the Science of Language*, 1926, in M. Joos, *Readings in Linguistics*, 1957, p. 26)

Bloomfield e os seus seguidores (Harris, Hockett, etc.) negam, em certa medida, a dicotomia saussuriana *língua e fala*, uma vez que para eles a língua é somente a descrição científica da fala. Em consonância com esta perspectiva está, de facto, o carácter eminentemente descritivo do estruturalismo americano — o linguista deve partir de um *corpus* e limitar-se a segmentar os enunciados encontrando os elementos constitutivos e classificá-los de acordo com as suas possibilidades combinatórias. Os distribuicionistas permanecem, como já dissemos, no eixo sintagmático. Em sua opinião também não cabe ao linguista apresentar explicações, o seu objectivo é descrever, responder ao «como» sem se preocupar com o «porquê». Este aspecto distancia claramente Martinet de Bloomfield. Martinet defende que o linguista deve explicar os factos, apresentar as suas causas, e critica os discípulos de Bloomfield e o próprio Bloomfield por conceberem a linguística como puramente descritiva (?). Encontramos uma certa comunhão entre o estruturalismo norte-americano e o funcionalismo relativamente à questão da existência de universais — nem Bloomfield nem Martinet os aceitam. A recusa de qualquer juízo a priori parece ser realmente o único ponto de convergência entre os dois linguistas.

Em relação à linguística transformacional e gerativa Martinet não se inibe de tecer críticas abundantes e bastante duras. O funcionalismo e o gerativismo nada têm em comum. Em 1976, numa conferência em Oslo, afirma o seguinte:

«In the linguistic world of today, every specialist is expected to define his position with respect to the theory and practice of transformational and generative linguistics. Although T. G., as it is called, has, of late, been increasingly questioned, it is still widely felt that its contributions cannot just be by-passed. Yet, the basic principles of functional linguistics are so fundamentally divergent that it has to be defined in its own terms without any reference to T.G.»

(A. Martinet, «Some Basic Principles», *La Linguistique*, 13, 1977, 1, p. 7)

Ao funcionalismo interessa a linguagem sob a forma das diversas línguas. Essas línguas são diferentes umas das outras e essa diferença não é meramente accidental. Há que aceitar a existência de Babel, a existência de *outras* línguas. O gerativismo força o seu objecto, manipula-o fazendo-o encaixar em esquemas pré-estabelecidos. A estrutura de

cada língua «nova» que possa tornar-se objecto de estudo é delimitada à semelhança das estruturas das línguas conhecidas, essencialmente do inglês, o que leva Martinet a falar em «imperialismo linguístico»:

«...une opération impérialiste tendant à convaincre le public que les structures relevées dans le «grandes langues», l'anglais en particulier, se retrouvaient partout sous des formes superficiellement différents».

(A. Martinet, *Fonction et dynamique*, 1989, p. 160)

Não se põe sequer a questão de saber se, por exemplo, a estrutura «Sujeito, Objecto e Verbo» é realmente universal. Isso é afirmado tranquilamente e para os determinar noutras línguas recorre-se à tradução e designa-se como «Sujeito, Objecto e Verbo» o que parecer assumir esses valores ou identidades.

A distinção essencial entre o plano das unidades distintivas e o plano das unidades significativas tende, segundo Martinet, a ser confundida pelos gerativistas:

«Generativists, in reaction against their predecessors' anti-mentalistic stand-points and with a distrust of analysis as an essentially positive approach, tend, intentionally or unconsciously, to confuse the two planes. Latent idealism incites to discard from the start whatever does not, directly or indirectly, participate in meaning.»

(A. Martinet, *Studies*, 1975, p. 11)

Martinet rejeita ainda a teoria dos universais da linguagem considerando que ela se fundamenta em bases indutivas. Para o funcionalismo só de modo dedutivo podemos fazer um trabalho válido em linguística. Outro aspecto que desde logo também distancia o funcionalismo da gramática gerativa é o facto de esta considerar a linguagem como uma faculdade humana inata, enquanto o funcionalismo considera a linguagem não como uma faculdade humana, mas como uma instituição humana implicando o exercício das mais variadas faculdades. Para Martinet o gerativismo é incapaz de captar a linguagem na sua realidade múltipla, nas suas imperfeições e variações segundo a sociedade, o tempo e o espaço. A gramática gerativo-transformacional acaba por sacrificar a integridade do objecto às suas exigências metodológicas. A busca das estruturas profundas, que tende à identificação das estruturas de todas

as línguas, converte a linguística em mero lugar de passagem que parte da lógica e acaba na lógica. O estabelecer universais da linguagem que uma observação mais atenta reduzirá ao estatuto de simples tendências é um contra-senso. Por oposição Martinet advoga:

«A la méthode qui consiste à poser au départ, de façon largement impressionniste, des constances universelles, on opposera et l'on préférera celle selon laquelle on précise soigneusement quelles sont les caractéristiques qu'on attend d'un objet pour qu'on accepte de le désigner comme une langue.»

(A. Martinet, *ib.*, p. 58)

A preocupação com os «universais da linguagem» evidencia uma concepção das línguas como desvios menores de um arquétipo. Para Martinet, porém, o facto de as línguas serem diferentes não é puramente accidental, mas sim sintomático da natureza da linguagem <sup>(8)</sup>.

Podemos observar pelo exposto que a comunhão entre funcionalismo e gerativismo é nula, e a esse respeito não deixa dúvidas a seguinte afirmação de Martinet:

«La linguistique fonctionnelle, dans la ligne de la tradition saussurienne, s'oppose comme un tout au distributionnalisme bloomfieldien et au générativisme chomskyen qui ne se comprennent que comme une thèse et une antithèse dans un cadre tout-à-fait étranger au point de vue fonctionnel.»

(A. Martinet, *ib.*, p. 142)

Outra corrente linguística que, apesar de tal como o funcionalismo ser herdeira da Escola de Praga, pouco comunga com a corrente funcional é a glossemática.

Martinet pretende fazer um estudo da linguagem em si mesma e por si mesma, em sintonia com o expresso pela última frase do *Cours* de Saussure: «La linguistique a pour unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même et pour elle-même». A glossemática não se ocupa só das línguas, mas de todos os sistemas semióticos, e talvez deva ser considerada uma teoria semiótica e não uma teoria linguística.

Inaceitável também para Martinet é o princípio do isomorfismo <sup>(9)</sup> entre o plano da expressão e o do conteúdo proposto por Hjelmslev. O interesse exclusivo pelas relações, relegando para um plano demasiado insignificante a substância, é mais um dos pontos em que glossemática e funcionalismo divergem.

Em 1946, Martinet apresenta no *Bulletin de la Société Linguistique de Paris* uma recensão à obra de Hjelmslev *Omkring Sprogteoriens Grundlaegelse* publicada em Copenhaga em 1943; recensão essa que constituiu durante vários anos o único acesso à obra para o público que não dominava o dinamarquês. Aí se revelam já pontos de discórdia entre os dois linguistas. Martinet critica a Hjelmslev «la conviction fréquemment exprimée que contenu et expression présentent des structures de type absolument identique».

Para Martinet os dois planos, da expressão e do conteúdo, não têm estatutos idênticos: «Le système des unités qui ne sont qu'unités d'expression, tout digne qu'il reste de l'intérêt des linguistes, a pour seul but d'assurer le fonctionnement du système des signes. L'expression est un moyen, le contenu une fin...»

(A. Martinet, «Au Sujet des fondements de la théorie linguistique de Louis Hjelmslev», in L. Hjelmslev, *Nouveaux essais*, 1985, p. 192)

Nós falamos para ser compreendidos, para comunicarmos — a expressão está ao serviço do conteúdo.

Para Hjelmslev a substância, seja ela do conteúdo ou da expressão, pouca atenção deve merecer do linguista, um texto escrito ou um texto falado serão encarados do mesmo modo. Diferente é a perspectiva funcionalista: a expressão fónica é algo que não pode ser relegado para segundo plano. A maior parte das mudanças que afectam o sistema formal e expressão das línguas, e consequentemente o seu sistema de conteúdo, começam por ser variações fonéticas. A natureza vocal dos signos linguísticos não deve pois ser ignorada:

«...la nature vocale du langage humain n'est certainement pas un aspect périphérique de celui-ci, mais un trait fondamental, sans lequel l'organisation linguistique pourrait être totalement différente de celle que nous connaissons.»

(A. Martinet, *Langue et fonction*, 1969, pp. 42-43)

Esta opinião de Martinet leva-o a incluir a expressão fónica na definição de língua:

«Une langue est un instrument de communication selon lequel l'expérience humaine s'analyse, différemment dans chaque langue, dans chaque communauté en unités douées d'un contenu sémantique et d'une expression vocale — les monèmes; cette expression

vocale s'articule à son tour en unités distinctives et successives, les phonèmes, en nombre déterminé dans chaque langue et dont la nature et rapports mutuels diffèrent eux aussi d'une langue à une autre.» <sup>(10)</sup>

(A. Martinet, *Fonction et dynamique*, 1989, p. 13)

Martinet não pretende jamais estabelecer um paralelismo entre os dois planos do enunciado; tentar encontrar os mesmos fenómenos no campo das unidades significativas e distintivas seria colocar num mesmo nível coisas funcionalmente diferentes:

«...tout effort pour établir une méthode unique destinée aussi bien à traiter de tous les faits linguistiques, qu'à décrire n'importe quelle langue, aboutira presque inévitablement à donner le même statut à des phénomènes qui diffèrent, non seulement par leur aspect physique — se qui serait tout à fait normal — mais aussi par leur rôle dans l'économie de la langue.»

(A. Martinet, *Langue et fonction*, 1969, p. 13)

Insistir no isomorfismo como faz a glossemática de Louis Hjelmslev, é conceder igual importância a fenómenos que por um lado podem ser acidentais e por outro são constituintes da realidade linguística.

A segunda articulação foi durante bastante tempo o centro das atenções; quando se passou ao estudo do campo bem mais complexo da primeira articulação verificou-se uma tendência para a utilização dos métodos da fonologia no tratamento de problemas diversamente complexos colocados pelo aspecto significativo da primeira articulação. Assim surge o isomorfismo dos glossemáticos com o seu estrito paralelismo entre os planos da expressão e do conteúdo. Na sua análise colocam de um mesmo lado os cenemas (unidades vazias equivalentes aos fonemas) e os significantes mínimos e complexos, e de outro os significados.

Expressão

Conteúdo

Exemplo 1: /b/	}	{
/bu'neku/		
/bu'neku de ma'deira/		

«boneco»  
«boneco de madeira»

Se operarmos tendo em conta a dupla articulação obteremos o seguinte esquema:

Segunda articulação

Primeira articulação

Exemplo 2: /b/	}	{	/bu'neku/ — «boneco»
			/bu'neku de ma'deira/ — «boneco de madeira»

No exemplo 1 a separação é feita entre significantes (à esquerda) e significados (à direita), ou seja, entre expressão e conteúdo. No exemplo 2 a distinção estabelece-se entre unidades distintivas, desprovidas de significado (à esquerda) e unidades dotadas de uma expressão vocal e de um conteúdo semântico (à direita).

Para o funcionalismo as unidades significativas não podem ser colocadas no mesmo plano das unidades distintivas; o monema situa-se num nível de complexidade superior ao do fonema.

A definição de língua apresentada por Martinet (v. p. 34) é também muito diferente da seguinte, apresentada por Hjelmslev:

«Une langue est une hiérarchie dont une quelconque des sections permet une division ultérieure en classes définies par relation mutuelle, de telle sorte qu'une quelconque de ces classes permette une division en dérivés définis par mutation mutuelle.»

(L. Hjelmslev apud A. Martinet, «Au Sujet des fondements...», p. 187)

A definição de Hjelmslev é de tal modo geral que será possível nela incluir os mais diversos sistemas de signos.

A estrutura linguística também é olhada sob diferentes pontos de vista. Para Louis Hjelmslev só as relações que se estabelecem entre os elementos devem ser considerados na estrutura linguística, deixando de lado a natureza física dos mesmos elementos e os traços da substância fónica ou semântica que os distinguem uns dos outros. Isto equivale a dizer que o objecto da linguística é uma série complexa de relações e que os elementos físicos participantes nessas relações não integram o objecto: os sons e os significados são posicionados fora da língua. Martinet propõe um modo diferente de olhar a estrutura linguística, advoga uma visão realista da estrutura:



«...le point de vue réaliste, selon lequel la structure est conçue comme un trait de la réalité linguistique... La fonction est le critère de la réalité linguistique.»

(A. Martinet, *Langue et fonction*, 1969, p. 15)

Noutro ponto da mesma obra explica o que entende por realidade linguística:

«Ce que l'on entend ici par «réalité» n'est pas un trait physique ou sémantique qui aurait été choisis au hasard, mais la réalité proprement linguistique et qui se définit comme telle parce qu'elle appartient à une langue donnée au sein de laquelle elle exerce une fonction définie.»

(A. Martinet, *ib.*, p. 12)

O ponto de vista da função fornecerá ao linguista uma hierarquia de valores, o que evitará o perigo de se submeterem os factos às exigências de um método.

Apresentamos a seguir um quadro que permite comparar as diferentes posições da glossemática e do funcionalismo face a questões idênticas:

#### GLOSSEMÁTICA

- 1 — Interesse pelas relações puras, relegando para segundo plano as substâncias.
- 2 — Isomorfismo dos planos da expressão e do conteúdo. Hjelmslev põe em evidência o paralelismo entre os dois planos da linguagem. Opõe globalmente expressão a conteúdo.
- 3 — Em consequência da recusa do estudo da substância verifica-se a tendência a igualar os diversos estádios da língua, negligenciando a diacronia.

#### FUNCIONALISMO

- 1 — A substância pertinente é tida em conta para classificar relações.
- 2 — A dupla articulação da linguagem não é simétrica, são dois planos diferentes. Martinet é sensível sobretudo à diferença qualitativa que separa fonemas de monemas.
- 3 — O princípio da pertinência permite distinguir a realidade linguística funcional.

Martinet alerta-nos para o facto de não serem possíveis comparações entre a teoria da dupla articulação e a oposição que Hjelmslev faz

entre os planos da expressão e do conteúdo <sup>(11)</sup>. Ele considera que é a apresentação saussuriana do significante e do significado que está na base do princípio glossemático do isomorfismo, porém postular tal princípio é nitidamente ultrapassar a teoria de Saussure em relação ao signo linguístico. Martinet reconhece que existem analogias na organização dos dois planos mas isso não altera em nada a subordinação dos sons ao sentido, facto que se opõe ao paralelismo postulado pela teoria de Hjelmslev. Este parece esquecer que a expressão está ao serviço do conteúdo.

Em comum com a glossemática, a teoria funcionalista adopta o processo dedutivo, não postulando a existência de qualquer característica que não decorra estritamente daquilo que define uma língua; recusa o formalismo excessivo que reduz o objecto da linguística ao exame das relações de dependência e a simetria dos dois planos da linguagem.

Criticando, tal como Martinet, a negação ou se preferirmos a indiferença em relação à natureza da substância proclamada por Hjelmslev, aparece-nos Roman Jakobson. Segundo ele a substância fónica não pode ser ignorada:

«Il est tout aussi impossible de soutenir que la forme linguistique est manifestée par deux substances équipollentes — graphique et phonique — que de prétendre que la forme musicale est manifestée par deux variables — les notes et les sons. Car, de même qu'on ne peut abstraire la forme musicale de la matière sonore qu'elle organise, de même la forme, en phonématique, doit être étudiée en relation avec la matière sonore que le code linguistique choisit, réadapte, dissèque et classifie selon ses propres voies.»

(R. Jakobson, *Essais de linguistique générale*, 1968, p. 117)

Tal como Martinet, também Jakobson põe em causa as «barreiras intransponíveis» entre os métodos sincrónicos e diacrónicos e explicita a necessidade de ultrapassar a atitude saussuriana face à diacronia. Para Saussure o eixo sincrónico e o eixo diacrónico opõem-se de modo antinómico. Para Martinet e para Jakobson ambos contêm aspectos estáticos e dinâmicos. Vejamos as palavras de Jakobson a esse propósito:

«Il me semble que la grande erreur et la grande confusion, la séparation tranchée entre synchronie et diachronie, a dans une large mesure été due à la confusion entre deux dichotomies. L'une est la dichotomie entre synchronie et diachronie, l'autre la dichotomie entre statique et dynamique. Synchronie n'est pas égal à statique.»

(R. Jakobson, *ib.*, p. 36)

O conceito de sincronia dinâmica proposto por Martinet (v. p. 43) coincide com o pensamento de Jakobson:

«Un changement est donc, à ses débuts un fait synchronique et, pour peu, qu'on s'interdise de simplifier à l'excès, l'analyse synchronique doit englober les changements linguistiques...»

(R. Jakobson, *ib.*, p. 37)

Mas, a par destes pontos de convergência entre Martinet e Jakobson encontramos outros de desacordo em relação a aspectos igualmente importantes em matéria linguística.

Em *Economie des changements phonétiques* Martinet critica o binarismo de Jakobson exposto em *Preliminaries to Speech Analysis*, em 1952:

Pour avoir le droit d'affirmer que toutes les oppositions phonologiques sont binaires, il faudrait ou bien avoir constaté, après examen exhaustif, que tel était le cas, ou bien être arrivé à prouver que, l'homme étant ce qu'il est, il ne peut faire autrement qu'organiser ses unités distinctives selon le mode binaire... Quelle que soit la conception qu'on se fait du «fonctionnement» synchronique d'un système phonologique, on n'y trouve aucune confirmation de la thèse du binarisme généralisé.»

(A. Martinet, *Économie des changements phonétiques*, 1955, p. 73)

Nestas palavras está também implícita a crítica aos universais da linguagem, teoria que bastante deve ao binarismo e que será desenvolvida por um aluno de Jakobson, Noam Chomsky. Segundo a linguística funcional o que deve interessar o linguista é precisamente o que distingue uma língua das outras línguas. Estas devem ser descritas nas suas especificidades evitando generalizações. Para Martinet «Décrire une langue, c'est préciser ce qui la différencie de toutes les autres langues.»

(A. Martinet, *Langue et fonction*, 1962, p. 8)

Resta ainda confrontar a teoria funcionalista com os ensinamentos de Ferdinand de Saussure.

Martinet não nega a herança saussuriana, e as posições que à primeira vista poderiam afigurar-se como antagónicas às posições de Saussure são, na verdade, complementares e não divergentes, enriquecendo e completando a mensagem saussuriana.

Quanto ao signo linguístico, que Saussure insiste em classificar só em termos psíquicos, em termos de conceito e imagem acústica (<sup>12</sup>), Martinet considera que o significante é formado por unidades perceptíveis distintas. O significante é uma realidade concreta a incluir na estrutura de uma língua, uma vez que o princípio de pertinência permite distinguir entre os factos físicos o que é pertinente do que o não é. Além do mais, significante e significado não devem ser colocados no mesmo plano:

«En Europe, sous l'influence de Saussure, la notion d'un signe linguistique, union indissociable de deux réalités données comme psychiques, le signifié et le signifiant, a retardé la prise de conscience du fait, pourtant évident, que le signifiant, manifeste, est là pour manifester un signifié non manifeste, pour donner de ce signifié une représentation en principe distincte de celle des autres signifiés de la langue, et que le rôle distinctif de ce signifiant est en quelque sorte, délégué à ses composants successifs, les phonèmes.»

(A. Martinet, *Syntaxe générale*, 1985, p. 10)

O significante «serve» o significado, pois, uma vez identificado o signo com a ajuda do seu significante constituído por unidades discretas e distintas, as atenções centram-se no significado. Não se deduza daqui que Martinet considera a fonologia e a morfologia menos importantes que outros aspectos na descrição de uma língua, o que se deve é dar lugar a pertinências sucessivas. Se num dado momento a identificação das unidades distintas é pertinente, uma vez essa etapa ultrapassada terá lugar a pertinência significativa. Não devemos também esquecer que Martinet se mantém fiel ao pensamento saussuriano respeitante à unidade do signo — cada uma das faces do signo não possui existência independente. Para Saussure o significante e o significado estão intimamente ligados e evocam-se um ao outro. O signo é o total resultante da associação de um com o outro.

Na sequência de tais considerações importa referir a noção de arbitrariedade a nível do signo. Como sabemos tal teoria não é nova, não é uma criação de Saussure. Se lembrarmos os escritos de Platão, especialmente *Crátilo*, e também de Aristóteles, *Periérmenias*, constatamos que se concebe já a atribuição dos nomes às coisas como produto da

convenção <sup>(13)</sup>. cremos, tal como Herculano de Carvalho <sup>(14)</sup>, que devemos entender as palavras «arbitrário» ou «imotivado» como «convencional». A relação entre significado e significante é fruto de uma imposição deliberada, necessária e finalística <sup>(15)</sup>. O signo nasce de uma convenção social arbitrária, dependendo de um consenso que não poderá ser modificado pelos indivíduos a seu bel-prazer, é portanto necessária a união do significante ao significado. Martinet, tal como a maioria dos linguistas contemporâneos, aceita e aponta tal facto:

«Noter, en effet, que rien dans les choses à designer justifie le choix de tel signifiant pour tel signifié, marquer que les unités linguistiques sont des valeurs, c'est-à-dire qu'elles n'existent que du fait du consensus d'une communauté particulière, tout ceci revient à marquer l'indépendance du fait linguistique vis-à-vis de ce qui n'est pas langue.»

(A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, 1965, 1974, p. 33)

Martinet relaciona o arbitrário linguístico com a dupla articulação. É a dupla articulação da linguagem que garante a arbitrariedade do signo, ou mais exactamente, são os *fonemas* que garantem essa arbitrariedade:

«Les phonèmes, produits de la seconde articulation linguistique, se révèlent ainsi comme les garants de l'arbitraire du signe.»

(A. Martinet, *ib.*, p. 34)

De outro modo os locutores poderiam modificar a pronúncia para que a expressão se adequasse à noção expressa:

«...à condition que se maintiennent les distinctions entre les signes, rien ne pourrait empêcher les locuteurs de modifier la prononciation des signifiants dans le sens ou, selon le sentiment général, l'expression deviendrait plus adéquate à la notion exprimée; l'arbitraire du signe serait, dans ce conditions, vite immolé sur l'autel de l'expressivité. Ce qui empêche ces glissements des signifiants et assure leur autonomie vis-à-vis des signifiés est le fait que, dans les langues réelles, ils sont composés de phonèmes, unités à face unique, sur lesquels le sens du mot n'a pas de prise...»

(A. Martinet, *ib.*)

A linearidade do discurso, princípio para Saussure tão importante quanto a arbitrariedade, tem também grande relevo para Martinet. É uma característica essencial da linguagem, determina a existência e a natureza da sintaxe, sendo esta concebida como o estudo e apresentação dos meios pelos quais as relações existentes entre os elementos da experiência podem ser transportadas para uma sucessão de unidades linguísticas de modo a que o receptor possa reconstruir a experiência que é objecto de comunicação. Diz Martinet: «La syntaxe, c'est comment on passe de la linéarité du texte à la globalité du sens. (...) le signifiant est là pour manifester le signifié (...) le signifié est une fin et le signifiant un moyen» (16). Nesta posição de Martinet pressentimos o pensamento saussuriano. Significante e significado não devem ser colocados no mesmo plano. Se Saussure não apresentou tão claramente as coisas deste modo foi porque não quis renunciar à sua definição de signo como entidade psíquica: «Le signe linguistique est donc une entité psychique à deux faces» (17). O significante é uma imagem acústica, não é o som material, a coisa puramente física. Afirmar que o significante manifesta o significado implica conceber o significante no plano da «parole», mas Saussure quer situar o signo no plano da «langue», logo permanece na definição mentalista de signo. Saussure é, de certo modo, prisioneiro da dicotomia «langue/parole». Para Martinet «There... is no justification for presenting, as Saussure does, the signifiant of linguistic signs as an acoustic image since it can be adequately identified in terms of relevant physical features.»

(A. Martinet, «Some Basic Principles...», *La Linguistique*, 13, 1977, 1, p. 10)

Quanto à dicotomia «sincronia/diacronia», Martinet critica a caracterização estática de sincronia que Saussure nos dá. Saussure estuda «um corte na árvore». Martinet estuda «a passagem da seiva» — a língua no seu funcionamento. É certo que também o próprio Saussure apresenta a língua em funcionamento quando nos dá a imagem de duas pessoas no desenrolar da comunicação linguística; permanece, porém, preso à concepção de uma sincronia estática. Martinet prefere a concepção humboldtiana da língua. Para Wilhelm Von Humboldt a língua é um *processo* e não um estado, uma *energeia* não um *ergon*. Há que estudá-la no seu desenrolar, algo que, mesmo no século XX, depois do *Curso* de Saussure, é por muitos esquecido. Ao representarmos a língua sob a forma de um texto escrito, somos levados a olhá-la como um produto e não como um processo. Somos levados a fixá-la, a «pará-la», não só na escrita, mas também quando descrevemos um sistema fonológico e um dado estado da língua, ou seja, quando fazemos o corte transversal

proposto por Saussure. Descrever, demonstrar, desnudar o funcionamento da língua deverá ser a tarefa primordial de todo o linguista. Esta é a proposta funcionalista: «La langue fonctionne et c'est ce fonctionnement qu'il nous semble, à nous fonctionnalistes, nécessaire de dégager.»

(A. Martinet, *Fonction et dynamique*, 1989, p. 27)

Ao lermos Saussure é-nos transmitida a ideia de que a sincronia é algo «plano»; Martinet propõe-nos uma nova concepção de sincronia: a *sincronia dinâmica*. O funcionamento linguístico, como qualquer funcionamento, não é plano, é uma sucessão de causas e de efeitos. Não de uma causa e de um efeito mas de um conjunto complexo de causas e de efeitos. No caso da linguagem a causa mais frequente é a necessidade de comunicar. Ao operar com uma sincronia dinâmica Martinet não rejeita de modo algum a oposição «sincronia/diacronia». As modificações momentâneas, passageiras, as que não afectam a língua de um modo duradouro inscrevem-se na sincronia dinâmica, as mudanças irreversíveis dizem respeito à diacronia. No caso do português, por exemplo, o sistema de quatro sibilantes, as apicais /s/ e /z/ e as pré-dorso-alveolares /ʃ/ e /ʒ/, está hoje irreversivelmente perdido. Tal oposição neutralizou-se e a maioria dos falantes do português actual não distingue a forma «paço» outrora pronunciada com /s/, da forma «passo» pronunciada com /ʃ/, ou ainda «coser» pronunciada com /z/ de «cozer» pronunciado com /ʒ/. Porém, a articulação ápico-alveolar pode ainda ser atestada em algumas regiões portuguesas, são no entanto relíquias pouco susceptíveis de imitação. Caso diferente é o da vibrante múltipla que conhece em português três realizações diferentes<sup>(18)</sup>, uma apical com vários batimentos [r̥], uma articulação uvular com batimentos da úvula [r̠] e ainda uma constritiva dorsal surda [x]. A articulação uvular parece ser a mais frequente, no entanto esta preferência por [r̠] atesta-se só nos fins do século passado e muitos locutores continuam a pronunciar [r̥]. Não é ainda de excluir a possibilidade de inversão dessa tendência e que [r̠] se torne mais usual. Estamos no campo da sincronia dinâmica, não da diacronia. Ao estudar o funcionamento de uma língua estudam-se necessariamente as mudanças linguísticas, pois elas resultam do funcionamento da língua. Uma língua muda sem deixar de funcionar, está em constante mudança. Para Martinet «une langue change parce qu'elle fonctionne». Nesta perspectiva, um estudo verdadeiramente sincrónico não pode descurar essa dinâmica da língua. Não há qualquer contradição entre o funcionamento e a evolução de uma língua:

«Une conception dynamique de l'étude synchronique résulte nécessairement d'une pratique de la description des états de langue où la formalisation structuraliste se trouve soigneusement endiguée par le souci constant de ne pas déformer la réalité langagière: puisque, en réalité, la langue change à chaque instant, toute description qui ne retient pas compte de l'évolution est nécessairement déformante.»

(A. Martinet, *Fonction et dynamique*, 1989, p. 52)

Não se põe em causa a validade da dicotomia saussuriana sincronia/diacronia; faz-se uma chamada de atenção para a unidade desses dois modos de estudar um mesmo objecto:

«Sans rendre caduque la dichotomie saussurienne synchronie/diachronie, une vision fonctionnelle, c'est-à-dire dynamique des faits du langage doit permettre de rétablir entre tout ceux qui en traitent, une unité qu'une approche trop strictement formelle de la réalité linguistique avait affectée au détriment de tous, comparatistes aussi bien que descripteurs.»

(A. Martinet, *ib.*, p. 52)

Do que fica exposto apercebemo-nos que a teoria funcionalista difere das outras teorias linguísticas pela insistência que coloca numa visão dinâmica dos factos. Afasta-se também de muitas delas na medida em que recusa fazer das hipóteses iniciais postulados que condicionem a pesquisa, e dos modelos criados pelo investigador recusa-se a fazer o alfa e ómega da investigação em detrimento do verdadeiro objecto — a língua. Nesta medida o funcionalismo pode ser apelidado de «realista», uma vez que se recusa a «mutilar» o objecto de modo a que ele encaixe em modelos pré-formulados. Há que ter sempre em consideração os objectos reais que são as línguas, muitas vezes extremamente diferentes umas das outras. Para Martinet o linguista deverá desenvolver uma aproximação dedutiva, fundada sobre uma base empírica tendo como único axioma a definição de língua e considerando sempre que toda e qualquer língua não é um produto acabado, mas um processo, uma actividade, não devendo a análise trair essa realidade dinâmica:

La réalité est toujours en mouvement. L'image que l'on donne d'une langue ne doit jamais trahir cette dynamique permanente.»

(A. Martinet, *ib.*, p. 7)



## NOTAS

(<sup>1</sup>) Ver N. Trubetzkoy, *Principes de phonologie*, Paris, Éditions Klincksieck, 1939, 1976, p. 5.

(<sup>2</sup>) Comparem-se, por exemplo, as seguintes palavras de Saussure e as de Trubetzkoy:

«[ la langue ] c'est un trésor déposé par la pratique de la parole dans le sujets appartenant à une même communauté, un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau, ou plus exactement dans les cerveaux d'un ensemble d'individus...»

(Saussure, *Cours de linguistique générale*, Paris, Payothèque, 1916, 1976, p. 30).

«La langue existe dans la conscience de tous les membres de la communauté linguistique en cause...»

(N. Trubetzkoy, *Principes de phonologie*, p. 1).

(<sup>3</sup>) Ver o artigo de Henry G. Schogt, «Baudouin de Courtenay and Phonological Analysis», *La Linguistique*, 1966, 2, pp. 15 a 29.

(<sup>4</sup>) Ver *Principes de phonologie*, pp. 5, 10, 41-42.

(<sup>5</sup>) Ver a obra de Jacqueline Fontaine, *El Círculo Lingüístico de Praga*, Madrid, Gredos, 1980.

(<sup>6</sup>) A. Martinet *Studies in Functional Syntax*, 1975, p. 36.

(<sup>7</sup>) Cf. a crítica de A. Martinet em *Économie des changements phonétiques*, 1955, p. 14.

(<sup>8</sup>) A este respeito consideramos muito elucidativo o artigo de A. Martinet «A Functional view of Grammar» in *Studies in Functional Syntax*, 1975, p. 82-88.

(<sup>9</sup>) A palavra «isomorfismo», é utilizada por J. Kurylowicz em «La notion d'isomorphisme», *Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague*, 5, 1940, pp. 48 a 60.

(<sup>10</sup>) Note-se que a definição aqui apresentada, que data de 1982, é igual à apresentada em *Elementos de Linguística Geral* excepto quanto ao termo «vocale» que substitui «phonique», pois se «phonique» refere o som em geral, «vocale» refere-se ao som produzido pelas vibrações glotais. Ver também *Syntaxe générale*, pp. 25-26 e *Langue et fonction*, pp. 42-43.

(<sup>11</sup>) A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, p. 27.

(<sup>12</sup>) F. de Saussure, *Cours*, p. 98 «...les termes impliqués dans le signe linguistique sont tout deux psychiques...»

(<sup>13</sup>) Ver M. Barreto, «A Convencionalidade do Signo Lingüístico em Aristóteles», separata da *Revista de Ciências do Homem*, vol. III, série A, Universidade de Lourenço Marques, 1970.

(<sup>14</sup>) J. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, vol. I, Coimbra Editora, 6.ª ed., pp. 172-173.

(<sup>15</sup>) Consideramos o signo arbitrário e necessário, não vendo qualquer contradição entre os dois termos, ao contrário do que afirma E. Benveniste em «Nature du signe linguistique», *Problèmes de linguistique générale*, pp. 49 a 55.

(<sup>16</sup>) Ver *Fonction et dynamique des langues*, p. 54.

(<sup>17</sup>) Ver Saussure, *Cours*, p. 99.

(<sup>18</sup>) Ver o artigo de J. Morais Barbosa «Sur le /R/ Portugais» in *Estructuralismo e História, Miscelânea Homenaje a André Martinet*, ed. Diego Catalan, Canárias, 1962.

## DA SEGUNDA ARTICULAÇÃO

### 2.1 — INTRODUÇÃO

Martinet define uma língua como um instrumento de comunicação duplamente articulado e de carácter vocal:

«La double articulation du langage est celle selon laquelle l'expérience à communiquer s'articule en unités signifiantes, la manifestation vocale de chacune d'entre elles s'articulant à son tour en unités distinctives.»

(A. Martinet, *Syntaxe générale*, 1985, p. 22)

Na primeira articulação a experiência é analisada em unidades providas de conteúdo semântico e expressão vocal, na segunda os significantes analisam-se em unidades distintivas e sucessivas sem significado. A natureza de uma e de outra é bastante diferente uma vez que na primeira articulação estão em causa unidades de dupla face, signos, segundo a terminologia saussuriana, enquanto a segunda articulação abrange somente uma das faces do signo — a face significante, que se constitui de unidades distintivas e sucessivas, desprovidas de conteúdo semântico. Estas unidades, de número fixo em cada língua, estabelecem entre si relações que também variam de língua para língua. Será mais correcto dizer que o número de unidades distintivas é «relativamente fixo», pois, mesmo no interior de uma pequena comunidade linguística há sempre a possibilidade de encontrarmos não apenas um sistema fonológico fixo, mas vários sistemas que coexistem num mesmo tempo e num mesmo espaço. Além de que cada locutor pode variar o seu sis-

tema fonológico individual. Aos 40 anos podemos fazer distinções fonológicas que não fazíamos aos 15, por exemplo. Ou ainda, numa mesma época um locutor pode passar deliberada ou inconscientemente de um sistema a outro. Devemos ter sempre presente que uma língua nunca é totalmente homogénea. Em sincronia, tal como em diacronia, a dinâmica da língua tem obrigatoriamente de ser considerada.

Da dupla articulação decorre o princípio da economia linguística. Só a dupla articulação permite ao homem dispor de um instrumento de comunicação que satisfaz o vastíssimo número de diferentes necessidades comunicativas. Com algumas dezenas de fonemas asseguramos a identidade de todos os monemas requeridos, e por sua vez com estes formamos todas as mensagens necessárias. A segunda articulação é ainda o garante da arbitrariedade do signo (ver cap. I, p. 41).

Sendo um objecto sonoro, o significante tem uma existência física, é algo manifesto que nos dá a conhecer uma outra realidade não manifesta que é o significado. Confrontados com esta evidência parece-nos, concordando com Martinet, ser perfeitamente normal que a descrição linguística se inicie pelos factos manifestos — a segunda articulação:

«...na comunicação linguística, «significa-se» algo não manifesto por meio de algo manifesto. Por isso é normal partir o descritor, que examina factos observáveis, do que é manifesto — os significantes —, para daí passar ao que o não é. ... é natural começar-se a descrição de uma língua expondo a sua fonologia, quer dizer, tratando do que chamámos a segunda articulação.»

(A. Martinet, *Elementos de Linguística Geral*, 1960, 1985, p. 41)

Uma vez descrita a segunda articulação, centrar-se-á o trabalho do linguista na primeira articulação, onde se apresentam unidades com um grau de complexidade muito superior ao das unidades distintivas, uma vez que possuem uma face significada (tal aspecto será abordado no parágrafo intitulado *Axiologia*).

Martinet considera que a análise linguística assenta em dois pilares — a fonologia e a sintaxe. Deles nos ocuparemos em seguida adoptando para o nosso percurso a metodologia preconizada em relação à análise linguística: começar pela segunda articulação.

## 2.2 — A FONOLOGIA OU FONÉTICA FUNCIONAL

De início os termos «fonética» e «fonologia» eram usados indiferentemente, designando ambos a mesma realidade (<sup>1</sup>). Com a Escola de Praga, o vocábulo «fonologia» impôs-se acabando por designar uma nova ciência. Em 1931, o «Projet de terminologie phonologique standardisée», publicado em *Travaux du cercle linguistique de Prague* (TCLP 4), define fonologia como «partie de la linguistique traitant des phénomènes phoniques au point de vue de leurs fonctions dans la langue», e fonética como «discipline auxiliaire de la linguistique traitant des phénomènes phoniques du langage, abstraction faite de leurs fonctions dans la langue».

Se nos socorrermos do princípio de pertinência facilmente estabeleceremos a diferença entre fonética e fonologia, mas útil será ainda relembrar a diferença entre «linguagem» e «línguas». Seguindo Martinet, diremos que a linguagem é o uso que a humanidade faz da fala como instrumento de comunicação, enquanto as línguas serão cada uma das modalidades particulares desse uso. Retomando a distinção necessária entre fonética e fonologia definiremos a fonética como a ciência que estuda os sons da linguagem de um modo geral, não tendo em conta a língua a que pertencem, ao passo que a fonologia os considera enquanto pertencentes a uma dada língua. Martinet dá-nos as seguintes definições:

«La phonétique est l'étude de la phonation en général, c'est-à-dire le fonctionnement des organes qui participent à la production et à la réception des sons du langage... La phonologie est l'étude de la façon originale dont chaque langue met à profit les ressources de la phonation pour assurer la communication entre ses usagers.»

(A. Martinet, *Fonction et dynamique*, 1989, p. 112)

A diferença entre uma e outra baseia-se numa pertinência distintiva. A fonologia pode ser entendida como um modo particular de encarar a fonética. A fonologia será a fonética tratada de um ponto de vista funcional e estrutural, daí a justeza da denominação de fonética funcional empregue por Trubetzkoy e retomada por Martinet (<sup>2</sup>). A fonologia é a fonética funcional como o comprova a prática funcionalista da descrição linguística, ilustrada por numerosos trabalhos dos quais citamos, a título exemplificativo, *La Description phonologique, avec application au parler franco-provençal d'Hauteville*, de 1956, da autoria de André Martinet e *Études de phonologie portugaise* de 1965, da autoria de Jorge Morais Barbosa.

A fonologia é um capítulo da linguística funcional de particular importância, pois está na origem do movimento que renovou toda a ciência da linguagem.

## 2.3 — FONÉTICA E FONOLOGIA— DISCIPLINAS COMPLEMENTARES?

Em *Grundzüge der Phonologie*, Trubetzkoy postula a existência de duas ciências dos sons da linguagem. A sua argumentação baseia-se na distinção saussuriana «langue-parole». Necessariamente existirá uma ciência dos sons da fala e uma ciência dos sons da língua:

«Nous donnerons à la science des sons de la parole le nom de phonétique et à la science des sons de la langue le nom de phonologie.»

(N. Trubetzkoy, *Principes de phonologie*, 1939, 1976, p. 3)

Lamentando que o próprio Saussure não tenha estabelecido tal distinção, Trubetzkoy refere a obra de Baudouin de Courtenay onde, apesar de não haver uma divisão explícita, Courtenay fala da necessidade de existirem duas fonéticas descritivas distintas uma da outra, a que estudasse os sons concretos como fenómenos físicos e a que os estudasse como sinais fónicos empregues para fins de intercompreensão no seio de uma comunidade linguística. As ideias de Courtenay foram porém conhecidas de um número limitado de discípulos seus, e só em 1928, no congresso de Haia, R. Jakobson, S. Karčevsky e o próprio Trubetzkoy formulam claramente a distinção entre o estudo dos sons da fala e o estudo dos sons da língua <sup>(3)</sup>. Numa perspectiva saussuriana só a fonologia seria ciência linguística e empregaria métodos puramente linguísticos, psicológicos ou sociológicos, enquanto a fonética, ao estudar fenómenos físicos, deveria empregar métodos das ciências naturais.

A distinção entre fonologia e fonética elaborada por Trubetzkoy em paralelo com a dicotomia «langue/parole» não é totalmente aceite por Martinet. Se é ponto assente que o que é funcional pertence à língua, poderemos dizer que pertence à fala tudo o que o fonólogo considerar não pertinente? Certamente que não, pois factos normais e constantes de uma língua, como são certo tipo de variantes, não podem ser relegados para a «parole» e ignorados na descrição fonológica de uma língua. Como observa Martinet:

«Le choix des variantes combinatoires est souvent imposé aux sujets par des habitudes linguistiques particulières, et ceci suggère que chaque idiome possède, à côté de son système phonologique, un système phonétique qui ressortirait à la langue et non à la parole.»

(A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, 1965, 1974, p. 90)

Verificamos que Martinet dá a «langue» um sentido mais amplo do que o de sistema funcional. No sistema funcional só são tidos em conta os elementos pertinentes para a comunicação. Não o sendo estas variantes, onde as deveremos considerar? Ao posicioná-las na língua Martinet abrange na «langue» o *sistema* e a *norma* de Coseriu. André Martinet apresenta-nos, assim, um repensar da oposição saussuriana «langue/parole» <sup>(4)</sup>.

Vários linguistas dão particular relevo a este aspecto para o qual Martinet nos alerta. Esses autores defendem que a distinção não deve ser só entre fonética e fonologia. É o caso de Herculano de Carvalho que apresenta em *Teoria da linguagem* uma tripartição do estudo do plano fónico, seguindo a proposta de Coseriu da distinção entre «*sistema, norma e fala*» em detrimento da dicotomia saussuriana «langue/parole». Assim, Herculano de Carvalho considera a fonética a disciplina linguística que estuda o significante enquanto objecto sonoro, nela distinguindo três fonéticas, a saber: fonética material ou da fala; fonética normal ou da norma e fonética do esquema. A primeira encara o significante «como uma mera coisa, como fenómeno momentâneo e único, em sua própria fisicidade, na sua materialidade imediata», a segunda centra-se no «modelo ou esquema normal de realização que permite ao indivíduo produzir, nos actos concretos de fala, o mesmo significante» e a terceira «analisa o significante abstraindo já totalmente das suas realizações momentâneas variáveis e únicas» <sup>(5)</sup>.

A distinção necessária entre fonética e fonologia, enunciada por Trubetzkoy, não implica no entanto uma separação radical entre as duas. O mesmo defende Martinet uma vez que a fonologia se baseia obrigatoriamente nas realizações concretas, na «substância fonética». Partindo da realidade fonética e tendo como princípio orientador a pertinência distintiva, o fonólogo poderá extrair dessa realidade o que é verdadeiramente linguístico, o que deverá ser estudado pela fonologia.

A mesma questão, das relações entre fonética e fonologia, coloca Jorge Morais Barbosa num artigo intitulado «Fonética e Fonologia. Problemas Teóricos e Metodológicos» <sup>(6)</sup>. Cremos que as suas palavras traduzem fielmente a posição da linguística funcional, que partilhamos

na íntegra: «É para mim ponto assente que a Fonética e Fonologia não podem ignorar-se e que, bem longe de se se oporem, antes se supõem e completam.»

A complementaridade entre as duas disciplinas é hoje aceite pela maioria dos linguistas (?). Fonética e fonologia relacionam-se de modo estreito e necessário.

## 2.4 — O FONEMA

Situados no domínio da segunda articulação importa identificar as entidades mínimas — os fonemas — unidades distintivas e sucessivas (<sup>8</sup>).

O termo fonema aparece no século XIX frequentemente utilizado para referir qualquer unidade de som da linguagem humana (<sup>9</sup>).

Na obra do polaco Jan Baudouin de Courtenay (<sup>10</sup>) encontramos o germe do conceito de fonema tal como o concebemos hoje. Courtenay fala de uma entidade que ele considera ser o equivalente psíquico do som da fala. No entanto a sua exposição peca por falta de clareza e por um cariz demasiado psicológico como acusa Trubetzkoy, que defende uma noção linguística e não psicológica de fonema: «le phonème est avant tout un concept fonctionnel, qui doit être défini par rapport à sa fonction» (<sup>11</sup>).

Na América, Edward Sapir desenvolve, também em moldes psicológicos, a reflexão sobre as unidades do sistema ideal a que se refere como «sound-patterns» ou «points in the pattern». Encontramos em Sapir a ideia (tal como em Courtenay), de que para além do sistema fonético objectivo e específico de uma língua, existe um outro interior ou ideal. Em relação a Trubetzkoy, com quem Sapir mantém contactos (<sup>12</sup>), este apresenta-se-nos, contrariamente àquele, como defensor da realidade psicológica do conceito de fonema.

Saussure usa também o neologismo fonema, e embora por vezes pareça que o faz simplesmente em substituição de «som da fala», revela noutras passagens a intuição de que os fonemas valem essencialmente pelo facto de se oporem. Segundo Mattoso Câmara Jr. «aqui está em verdade em embrião o conceito estruturalista de fonema» (<sup>13</sup>).

Hoje o termo é usado pela maior parte dos investigadores e embora não exista uma identidade total de opiniões quanto ao conceito, cremos ser lícito falar de um certo consenso a esse respeito.

Especificamente em relação à linguística funcional há que sublinhar, uma vez mais, a importância do conceito de pertinência, pois é a sua aplicação ao material fónico de uma língua que nos permitirá identificar as unidades funcionais de segunda articulação — os fonemas:

«L'application du principe de pertinence au matériel phonique d'une langue permet de dégager un nombre défini d'unités fonctionnelles entre lesquelles les sujets parlant ont le choix pour former des mots ou des éléments morphologiques distincts. Ces unités fonctionnelles ont reçu le nom de phonèmes.»

(A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, 1965, 1974, p. 53)

#### 2.4.1 — CARÁCTER PSÍQUICO «VERSUS» CARÁCTER VOCAL

As tendências «psicologistas» da fonologia inicial (Courtenay, Saussure, Sapir) foram duramente criticadas, tendo Trubetzkoy promovido uma verdadeira «caça» a todos os traços de psicologismo existentes nos seus trabalhos. Martinet também se nega a aceitar uma «fonologia psicológica», apontando a Saussure o erro que foi insistir em que as duas faces do signo são psíquicas <sup>(14)</sup>. Martinet defende que a substância fónica não deve nem pode ser ignorada. De entre as características de uma unidade fónica o linguista reterá as pertinentes, sendo pertinentes todas as características fónicas que tiverem uma função distintiva na língua em questão. A realidade física não é ignorada, mas não é também confundida com a realidade linguística. Como facilmente se comprova, uma mesma realidade física pode não ter qualquer função distintiva numa língua X e tê-la numa língua Y, daí que só interesse ao linguista aquilo que for pertinente para a língua estudada. Por exemplo, em francês o locutor pode articular a vibrante com um único batimento da língua ou com vários, sendo o som que produz sempre identificado com a mesma unidade distintiva, dado que na língua considerada só existe um fonema vibrante. Em português a articulação da vibrante com um ou vários batimentos produz unidades linguísticas distintas /r/ e /r̄/, que distinguem pares como /'karu/ e /'kaṛu/.

#### 2.4.2. — IDENTIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Na identificação de fonemas a linguística funcional utiliza essencialmente a comutação: «Pour dégager les phonèmes d'un parler, on procède à l'opération appelé commutation.»

(A. Martinet, *Description phonologique*, 1956, p. 40).



A operação referida por Martinet deve o seu nome a Hjelmslev, mas o seu uso verifica-se já na Escola de Praga. Consiste esta operação em substituir num dado monema um segmento fónico por outro atestado na mesma língua, de modo a verificar se ao novo significante assim obtido corresponde um novo significado. A alteração de significado prova a existência de fonemas diferentes. Escolhem-se para tal pares-mínimos ou quase-homónimos. Diremos, por exemplo, que /b/ se opõe a /p/ por distinguir signos como /'bata/ e /'pata/. Esta operação não é possível sem uma referência ao significado. É porque /'bata/ tem um significado diferente de /'pata/ que podemos identificar duas entidades distintas. A comutação não funciona sem um recurso ao significado.

Outro procedimento possível na análise dos fonemas é o método distribucional proposto pela linguística norte-americana: os segmentos susceptíveis de aparecerem nos mesmos contextos são fonemas, os que nunca aparecem no mesmo contexto são variantes de uma mesma unidade fonológica. O método distribucional é fruto de uma tentativa de excluir radicalmente o sentido na identificação do sistema fonológico de uma língua. Mas a verdade é que mesmo os distribucionalistas não deixam de recorrer ao sentido — na própria análise de línguas ameríndias socorrem-se de informadores indígenas que conhecem o sentido das formas utilizadas para que eles indiquem as oposições pertinentes. Como bem escreveu Martinet, numa clara alusão aos distribucionalistas:

«É um facto que até hoje nenhum linguista parece ter-se lembrado de analisar e descrever uma língua da qual nada entendesse. É de crer que uma empresa do género exigirá, para ser levada a cabo, dispêndio tal de tempo e de energias que perante ela recusaram aqueles mesmos que nesse método vêem o único teoricamente aceitável».

(A. Martinet, *Elementos de Linguística Geral*, 1960, 1985, p. 38)

Martinet mostra preferência pela comutação, no entanto reconhece validade ao método distribucional e chega a considerá-los como complementares:

«On sait que toute unité distinctive peut être définie de deux façons différentes. D'une part en référence aux contextes où elle apparaît... D'autre part, en notant les traits de substance phonique... qui distinguent cette unité des autres unités du même plan... selon

les cas, c'est l'une ou l'autre d'entre elles qui donne le plus rapidement un résultat et qui permet la formulation la plus simple. En réalité, ces deux méthodes sont complémentaires.»

(A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, 1965, 1974, pp. 130-131)

Para estabelecermos o inventário de fonemas de uma língua devemos então socorrer-nos dos dois métodos, pela comutação separamos os elementos distintivos, seguidamente identificaremos as variantes pela sua distribuição tendo sempre presente o critério da semelhança fonética.

## 2.5 — SISTEMA FONOLÓGICO

A descrição/identificação de um fonema passa obrigatoriamente pelas relações que ele estabelece com os outros fonemas da língua em causa. Só se apreende com fidelidade a natureza do fonema se este for colocado no sistema onde assume as suas funções. O essencial no trabalho do fonólogo é identificar o que distingue um dado fonema dos restantes, pois cada um deles é definido e define os outros. De acordo com as palavras de Martinet: «Chaque phonème contribue à déterminer la nature phonologique de ses voisins, et voit la sienne propre déterminée par eux» (Id., p. 61).

Saussure concebe as unidades linguísticas como opositivas, relativas e negativas. Nesta linha Martinet define o fonema como uma entidade opositiva, dependente das relações com os outros fonemas, um feixe de diferenças pertinentes: «les phonèmes ne sont ce qu'ils sont que par opposition aux autres phonèmes de la langue» (Id., *ib.*).

Mas será aqui fundamental sublinhar que para Martinet o fonema não é só uma entidade negativa, possui uma identidade própria, é uma unidade, é constituído por um certo número de traços, tem uma existência efectiva, pode ser identificado graças aos seus traços distintivos particulares.

Em sintonia com Martinet testemunhamos a posição de Herculano de Carvalho:

«Integrada no complexo de relações, que constitui a estrutura do seu sistema, cada uma das unidades fónicas ou significativas possui um valor funcional ao mesmo tempo absoluto e relativo, isto é, um valor que, sendo-lhe peculiar e próprio — permitindo-lhe

exercer uma função específica em cada uma das suas ocorrências na fala concreta —, é simultaneamente determinado e delimitado pelo valor das outras entidades com as quais está imediata ou mediadamente relacionada» (15).

(Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, 1984, p. 409)

Insistimos aqui no facto de que um fonema só pode ser definido dentro de um determinado sistema fonológico, tendo essa identificação um valor intralinguístico. O mesmo som pode existir em várias línguas mas a sua identificação fonológica varia em cada uma delas dependendo das relações do fonema considerado com os outros fonemas da língua. Em português a lateral /l/ diferencia-se de todos os fonemas não laterais pelo traço da lateralidade, mas necessita de outro traço para se distinguir da outra lateral /ʎ/, da qual se distingue pela apicalidade. Em francês /l/ é o único fonema lateral, pelo que esse traço lhe basta para o diferenciar de todos os outros fonemas da língua francesa.

Cada fonema só pode ser definido dentro de um sistema fonológico particular.

## 2.6 — RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E PARADIGMÁTICAS

Como dissemos anteriormente a identificação das unidades de segunda articulação deve ter em conta a maneira como as entidades linguísticas se relacionam entre si. Por um lado encontram-se ordenadas em sucessão, estabelecendo relações directamente observáveis no enunciado, este tipo de relações que se desenrolam no eixo sintagmático denominam-se relações sintagmáticas. Por outro lado as mesmas unidades estabelecem relações de oposição com aquelas que não estando presentes poderiam estar no seu lugar, produzindo uma alteração de significado. Estas relações ocorrem no eixo paradigmático e são chamadas relações paradigmáticas ou oposições. Por exemplo, diremos que /p/, /b/, /l/ e /g/ se opõem na medida em que podem ocorrer em posição inicial seguidos da sequência /-ata/, formando diversos signos: /'bata/, /'lata/ e /'gata/. Os signos linguísticos realizam-se linearmente, sucedendo-se o seus constituintes uns aos outros, numa dada ordem. A ordem pela qual as unidades se sucedem é fundamental para a identificação do signo, a sequência /'tapa/, constituída pelos mesmos fonemas de /'pata/, forma um outro signo da língua portuguesa.

Importa ainda sublinhar que certas sequências são possíveis e outras não: por exemplo, não se atesta em português a sequência \*/tpaa/. Toda e qualquer mensagem se organiza com base em relações deste tipo, relações sintagmáticas, relações estas que decorrem do princípio da linearidade do signo, enunciado por Saussure. A importância das relações paradigmáticas não deve, porém, ser menosprezada. Os dois eixos são complementares e só tendo em conta a ambos se poderá fazer a correcta identificação dos elementos de uma língua.

Martinet critica os bloomfieldianos por restringirem o seu campo de interpretação à cadeia falada, e pela «repugnância» que demonstram em aceitar a realidade das relações paradigmáticas (<sup>16</sup>).

A análise fonológica, numa perspectiva funcional, deve fazer uma distinção explícita entre as relações de contraste na cadeia falada e as relações de oposição no sistema.

A análise fonológica visa classificar os elementos fónicos de uma língua segundo a sua função nessa língua. A principal função dos fonemas é a função opositiva ou distintiva que permite identificar um signo por oposição a outros.

## 2.7 — DISTINÇÃO ENTRE FONEMAS E VARIANTES

Trubetzkoy dedica o segundo capítulo de *Grundzüge der Phonetik* à determinação de fonemas. Para tal enuncia quatro regras que permitem distinguir variantes facultativas, de variantes combinatórias e de fonemas. A escola americana designa as variantes como alofones, e embora não faça qualquer uso explícito das regras de Trubetzkoy chega aos mesmos resultados. Quanto a esta matéria a teoria de Martinet segue a linha geral da investigação linguística, distinguindo entre variantes combinatórias ou contextuais e variantes individuais.

As variantes combinatórias são determinadas pela própria língua, um fonema realiza-se de modos diferentes consoante os contextos. Em português temos o exemplo da fricativa que se realiza palatal surda antes de consoante surda ([<sup>h</sup>deštə]) e que se realiza sonora antes de consoante sonora ([<sup>h</sup>deždə]).

As variantes individuais dependem não do contexto, mas do locutor que tem, em certos casos, a possibilidade de optar, conscientemente ou não, entre mais do que uma realização sem que se produza mudança de significado. Como exemplo de variantes individuais ou facultativas podemos aqui referir, novamente, o caso da vibrante múltipla em português que apresenta três possíveis realizações (ver cap. I, p. 43).

## 2.8 — O FONEMA E OS TRAÇOS DISTINTIVOS

De início os fonemas são considerados elementos indecomponíveis. O Congresso de Fonologia de Praga, em 1930, define-os como unidades fonológicas, não susceptíveis de decomposição em unidades inferiores ou mais simples.

Na América, Bloomfield apresenta uma concepção algo diferente. Partindo da matéria fónica no seu «continuum» sonoro considera a existência de vários traços (acoustic features), observando que alguns são distintivos e outros não:

«Among the gross acoustic features of any utterance, then, certain ones are distinctive, recurring in recognizable and relatively constant shape in successive utterances. These distinctive features occur in lumps or bundles, each one of which we call a phoneme.»

(L. Bloomfield, *Language*, 1933, 1984, p. 79.)

Como podemos constatar, Bloomfield define fonema como um conjunto de traços fónicos distintivos. Os fonemas de uma língua não são os sons, mas esses feixes de traços que nos permitem produzir e reconhecer enunciados distintos. Esses traços distintivos nunca aparecem em «estado puro», mas sim acompanhados de outros traços não distintivos:

«It would be useless to try to produce the distinctive features in a pure state, free from non-distinctive accompaniments... The phonemes of a language are not sounds, but merely features of sound which the speakers have been trained to produce and recognize in the current of actual speech sound...»

(Idem, *ib.*, p. 80)

Trubetzkoy, oito anos depois do Congresso Internacional de Praga, apresenta uma definição semelhante à de Bloomfield:

«On peut dire que le phonème est la somme des particularités phonologiquement pertinentes que comporte une image phonique. Chacun des sons concrets produits et perçus dans l'acte de parole comporte, outre des particularités phonologiquement pertinentes, beaucoup d'autres particularités non pertinentes au point de vue phonologique.»

(N. Trubetzkoy, *Principes de phonologie*, 1939, 1976, p. 40)

A noção de fonema como um conjunto de traços é, pois, um legado quer da linguística norte americana quer da linguística europeia de Praga.

Em *Économie des changements phonétiques* Martinet dedica alguns parágrafos aos «traços distintivos, articulatórios ou acústicos», definindo-os do seguinte modo:

«En phonologie on dit qu'un trait est caractéristique, distinctif ou pertinent lorsqu'il suffit, à lui seul, à distinguer entre mots ou formes.»

(A. Martinet, *Économie des changements phonétiques*, 1955, 1964, p. 68)

Os traços apresentados por Martinet têm uma base articulatória e acústica, por exemplo o /d/ é caracterizado pelos seguintes traços pertinentes: apicalidade, sonoridade, não-nasalidade (ou oralidade), não lateralidade (<sup>17</sup>). Esta classificação do /d/ em português resulta da oposição que ele estabelece com outros fonemas. Por exemplo em posição inicial temos o par «dão» e «são»; /d/ é realizado com o fechamento do canal expiratório por acção da ponta da língua nos dentes ou nos alvéolos superiores, havendo em simultâneo vibração das cordas vocais e sendo esse fechamento seguido por uma explosão. No caso de /s/ não há fechamento mas sim fricção do ar entre os alvéolos superiores e a parte anterior do dorso da língua, sem qualquer vibração das cordas vocais. Será que tais características se associam sempre de igual modo? Só a comparação com outros fonemas nos permitirá responder. Se considerarmos a palavra «tão» apercebemo-nos de que /t/ se opõe a /d/ só pela ausência de vibrações glotais, pois a língua comporta-se de modo idêntico. Para realizar /d/ necessitamos então de uma articulação oclusiva apical, que o distingue de /s/ (entre outros) mas não o distingue de /t/, e de vibração das cordas vocais para se distinguir de /t/. O /d/ tem de ser sucessivamente comparado com todos os outros elementos do sistema para que se possam identificar os traços distintivos. O que é distintivo numa língua pode não o ser noutra, temos o exemplo já referido de /l/ que em francês é caracterizado por um único traço pertinente — a lateralidade, enquanto em português o /l/ é caracterizado pela lateralidade e pela apicalidade, sendo este último o traço que o distingue de /λ/. Depois de identificarmos todos os traços pertinentes que caracterizam os fonemas de uma língua e os agruparmos por serem ou não caracterizados por determinados traços obteremos várias classes como por exemplo : «surdas» — /p f t s ʃ k/ «sonoras» — /b v d z ʒ g/;

«nasais» — /m n ñ/ e «orais» — /p b t d l.../, etc. Os termos que designam os traços não descrevem propriamente as diversas articulações, por isso devem ser entendidos como convencionais: «Le terme que désigne un trait distinctif doit toujours être compris comme conventionnel et non descriptif.»

(A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, 1965, 1974, pp. 144-145)

A concepção de traço pertinente implica um sistema de oposições proporcionais, porque, por exemplo, o que a designação «surdo» implica é a proporção das relações entre /p/ e /b/, /t/ e /d/, /k/ e /g/, etc., independentemente do facto de as realizações fonéticas que distinguem /p/ e /b/ serem idênticas ou não às que distinguem /k/ e /g/.

As classes de fonemas caracterizadas por um mesmo traço mas com diferentes pontos de articulação chamam-se *séries*. Em português temos a série de surdas /p f t s š k/ entre outras. Os fonemas cuja articulação acontece no mesmo ponto formam *ordens*, por exemplo a ordem das bilabiais /p b m/.

André Martinet alerta-nos para o facto de a análise de fonemas em traços distintivos como ele a pratica não dever ser confundida com a praticada pelos binaristas, nomeadamente por Jakobson:

«Certes, l'une et l'autre derivent, en dernière analyse, des recherches phonologiques poursuivies en Europe au cours des années trente sous la direction du maître de Vienne. Mais, tandis que nous avons toujours tendu à éliminer ce qu'il pouvait y avoir de subjectif dans l'analyse troubetzkoyenne et à ne jamais sacrifier l'originalité de chaque système, le binarisme a, au contraire, procédé par affirmations de caractère général et cherché à faire entrer toute réalité phonologique dans des cadres préétablis.»

(Id., *ib.*, p. 68)

A identificação dos fonemas resulta da enumeração dos seus traços pertinentes, aqueles que asseguram a sua distinção dos outros fonemas da língua. A identificação confunde-se, no caso do fonema, com a sua definição. Cada fonema é analisável num feixe de características ou traços, sendo algumas delas pertinentes, ou funcionalmente distintivas, enquanto outras serão irrelevantes. Os traços pertinentes são, na verdade, o que importa identificar em fonologia, daí que Martinet afirme: «Ce n'est pas le phonème, mais le trait pertinent qui est l'unité de base de la phonologie.»

(A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, 1965, 1974, p. 75)

Deveremos então abandonar o conceito de fonema como unidade mínima de segunda articulação? Consideremos a seguinte reflexão de Martinet:

«On pourrait sans doute s'amuser à décrire le système phonologique d'une langue sans utiliser le concept de phonème, en considérant simplement les possibilités combinatoires simultanées et successives des traits pertinents; le nombre des unités du système serait considérablement réduit, mais celui des unités dans la chaîne enflerait de façon disproportionnée, et il est vraisemblable que la netteté des contours structuraux y perdrait. C'est pourquoi le concept de phonème qui est très utile nous paraît devoir être conservé.»

(Id., *ib.*, pp. 75-76)

O traço não é porém, por si só, uma unidade linguística. A sua função é, através da sua presença ou ausência, caracterizar a unidade fonológica que é o fonema.

## 2.9 — NEUTRALIZAÇÃO E ARQUIFONEMA

Os conceitos de neutralização e de arquifonema não são aceites por todas as correntes da linguística contemporânea. Impõem-se porém aos linguistas para quem a noção de oposição ocupa um lugar de maior importância. Para que se prove a existência de fonemas diferentes tem de se verificar uma oposição. Se em certos contextos essa oposição se realiza e noutros não, o linguista deve seguramente prestar atenção a tal facto. Martinet, em coerência com as suas posições a respeito do fonema, valoriza e defende o conceito de neutralização:

«S'il doit y avoir opposition pour qu'il y ait phonèmes distincts, l'impossibilité systématique de réaliser une opposition dans un contexte phonique bien caractérisé doit nécessairement être relevée et mise en valeur.»

(A. Martinet, «Neutralisation et syncrétisme», *La Linguistique*, 1968, 1, p. 2)

Para o funcionalismo as unidades linguísticas são valores, e tais valores baseiam-se na contribuição de cada unidade para que a comunicação se torne efectiva. É segundo a sua função no processo de comu-



nicação que os fonemas deverão ser estudados, possibilitando assim a distinção entre a realidade física e a realidade linguística que amiúde não coincidem.

Sempre que uma oposição funcional entre dois fonemas deixa de acontecer em certos contextos fónicos, estamos perante uma neutralização. É porém necessário que os fonemas comportem um dado número de traços em comum para que a neutralização se produza:

«Il n'y a, bien entendu, neutralisation que dans la mesure où les membres de l'opposition en question sont en rapport exclusif, c'est-à-dire ont en commun un ensemble de traits distinctifs qu'ils sont les seuls à avoir en commun.»

(*Ib.*)

Em português, por exemplo, os dois fonemas vibrantes /r/ e /r̄/, respectivamente simples e múltiplo, só se opõem em posição intervocálica, em todos os outros contextos neutraliza-se a oposição. Nos casos em que a oposição funcional entre os dois fonemas não se realiza, ou seja, quando a oposição se neutraliza, não diremos que se realiza o fonema /r/ ou /r̄/ mas sim o arquifonema /R/, que é uma entidade constituída pelas propriedades comuns aos fonemas cuja oposição se neutralizou: «Se se define o fonema como a soma dos traços pertinentes, dir-se-á ser o arquifonema o conjunto dos traços pertinentes comuns a dois ou mais fonemas.»

(A. Martinet, *Elementos de Linguística Geral*, 1960, 1985, p. 75)

De um ponto de vista teórico é indiferente o modo como o arquifonema se realiza. No exemplo das vibrantes atrás citado, em início de palavra e depois de consoante heterossilábica, o arquifonema realiza-se como vibrante múltipla ([ˈratu], [ˈgɛl̄r̄α]); em fim de palavra e de sílaba e depois de outra consoante homossilábica realiza-se vibrante simples ([ˈmar], [ˈarku], [ˈaʃtru]). Poderia ainda acontecer que o fonema se realizasse sempre apenas como um dos membros da oposição neutralizada ou como um som intermédio entre as realizações normais dos fonemas. Isso não é importante, para a linguística funcional:

«Ce qui est essentiel et décisif est que l'opposition, dans un contexte défini en termes strictement phoniques ou en fonction des limites des signifiants, n'a plus la possibilité de s'exercer.»

(A. Martinet, «Neutralisation et syncrétisme», *La Linguistique*, 1968, 1, p. 4)

## 2.10 — CONCLUSÃO

No domínio da fonologia, Martinet desenvolve e dá um contributo original às teorias do Círculo Linguístico de Praga, como ficou demonstrado nos vários pontos que acabamos de focar.

A noção de dupla articulação, uma das mais importantes da teoria martinetiana, revelou-se como elemento estruturador da própria análise linguística. Num primeiro tempo trabalham-se as entidades distintivas, sem valor semântico, num segundo tempo o linguista trabalhará as unidades significativas, de natureza mais complexa, uma vez que são unidades constituídas por significante e significado. Nos últimos decénios Martinet tem vindo a concentrar os seus estudos no domínio da primeira articulação. A sua teoria sintáctica visa «descobrir para as unidades significativas o que a fonologia representa para as unidades distintivas». No capítulo que se segue abordaremos o contributo de André Martinet neste campo, verificando até que ponto a teoria funcionalista se revela coerente na aplicação à fonologia e à sintaxe, até que ponto ela nos propõe um método de descrição que coerentemente englobe o conjunto dos factos linguísticos.

## NOTAS

(<sup>1</sup>) O termo «fonologia» surge a partir de 1846 com o sentido de «ciência dos sons da linguagem». Ver A. Martinet (dir.), *La Linguistique. Guide alphabétique*, Paris, Denoel, 1969.

(<sup>2</sup>) As três conferências proferidas na universidade de Londres por Martinet, em 1946, são publicadas sob o título *Phonology as Functional Phonetics*, Londres, University of Oxford Press, 1949.

(<sup>3</sup>) As ideias sobre a «nova» ciência — a fonologia — difundidas pela Escola de Praga são bem aceites na América, como testemunha uma carta de Sapir a Trubetzkoy datada de 5/10/1936. Na América generaliza-se, porém, o uso do termo «phonemics» e não «phonology». Sapir dá a Trubetzkoy a seguinte justificação para tal facto: «Je crains que, si nous insistons pour employer «phonology» au sens qu'a défini votre groupe, nous ne nous opposions inutilement à beaucoup de gens ici qui sont réellement intéressés par vos idées, mais qui ne sont pas désireux de changer une terminologie anglaise bien établie. «Phonemics» a l'avantage stylistique de faire paire assez opportunément avec phonétique, dont il est une extension logique...». (Claude Hagège, «Extraits de la correspondance de N. S. Trubetzkoy», *La Linguistique*, 1967, 1, p. 121).

(<sup>4</sup>) Eugenio Coseriu, *Teoria da Linguagem e Linguística Geral*, Presença, Rio de Janeiro, 1987, p. 55 (1.ª ed. de 1961). «Mas onde colocar na linguagem esses elementos normais e constantes numa língua e, entretanto, «não-pertinentes» do ponto de vista funcional, dado que não se podem classificar no sistema? Ora, justamente naquela outra abstracção, anterior ao sistema a que temos chamado norma. Parece-nos que uma consideração estrutural da linguagem não pode deixar de conduzir a esse conceito, e sem eliminar totalmente do nosso estudo a substância fónica. Isto é, chega-se necessariamente a uma reforma da oposição «langue/parole», como entrevê com clareza suficiente, Martinet...».

(<sup>5</sup>) Cf. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, 1984, p. 435 a 443 e também *Estudos Linguísticos*, vol. 2, 1984, p. 191 a 198.

(<sup>6</sup>) Jorge Morais Barbosa, «Fonética e Fonologia. Problemas Teóricos e Metodológicos», Separata da *Revista de Portugal*, série Língua Portuguesa, 26, pp. 307 a 314, Lisboa, 1961.

(<sup>7</sup>) Eugenio Coseriu demonstra-o excelentemente em «Forma e substância nos sons da linguagem», in *Teoria da Linguagem e Linguística Geral*, 1961, 1987, pp. 87 a 173.

(<sup>8</sup>) Restringimos deliberadamente o campo de análise deste trabalho aos factos linguísticos que se integram na dupla articulação, pelo que as entidades supra-segmentais não serão consideradas. Quando falamos em fonemas referimo-nos só a entidade distintiva e sucessivas, tal como faz Martinet: «Quand je dis «successives», j'exclus les «supra-segmental phonèmes». Pour moi, «phonèmes» veut dire «segmental phonemes». (A. Martinet, *Fonction et dynamique des langues*, 1989, p. 15). Os «fonemas segmentais» constituem um dado geral, enquanto os elementos não segmentais são dispensados por numerosas línguas ou ocupam um lugar de menor importância relativamente aos fonemas.

(<sup>9</sup>) Interessante será notar que na obra do português A. R. Gonçalves Viana apesar de não se verificar a distinção entre os termos «fonema» e «som da linguagem», se verifica relativamente a «fonologia» e «fonética» uma distinção explícita, comprovada até por um dos títulos da sua obra — *Essai de Phonetique et de Phonologie de la Langue Portugaise...* Veja-se a este propósito J. Morais Barbosa, *Études de Phonologie Portugaise*, Évora, 1983, pp. 30 e 31.

(<sup>10</sup>) Viveu entre 1845 e 1929. A sua obra tem o inconveniente de estar dispersa num grande número de títulos publicados em revistas diversas (conhecem-se mais de 640 artigos de sua autoria, só de 1865 a 1929). Sobre a análise fonológica em Baudouin de Courtenay ver o artigo (já referido na nota 3 do capítulo I) de Henry G. Shogt, «Baudouin de Courtenay and the phonological analysis», *La Linguistique*, 1966/2, pp. 15 a 29.

Sobre o fonema, história e teorias do conceito, ver a obra fundamental de Jiri Kramsky, *The Phoneme*, Wilhelm Fink, München, 1974.

(<sup>11</sup>) Cf. N. Trubetzkoy, *Principes de phonologie*, p. 42.

(<sup>12</sup>) Prova-o a correspondência trocada entre os dois linguistas, cf. nota (3).

(<sup>13</sup>) Cf. Mattoso Câmara Jr., *Para o Estudo da Fonémica Portuguesa*, Padrão, Rio de Janeiro, 1977, p. 25.

(<sup>14</sup>) Ver A. Martinet, ed., *Conceitos Fundamentais da Linguística*, s.d., p. 109 e seguintes (tradução de *La Linguistique. Guide alphabétique*).

(<sup>15</sup>) Sobre o valor positivo e negativo das entidades linguísticas ver também as notas 8 e 9 (pp. 409-410) do referido texto de Herculano de Carvalho.

(<sup>16</sup>) Cf. A. Martinet, *Économie des changements phonétiques*, 1955, 1964, p. 22.

(<sup>17</sup>) Ver A. Martinet, *Elementos de Linguística Geral*, 1960, 1985, pp. 69 a 71.

## DA PRIMEIRA ARTICULAÇÃO

### 3.1 — INTRODUÇÃO

Cada enunciado não é um todo indivisível. Os enunciados são constituídos por signos. Relembremos que Martinet define uma língua como «um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fónica». São estas unidades que formam a primeira articulação. Distinguem-se essencialmente dos fonemas por serem unidades de dupla face: face significante e face significada.

O estudo das unidades de primeira articulação tem por objectivo identificar as unidades e os processos que permitem ao sujeito falante analisar a experiência, de modo a que o ouvinte a possa reconstituir a partir do enunciado linguístico, ou seja, este estudo visa pôr em evidência o modo como se constituem os enunciados que permitem a comunicação linguística.

Martinet apresenta toda a teoria relativa às unidades significativas sob a égide da sintaxe. A morfologia, o léxico e o estudo do sentido integram a sua concepção alargada de sintaxe: «On ne peut pas dire que tout, dans une langue, est dans sa syntaxe, mais bien que, phonologie mise à part, tout ce qui s'y trouve ne prend sa valeur qu'en fonction de l'articulation des énoncés en monèmes.»

(A. Martinet, *Syntaxe générale* Paris, 1985, p. 5)

Neste capítulo do nosso trabalho apresentamos os vários passos que o linguista deverá seguir, de acordo com a teoria funcionalista de Martinet, no estudo das unidades significativas. O facto de estas se manifestarem linearmente e serem combináveis e oponíveis entre si permite que haja uma certa semelhança dos procedimentos de análise com os

das unidades significativas, especificar-se-ão as dificuldades encontradas na sua identificação e far-se-á uma classificação dessas unidades.

Consideraremos ainda a proposta de Martinet de uma «nova ciência» linguística — a axiologia — que estudará o «valor» de cada monema, isto é, o seu «significado» linguístico propriamente dito.

As analogias existentes entre a metodologia de análise fonológica e a metodologia de análise sintáctica não implicam de modo algum o mesmo estatuto para as unidades das duas articulações. Pretendemos demonstrar até que ponto é legítima, desejável e suficiente a utilização da metodologia aplicada na análise fonológica à análise sintáctica. Cremos que dessa comparação ressaltarão as diferenças essenciais entre a primeira e a segunda articulação.

### 3.2 — AS UNIDADES MÍNIMAS DE PRIMEIRA ARTICULAÇÃO

As unidades de primeira articulação são, como se sabe, unidades de dupla face: uma face significante e uma face significada, e contribuem directamente para a constituição da mensagem.

Estas unidades, os monemas, são lineares, combináveis e oponíveis tal como as unidades de segunda articulação, facto este que nos conduz à utilização de procedimentos de análise semelhantes nas duas articulações. O passo inicial na análise da primeira articulação será a identificação das unidades de acordo com um critério funcional, na medida em que a substituição de uma unidade por outra conduza a uma mudança de significado. A adopção de processos de análise semelhantes nas duas articulações é preconizada por Martinet em *Elementos de Linguística Geral*:

«Assim como a primeira operação fonológica consiste em analisar os significantes em unidades sucessivas mínimas, ditas fonemas, consistirá a primeira operação do quadro em que nos situaremos agora [domínio da primeira articulação] em analisar os enunciados ou seus fragmentos nas unidades mínimas sucessivas que os constituem e que designamos por monemas.»

(A. Martinet, *Elementos*, 1960, 1985, p. 97)

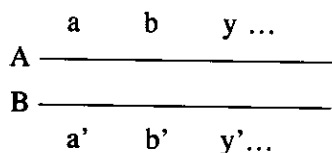
A sua identificação em qualquer língua seria fácil se cada unidade possuísse uma face significante e uma face significada bem delimitadas

e se houvesse uma relação unívoca entre as duas faces. Ora, isso não acontece, e desconhece-se até a existência de qualquer língua com esse tipo de estrutura morfológica (a não ser línguas artificiais como o Esperanto).

As dificuldades que se apresentam ao linguista são de ordem vária. Por um lado, o grande número de unidades acresce grandemente a dificuldade da operação, por outro lado a ordem dos monemas nem sempre é pertinente, o quadro da comutação não pode, pois, ser definido com base na posição de um monema relativamente a outros já identificados. O monema não pode ainda ser identificado, com segurança, com base no seu significante, pois este é susceptível de apresentar variantes. A noção de variantes de monemas tem bastante afinidade com a noção de variantes de fonemas, embora, na primeira articulação elas não sejam inevitáveis como o são em fonologia, dado que todo o fonema varia na sua realização em função do contexto, dos locutores, etc. A face significada do monema pode também variar e isso acontece, na maioria dos casos, em função do contexto. As variantes da face significante, condicionadas pelos diferentes contextos, são consideradas variantes de um mesmo monema caso constituam uma mesma unidade de sentido. Devemos ainda considerar as variantes livres cuja presença não é directamente determinada pelo contexto. Mas tais variantes não são «verdadeiramente» livres, pois haverá pelo menos uma variação estilisticamente marcada, ou cada uma pertencerá a um nível de língua diferente. Além disso, devemos ter em conta que unidades que num caso se substituem, não se substituem noutros.

### 3.2.1. — O AMÁLGAMA

A delimitação correcta das unidades de primeira articulação implicaria que a cada divisão estabelecida na «cadeia acústica» correspondesse uma da «cadeia dos conceitos». Esta é a visão de Saussure quando no *Cours* nos apresenta o esquema:



(F. Saussure, *Cours*, 1916, 1976, p. 146)

Acontece, por vezes, que dois significados combinam os seus significantes de modo que o resultado de tal combinação é impossível de ser analisado em segmentos sucessivos. Por exemplo, no enunciado «Amanhã vou à universidade» o significante «à» é partilhado por dois significados distintos: o funcional e o artigo definido, não sendo possível identificar o que em «à» corresponde a cada um deles. Diremos, de acordo com Martinet, que se trata de significantes amalgamados (cf. *Elementos*, p. 97).

### 3.2.2 — VARIANTES DE SIGNIFICANTES

A existência de significados que se manifestam através de vários significantes é um fenómeno comum a diversas línguas. Em português, o significado *ser*, por exemplo, manifesta-se, segundo os contextos, nas formas «fui», «era», «sou», «serei». Vemos assim que não é seguro identificar um monema com base no seu significante.

Tal como em relação aos fonemas falámos de variantes combinatórias ou contextuais, o mesmo podemos dizer a propósito das variantes de significante de monemas, pois amiúde as variantes de significantes resultam de condicionamentos do contexto fónico. Na língua portuguesa o monema «plural» apresenta três variantes de significante, as que se verificam, por exemplo, em ['gatuš 'pretuš], ['gatuž 'brăkuš] e ['gatu-zəmə'reluš]. O monema apresenta o significante /š/ quando seguido de pausa ou o monema seguinte é iniciado por consoante surda; apresenta o significante /ž/ quando o monema seguinte se inicia por uma consoante sonora, e realiza-se /z/ se o monema seguinte se inicia por vogal. Neste caso o condicionamento do emprego das variantes do significante exprime-se em termos de contexto fónico. Numa perspectiva estritamente sincrónica, podemos fazer a distinção entre os casos em que o aparecimento das diferentes variantes pode ser explicado com base no contexto e outros onde tal não é possível, e onde deveremos ter em consideração o contexto lexical e gramatical. Consideremos, novamente, o verbo *ser*. O seu significante apresenta realizações várias como /'so/, /'fui/, /'era/, etc., quando coexiste com as modalidades de 1.<sup>a</sup> pessoa e, respectivamente, presente do indicativo, pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo. O monema de imperfeito apresenta também variantes de significante, como se verifica, por exemplo, em /ga'ñava/ e /ku'mia/. Nestes casos intervêm os contextos lexical e gramatical, e não o contexto fónico.



Poderemos, em certos casos, ter em consideração a existência de variantes facultativas de significantes de monemas, por exemplo em português as variantes «louça-loiça», «ouro-oiro», «touro-toiro», etc.

Como se constata, seguindo Martinet, utilizamos para as unidades de primeira articulação terminologia idêntica à utilizada na segunda articulação, mas, como ele próprio nos alerta não devemos esquecer que:

«...entre as variantes dos significantes e as dos fonemas há uma diferença fundamental, devida ao facto de não se definirem em termos de grandezas discretas as variantes de fonemas (...) ao contrário do que sucede com as variantes de significante, as quais se definem em termos de fonemas, ou seja, de unidades discretas.»

(A. Martinet, *Elementos*, 1960, 1985, p. 103)

### 3.2.3 — SIGNIFICANTES DESCONTÍNUOS

Outra das dificuldades com que deparamos ao tentar identificar os monemas é o facto, bastante frequente em algumas línguas, entre as quais o português, de que a um só e mesmo efeito de sentido correspondam várias modificações formais que não se concentram num só ponto do enunciado. Por exemplo, ao compararmos as frases: «A criança brinca no jardim» e «As crianças brincam no jardim», vemos que o signo «plural» se manifesta em três pontos diferentes do enunciado (os que apresentamos sublinhados) por oposição à sua ausência na primeira frase.

Os significantes descontínuos resultam frequentemente da concordância. Em relação à concordância de género como a que se verifica em «o vestido vermelho e preto» e «a saia vermelha e preta» as características «feminino» e «masculino» estão incluídas em «saia» e «vestido», diremos pois que não há monema de género, o que há são monemas de significante muito variável correspondentes ao «sexo feminino» e ao «sexo masculino», como por exemplo «galinha» — «galo»; «mulher» — «homem», etc. Nos enunciados apresentados estamos perante um fenómeno de concordância, em que as expressões centrais «vestido» e «saia», que implicam respectivamente «masculino» e «feminino», manifestam isso em significante descontínuo, ou seja, em vários pontos do enunciado.

### 3.2.4 — SIGNIFICANTE ZERO

Na análise das unidades significativas, no que diz respeito ao significante, teremos ainda de considerar casos em que possamos atribuir um estatuto linguístico a um significado a que não corresponda qual-

quer acidente formal. Só por analogia poderemos dizer que a um significante formal idêntico correspondem dois significados diferentes. No caso de formas como gato, caneta, lápiz, somos conduzidos a propor, gatos, canetas, lápis

por analogia com o resto do sistema, que às formas de «singular» correspondem formas de «plural». No caso de «lápiz» o monema plural não apresenta qualquer forma que possamos identificar como sendo o seu significante. Só por analogia, ou quando a concordância o demonstre poderemos falar de monema «plural». Esta «ausência» de significante é chamada significante zero.

A noção de significante zero não entra em conflito com a concepção funcionalista de monema, segundo a qual o monema é um efeito de sentido correspondente a uma modificação formal do enunciado (¹): se em determinado contexto a introdução de um novo efeito de sentido ou a substituição de um sentido por outro tem por resultado uma modificação no enunciado (caso da concordância verificada num enunciado com o «plural» /'lapis/ + /s/), essa mudança formal do enunciado implica a existência de um outro monema.

Martinet levanta somente uma questão no que diz respeito à noção de significante zero: o sermos levados a interpretar como um monema a ausência de outro monema. A título exemplificativo vejamos o que sucede em relação ao «plural» e ao «singular». Interpreta-se normalmente a ausência de «plural» como comprovativa da presença do monema «singular». A diferença entre o «plural» e a sua ausência (gatos, gato) é identificada com um monema que será designado «singular». A posição inovadora de Martinet quanto à noção de significante zero é propor que se a um dado significado hipotético corresponde sempre uma ausência de realização formal, deveremos postular não só um significante zero mas um *signo zero* (²), ou seja, a inexistência de tal signo. Caso o uso demonstre uma existência semântica incontestável de um dado significado hipotético com significante zero, poder-se-á atribuir-lhe uma existência linguística. Ora, quanto ao «singular» ele não corresponde sempre à noção de unidade, pois muitas vezes é utilizado para referir a espécie, por exemplo em: «O cão é o melhor amigo do homem.» Quer «cão» quer «homem» não evidenciam aqui o «monema singular». Parece-nos legítimo aplicar ao português o raciocínio que Martinet desenvolve em relação ao francês. Diremos assim que na língua portuguesa não deveremos considerar linguisticamente a existência de um «monema singular».

Os problemas levantados pelas formas podem sempre ser solucionados recorrendo à noção de amálgama (v. 3.2.2). No caso de *lápiz*

poderemos preferir falar de significantes /'lapis/ + /s/, encontrando-se em *lápís* dois significantes amalgamados, não utilizando assim a noção de signifiante zero. Como conclui Martinet:

«Nous avons à notre disposition, pour éliminer les faux problèmes d'analyse formelle, le concept opératoire d'amalgame et une conception très souple de la variation des signifiants, de telle sorte que l'attribution d'un segment quelconque de l'énoncé à un signe simple ou complexe ne saurait jamais faire difficulté.»

(A. Martinet, *Syntaxe générale*, 1985, p. 63)

### 3.3 — AS DIFERENTES UNIDADES SIGNIFICATIVAS

Se no campo da segunda articulação é indispensável identificar a unidade mínima distintiva, o fonema, no domínio da primeira articulação parece ser também universalmente aceite pelas diferentes correntes linguísticas a necessidade de análise dos enunciados em unidades mínimas significativas.

#### 3.3.1 — MONEMAS

Na tradição da linguística distribucional americana designa-se como *morfema* a mais pequena forma linguística portadora de significação, o signo mínimo. Martinet, porém, não adopta essa terminologia, preferindo chamar *monema* à unidade mínima significativa <sup>(3)</sup>. Porquê essa recusa de um termo que havia já conseguido uma projecção considerável nos trabalhos linguísticos? É certo que actualmente, grosso modo, equipara-se o monema ao morfema, porém a intenção de Martinet ao preferir o termo monema foi bem precisa. Segundo ele o termo morfema insiste demasiado na forma. Para que possamos identificar um monema não é necessário que esse monema apresente um signifiante facilmente identificável por segmentação. O signifiante de um monema pode estar amalgamado com outros significantes, no entanto ele não deixa de existir só porque há dificuldade em identificar o seu signifiante. Sobre a unidade mínima significativa Martinet afirma: «...on a retenu, pour désigner cette unité le terme de *monème*, de préférence à *morphème*, dont l'étymologie et l'emploi chez la plupart des «structuralistes» mettaient trop l'accent sur la forme.» (*Studies*, p. 198) <sup>(4)</sup>.

Em *Syntaxe générale* justifica a sua preferência pelo termo *monema*: por um lado porque *morfema* foi durante muito tempo utilizado para designar os signos gramaticais e por outro lado pelo facto de não haver uma coincidência estrita entre «o morfema da maior parte dos estruturalistas e o monema da linguística funcional»:

«Pour Bloomfield et ces disciples... le morphème est avant tout un segment de l'énoncé et, bien qu'il soit positivement caractérisé par sa contribution à la signification on y voit plutôt un des éléments d'une échelle continue d'unités linguistique allant du phonème à la phrase, sans que l'apparition du sens justifie la passage d'un plan à un autre, du plan distinctif au plan significatif. Pour ce qui est du monème, on ne postule nullement qu'il se manifeste toujours et nécessairement comme un segment distinct de l'énoncé, mais simplement qu'il corresponde, dans l'énoncé, à une différence formelle...»

(A. Martinet, *Syntaxe générale*, 1985, pp. 29-30)

### 3.3.2 — SINTEMAS

Na análise de enunciados em unidades mínimas encontramos, por vezes, unidades que se comportam como signos mínimos e, no entanto, são formadas por mais do que um monema. Chamar-lhes monems compostos ou complexos seria incorrecto, pois o monema é por definição a unidade significativa mínima, não podendo por isso ser composta ou complexa (<sup>3</sup>). Martinet propõe que se designem tais unidades como sintemas:

«On appellera syntème un signe linguistique que la commutation révèle comme résultant de la combinaison de plusieurs signes minima, mais qui se comporte vis-à-vis des autres monèmes de la chaîne comme un monème unique.»

(Idem, *ib.*, p. 37)

«Cadeira de baloiço» será exemplo de um sintema. Resulta da combinação de vários signos mínimos e comporta-se como um monema, comutando com outros monemas, por exemplo, os próprios monemas que o constituem: «Vou sentar-me na cadeira.»

«Vou sentar-me no baloiço.»

«Vou sentar-me na cadeira de baloiço.»

Na frase «Comprei uma cadeira de baloiço branca.» a determinação incide na totalidade do sintema e não em parte, comprovando também que se comporta como um monema (ver 3.3.3). O sintema pode não ser destruído se se inserir um elemento estranho entre os seus membros, o sintema «cadeira de baloiço» não é destruído em «cadeira branca de baloiço».

São as unidades que revelam um comportamento idêntico aos monemas que Martinet designa *sintemas*, como afirma no artigo intitulado «Syntagme et syntème» publicado em *La Linguistique* em 1967:

«Nous proposons donc de désigner au moyen du terme *syntème* les unités linguistiques dont le comportement syntaxique est strictement identique à celui des monèmes avec lesquels ils commutent, mais qui peuvent être conçus comme formés d'éléments sémantiquement identifiables» (6).

Sendo o sintema composto por mais de um signo linguístico, ele próprio constitui-se como um novo signo, cujo sentido não advém muitas vezes da soma dos significados que o constituem. O sintema é uma escolha única por parte do sujeito falante. Temos, por exemplo, o sintema «rabo de cavalo» que designa um tipo de penteado, ou «couve de bruxelas» que se refere a um tipo particular de vegetal.

### 3.3.2.1 — Vários tipos de sintemas

Entre os sintemas podemos distinguir vários tipos (7):

1 — Os sintemas podem ser constituídos por um monema liberável (monemas que podem existir fora dos sintemas) e por um monema conjunto (aqueles que fazem parte de complexos) (8).

Exemplo: «refazer» { «re-» monema conjunto  
                              { «fazer» monema liberável  
                              { «terna» monema liberável  
                              { «mente» monema conjunto

Este tipo de sintemas é constituído por afixação ou derivação.

2 — Os sintemas podem ser constituídos por monemas liberáveis justapostos ou unidos por qualquer elemento de ligação.

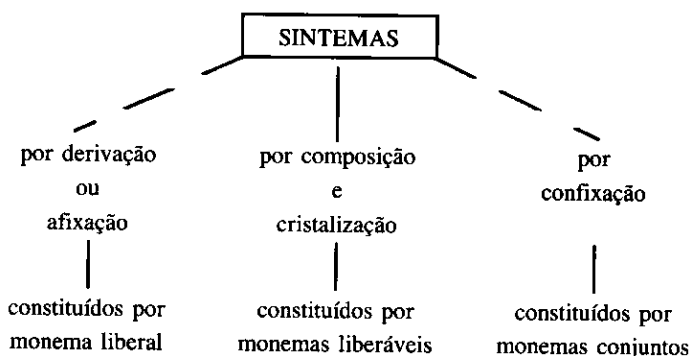
Exemplo: a) «quebra-nozes»;  
b) «peixe-espada»;  
c) «casa de praia»;  
d) «mulher da rua».

Os exemplos a) e b) são sintemas constituídos por composição; c) e d) são cristalizações, apresentam a mesma forma de uma sucessão de monemas livres (?).

3 — Os sintemas podem ser constituídos por monemas não liberáveis, ou seja, elementos que não existem fora do sintema.

Exemplo: «poliglota», «telefone», «filologia».

Temos assim sintemas de diversos tipos, consoante o modo como são formados. Visualizemos o que ficou dito anteriormente através do seguinte esquema:



Os sintemas serão estudados no âmbito da sintemática, que constituirá um capítulo à parte da sintaxe. A sintemática abrange um campo considerável dela fazendo parte a derivação, a confixação, a composição e a cristalização.

### 3.3.3 — SINTAGMAS

O termo «sintagma», introduzido por Saussure, não é por ele especificamente definido. Saussure limita-se a dizer que se trata de duas ou mais unidades consecutivas <sup>(10)</sup>. «Sintagma», na acepção saussuriana,

abrange o que de acordo com Martinet acabamos de definir como «sintema». Martinet insiste na necessidade de distinguir convenientemente os dois conceitos, pois, se do ponto de vista da comunicação não é muito importante que um elemento seja considerado um monema ou um sintema, é pelo contrário essencial diferenciar, entre os grupos de monemas, os sintemas dos sintagmas. Assim em *Syntaxe générale* define sintagma como:

«...un ensemble d'unités significatives plus étroitement reliées entre elles qu'avec le reste de l'énoncé, plus, éventuellement, l'élément qui le relie à cet énoncé» <sup>(11)</sup>.

(A. Martinet, *Syntaxe générale*, 1985, p. 83)

### 3.3.3.1. — Silemas

Dentro dos sintagmas Martinet refere um tipo particular a que chama «silema». O «silema» será o sintagma constituído por um núcleo e pelos seus determinantes não determináveis; nas palavras de Martinet o silema é um «sintagma formado por um nó, pelas suas modalidades e eventualmente pelo funcional que o liga ao resto do enunciado» como por exemplo «amávamos» <sup>(12)</sup>.

### 3.3.4 — DISTINÇÃO ENTRE MONEMAS, SINTEMAS E SINTAGMAS

Quais são então os critérios que nos permitem distinguir monemas, sintemas e sintagmas? Como já vimos os sintemas distinguem-se dos monemas pelo facto de serem constituídos por mais do que uma unidade significativa, comutando no entanto com os monemas e evidenciando todas as compatibilidades dos monemas de uma certa classe <sup>(13)</sup>. A comutação não serve para distinguir sintemas de sintagmas pois ambos são analisáveis por meio de comutação <sup>(14)</sup>. Para além do facto de os sintemas apresentarem as mesmas compatibilidades que uma dada classe de monemas há ainda outro critério que permite distinguir sintemas de sintagmas: nenhum dos elementos que constituem o sintema pode ser determinado isoladamente sem destruir a unidade, ou seja, nenhuma das partes que constituem o sintema pode estabelecer relações particulares com monemas que não façam parte do sintema <sup>(15)</sup>.

Exemplo: 1 — «Tenho uma cadeira de baloiço do século XIX.»

2 — \* «Tenho uma cadeira do século XIX de baloiço.»

### 3.3.5 — O SINTEMA E OUTROS CONCEITOS SIMILARES

Hoje em dia, em linguística, utilizam-se as mais variadas terminologias, muitas vezes para referir conceitos análogos. Daí que consideremos necessário voltar ao termo «sintema» e estabelecer uma comparação com conceitos da autoria de outros linguistas e que terão alguns pontos de contacto com o conceito martinetiano. Um deles é referido pelo próprio Martinet em *Studies in Functional Syntax* (pp. 192-193.) Aludimos ao termo «lexia» proposto por Bernard Pottier (<sup>16</sup>). Se em muitos casos a mesma realidade linguística pode ser designada «sintema» ou «lexia», certo é que há divergências entre as duas noções:

- a) Pottier estabelece a definição de «lexia» partindo das palavras gráficas, o que implica, por exemplo, que as desinências que para Martinet são monemas particulares, para Pottier façam parte das «lexias»;
- b) Enquanto o termo «sintema» pressupõe que se postulam duas ou mais unidades significativas, o termo «lexia» pode abranger duas ou mais unidades mas também uma só unidade.

Exemplo: 1 — «água»  
          2 — «aguardente»  
          3 — «moinho de café»

Apresentámos como exemplo três lexias das quais só «aguardente» e «moinho de café» são sintemas. Entre as lexias Pottier distingue as «lexias simples», as «lexias compostas» e as «lexias complexas» ilustradas respectivamente pelos exemplos 1, 2 e 3.

Em *Studies in Functional Syntax*, no capítulo dedicado à «Terminologia», Martinet compara ainda o conceito de «sintema» com o de «sinapse», sugerido por Émile Benveniste (<sup>17</sup>). A «sinapse» é uma unidade lexical de significação, composta de vários lexemas.

Exemplo: «toalha de mesa»  
          «moinho de café»  
          «barco a remos»

A junção dos elementos que compõem a sinapse é de natureza sintáctica, o que a distingue das palavras compostas e derivadas onde a junção é respectivamente gráfica na composição e morfológica na deri-



ção. Os lexemas que compõem a sinapse sucedem-se numa ordem fixa, primeiro o determinado, depois o determinante. Esses lexemas conservam na sinapse a mesma forma de quando estão isolados e apresentam um conteúdo monossémico, ao contrário de quando estão isolados que podem ser polissémicos. Na sinapse só o determinado aceita o artigo e conserva as suas possibilidades de expansão. Posto isto, parece-nos legítimo afirmar que o conceito de sintema abrange o que Benveniste chama sinapses:

«Il est clair que les formes que Benveniste appelle des synapses et qu'on pourrait peut-être désigner, moins savamment, comme des composés prépositonnels, sont toutes à considérer comme des synthèmes, au même titre que les autres composés ou «conglomerés», savants ou populaires.»

(A. Martinet, *Studies*, p. 195)

Vemos assim que, no âmbito da primeira articulação, Martinet opera com os seguintes conceitos:

MONEMA	}	TEMA ( <sup>18</sup> )
SINTEMA		
SINTAGMA (silema)		

### 3.4 — CLASSIFICAÇÃO DOS MONEMAS

#### 3.4.1 — POSIÇÃO E FUNÇÃO DISTINTIVA

As unidades de segunda articulação, os fonemas, exercem a sua função distintiva em determinada posição. Consideremos o caso de /'lata/ e /'tala/; com a simples mudança de posição dos fonemas /l/ e /t/ obtemos unidades significativas distintas. A posição do fonema é pertinente. As unidades de primeira articulação, os monemas, comportam-se de modo algo diferente, o lugar que ocupam, no enunciado pode ou não ser importante. Vejamos as frases:

1 — «O lobo feriu o cão.»

2 — «O cão feriu o lobo.»

A posição dos elementos «lobo» e «cão» é pertinente tanto em 1 como em 2. A função dos dois monemas é-nos dada pelo lugar que ocupam no enunciado. Mas se considerarmos a frase:

3 — «Os lobos feriram o cão.»

verificamos que a posição deixa de ser pertinente para a identificação da função de «lobos» e «cão».

Consideremos ainda as frases:

4 — «Hoje o lobo feriu o cão.»

5 — «O lobo feriu o cão hoje.»

Verificamos que o monema «hoje» goza de liberdade sintáctica, ou seja, a posição por ele ocupada quer em 4 quer em 5 em nada modifica a sua função na frase. Ao contrário do que acontece no domínio da segunda articulação, o lugar ocupado pelas unidades de primeira articulação nem sempre é pertinente. A ordem dos elementos como recurso indicador de função não é o único método eleito pelas exigências da comunicação. Verificamos que muitas vezes se recorre a segmentos cuja função é simplesmente relacionar a unidade que acompanham com o enunciado, ou ainda que certas unidades transportam em si próprias a indicação da sua função («hoje» nas frases 4 e 5).

### 3.4.2 — O CRITÉRIO DE AUTONOMIA SINTÁCTICA

Baseando-se no critério de autonomia sintáctica, Martinet distingue três modos diferentes de os segmentos linguísticos expressarem a sua função (<sup>19</sup>):

- a) Autonomia sintáctica — o sentido do monema inclui a sua função.
- b) Presença de um elemento específico para indicar a função.
- c) Posição ocupada no enunciado.

Sendo o discurso linear (<sup>20</sup>) e a experiência não linear é através destes três modos de relação das unidades que o falante/ouvinte reconstitui a complexidade da experiência.

A identificação dos três modos de indicar a função vai ter grande importância no desenvolvimento da sintaxe funcional <sup>(21)</sup>. Partindo do critério de autonomia sintáctica Martinet faz a distinção entre «monemas autónomos», «funcionais» e «dependentes» <sup>(22)</sup>.

#### 3.4.2.1 — Monemas autónomos

Os monemas autónomos são definidos como:

«Ceux qui... peuvent figurer en différents points de l'énoncé sans que leur contribution personnelle à cet énoncé soit modifiée, ceux donc dont la fonction est incluse dans leur sens même, jouissent de l'autonomie syntaxique...» <sup>(23)</sup>.

(A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, 1965, 1974, p. 108)

Para marcar as suas relações com o enunciado, os monemas autónomos não recorrem nem à posição nem a um indicador de função.

#### 3.4.2.2 — Monemas funcionais

O monemas funcionais são:

«Ceux qui conferent l'autonomie syntaxique à des monèmes que ne l'ont pas naturellement.»

(Idem, *ib.*)

A indicação da função pode ser assegurada pela presença destes monemas especializados. O papel dos funcionais é marcar a função de outros monemas, autonomizá-los, pois conferem aos seus vizinhos autonomia sintáctica idêntica à dos monemas autónomos. As preposições são um exemplo de monemas funcionais, permitem expressar as relações dos elementos que acompanham com o resto do enunciado independentemente das suas relações com a experiência. O mesmo elemento da experiência pode ter com os restantes elementos do enunciado relações muito diversas, nesse caso o uso de um funcional revela-se bastante económico, pois caso contrário teríamos que ter para cada função uma unidade distinta, o que levaria a um grande aumento do número de unidades lexicais, implicando um elevado esforço de memorização <sup>(24)</sup>.

Consideremos o monema «piscina». Conforme o monema funcional que lhe juntarmos assim exprimiremos diferentes relações com o enunciado.

Exemplo: «com a piscina»  
«dentro da piscina»  
«na piscina»  
«para a piscina»  
«sobre a piscina»

Os monemas funcionais permitem isolar o elemento da experiência da relação que ele estabelece com os outros monemas, possibilitando múltiplas combinações que mais uma vez demonstram a economia linguística.

Exemplo: «com a piscina»  
«com a flor»  
«com a justiça»  
«com a Mariana»

O facto da função de um elemento ser indicada separadamente de esse elemento revela-se, assim, extremamente vantajoso.

### 3.4.2.3 — Monemas dependentes

Monemas dependentes ou não autónomos são aqueles cuja função é indicada através da sua posição ou pela presença de um funcional <sup>(25)</sup>.

A frase que apresentamos a seguir permite-nos exemplificar os três tipos de monemas:

a) «Ontem a Ana colheu duas rosas no jardim.»

«Ontem» é um monema autónomo, não necessita de se fazer acompanhar por um funcional, e a sua posição no enunciado não é pertinente, poderíamos ter também as seguintes frases:

b) «A Ana ontem colheu duas rosas no jardim.»

c) «A Ana colheu ontem duas rosas no jardim.»

d) «A Ana colheu duas rosas no jardim ontem.»

e) «A Ana colheu duas rosas ontem no jardim.» <sup>(26)</sup>

### 3.4.2.4 — O sintagma autónomo

Como já dissemos os monemas funcionais conferem autonomia aos elementos a que se ligam. «No jardim» é assim um sintagma autónomo. «Um sintagma autónomo é uma combinação de dois ou mais monemas cuja função não depende do lugar que ocupa no enunciado».

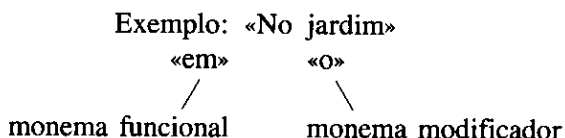
(A. Martinet, *Elementos*, 1960, 1985, p. 108)

Embora na maioria dos casos no sintagma autónomo se verifique a presença de um funcional, é também possível encontrarmos sintagmas autónomos cuja relação com o enunciado é feita pelo conjunto dos monemas em causa.

Exemplo: «Casei o ano passado.»

### 3.4.2.5 — Monemas funcionais e especificadores

Um aspecto que há que clarificar é a necessidade de distinguir entre os monemas funcionais, que são elementos de ligação, exercendo uma acção centrífuga, e os especificadores ou modificadores, que não têm qualquer papel de ligação, limitando-se a especificar o elemento que acompanham, exercendo uma acção centrípeta. Retomemos a frase «A Ana colheu duas rosas no jardim.» As unidades «a» e «duas» são exemplos de modificadores. Devido ao seu estatuto gramatical e pelo facto de amiúde aparecerem amalgamados <sup>(27)</sup> com os funcionais têm sido com eles frequentemente confundidos.



O monema funcional «em» liga o sintagma «o jardim» ao resto do enunciado exercendo assim uma acção centrífuga. O especificador ou modificador «o» só se relaciona com o elemento «jardim», o qual especifica. Desempenha, pois, uma acção centrípeta. Quanto aos modificadores, há uma certa relutância em falar de autonomia sintáctica. Como aparecem frequentemente amalgamados com os monemas que determinam o teste de deslocabilidade resulta quase sempre negativo. Os modificadores ou modalidades não se deslocam facilmente, porém, a natureza da sua relação com o monema que determinam não põe qualquer

problema e nesse aspecto devem ser colocadas no mesmo plano dos monemas autónomos. A relação que as modalidades estabelecem é sempre de determinação, são unifuncionais <sup>(28)</sup>.

### 3.4.3 — VALIDADE DO CRITÉRIO DE AUTONOMIA SINTÁCTICA

O critério de autonomia sintáctica, que nos permite fazer a divisão de monemas apresentada, limita-se a ter validade num dado enunciado. Um mesmo monema pode assumir-se como autónomo, funcional ou dependente conforme os contextos. Quer os monemas autónomos quer os funcionais são indetectáveis como tal num enunciado determinado <sup>(29)</sup>.

- Exemplo: a) «Sábado vou ao médico.»  
b) «Sábado é o dia em que o médico dá consultas.»  
c) «Compra-me o Sábado.»

Em a) «Sábado» é um monema autónomo, em b) e c) é um monema dependente.

É provável que todas as línguas apresentem os três tipos de monemas referidos, mas Martinet, numa atitude que sempre manteve presente nos seus trabalhos — o respeito pelo objecto estudado —, afirma não querer aí ver mais do que possibilidades de extensão variável de uma língua a outra, podendo em teoria cada uma delas estar ausente ou não <sup>(30)</sup>.

### 3.4.4 — O SINTAGMA PREDICATIVO/MONEMAS INDEPENDENTES

Para além destes três tipos de monemas teremos ainda de considerar outro que não é propriamente autónomo mas «independente» — o elemento central do enunciado, o núcleo predicativo <sup>(31)</sup>.

- Exemplo: «Ontem houve festa na aldeia.»

Se «Ontem» é um monema autónomo e «na aldeia» um sintagma autónomo, cuja autonomia lhe é conferida pela presença de um funcional («em»), o que se passa com «houve festa» é diferente; goza não só de autonomia sintáctica, podendo ser colocado no princípio, no meio ou no fim do enunciado, mas ainda de independência, podendo aparecer sem os outros elementos, o que já não acontece com «ontem» e «na aldeia».

O seguinte esquema resume o que foi dito acerca da classificação dos monemas com base no critério de autonomia sintáctica:

A	B	C	D	E
MONEMAS INDEPENDENTES	MONEMAS AUTÓNOMOS	MONEMAS FUNCIONAIS	MONEMAS DEPENDENTES	MODALIDADES

- A — São o elemento central do enunciado.  
 B — Indicam por si mesmos a sua função.  
 C — Indicam a função de outros monemas.  
 D — A sua função é indicada pela posição que ocupam ou por um funcional.  
 E — Tendo uma função meramente classificatória ou especificadora, não têm influência no esquema geral do enunciado.

### 3.4.5 — FUNÇÕES PRIMÁRIAS E NÃO-PRIMÁRIAS

Entre os monemas dependentes Martinet propõe a distinção entre os que assumem uma função primária, ou seja, aqueles que estão directamente ligados ao predicado e aqueles cuja função é não-primária, os que não se ligam directamente ao predicado <sup>(32)</sup>. Estes serão designados «dependentes marginais» ou «determinantes» e aqueles «dependentes primários».

A distinção entre monemas lexicais (os que pertencem a inventários ilimitados) e gramaticais (os que pertencem a inventários limitados) pode ser conjugada com a distinção feita a partir do critério de autonomia sintáctica. Obteremos assim o seguinte esquema <sup>(33)</sup>:

#### SEM INDICAÇÃO DE FUNÇÃO

MONEMAS LEXICAIS	MONEMAS GRAMATICAIS
— Dependentes primários	— Dependentes primários
— Determinantes	— Determinantes

#### COM INDICAÇÃO DE FUNÇÃO

MONEMAS LEXICAIS	MONEMAS GRAMATICAIS
— Autónomos	— Funcionais

Como podemos ver no esquema, entre os dependentes primários alguns podem ser lexicais (por exemplo os nomes) e outros gramaticais

(por exemplo os pronomes). O mesmo acontece com os determinantes ou dependentes marginais, por exemplo, os adjectivos são lexicais e os artigos são gramaticais.

Os determinantes gramaticais podem designar-se modificadores ou modalidades (<sup>34</sup>). São exemplo de modalidades o número, os tempos, os modos, etc.

Como referimos anteriormente, é indispensável não confundir entre os elementos gramaticais dois tipos tão distintos como os funcionais e as modalidades. Os funcionais conferem autonomia sintáctica aos elementos que acompanham e indicam a sua função, são conectores. Por seu turno, os modificadores ou modalidades limitam-se a ajudar a definir o valor do segmento com o qual estão relacionados, ou seja, referem-se ao núcleo do sintagma a que pertencem, só acrescentam informação específica mas não indicam qualquer tipo de relação com o enunciado. São centrípetos e não centrífugos como os funcionais, não estabelecem qualquer elo sintáctico.

Exemplo: «A Ana foi à festa com um amigo.»

/      \  
funcional      modalidade

«com» relaciona o sintagma «um amigo» com o resto da oração e confere-lhe autonomia sintáctica.

O facto de amiúde funcionais e modalidades aparecerem amalgamados tem contribuído para que frequentemente sejam confundidos e analisados como iguais.

Constatamos que Martinet determina dedutivamente quais as possibilidades que nos oferece a forma linear do discurso para expressar as diversas relações existentes entre os elementos da experiência. Não temos, porém, o direito de afirmar a existência de relações universais (<sup>35</sup>). André Martinet afirma-o várias vezes: para os funcionalistas não há universais linguísticos a não ser os implicados na definição de língua. Tal não deverá, porém, levar-nos a renunciar a uma tentativa de definição de tipos de monemas dos quais não se postula a existência universal, mas cuja existência é bastante provável tendo em conta a economia linguística.

### 3.5 — CLASSES DE MONEMAS

Se no domínio da segunda articulação a posição ocupada por certo fonema adquire especial importância, não podendo o falante relacionar a seu bel-prazer os vários fonemas, podemos afirmar que na primeira



articulação se verificam também restrições às relações que os monemas estabelecem entre si. A livre combinação de monemas é algo que parece não existir, existe sim uma hierarquização e especialização que qualquer falante deve ter em conta ao combinar os monemas. Por exemplo, podemos juntar um artigo a um nome («o cão») mas já não o podemos fazer em relação a um pronome (\*«o ele»), ou se podemos combinar um tempo com um verbo («vestirei»), não o podemos combinar com um nome (\*«blusarei»).

### 3.5.1 — COMPATIBILIDADES

Os monemas revelam a existência de relações possíveis e impossíveis, caracterizam-se por determinadas compatibilidades. No entanto, o que nos vai interessar não é se o monema X em particular é compatível com o monema Y num dado enunciado. O que interessa é estabelecer as condições de emprego de uma dada classe de monemas:

«Il faut insister sur le fait que lorsqu'on parle des mêmes compatibilités, on parle de relations de classe à classe et non des relations entre les unités individuelles».

(A. Martinet, *Fonction et dynamique*, 1989, p. 140)

Em *Grammaire fonctionnelle du français* (§ 1.12) Martinet propõe que se classifique conjuntamente numa dada língua os monemas que apresentem as mesmas compatibilidades e se excluam mutuamente <sup>(36)</sup>.

Apesar de até aqui termos utilizado o termo «combinar», há que definir «compatibilidade» enquanto termo técnico e distingui-lo com exactidão das noções de «combinabilidade», «coexistência» e «justaposição». De acordo com Christos Clairis, definiremos «compatibilidade» como «a faculdade que têm dois ou mais monemas ou sintemas de uma dada língua de serem empregues em conjunto e ligados numa relação sintáctica» <sup>(37)</sup>. Se os nomes são compatíveis com os adjectivos diremos que se trata de duas classes compatíveis.

### 3.5.2 — CLASSES E «PARTES DO DISCURSO»

Parecer ser possível estabelecer um paralelo entre classes e «partes do discurso» <sup>(38)</sup>; porque introduz então Martinet esta nova desig-

nação? É mais uma vez o desejo de não forçar todas as línguas a encaixarem num esquema pré-determinado:

«Si nous écartons «partie du discours» de notre vocabulaire c'est surtout que nous désirons marquer qu'il n'y a pas de «parties du discours» qui préexistent de toute éternité et sont valables pour toute langue.»

(A. Martinet, *Syntaxe générale*, 1985, p. 108)

As línguas divergem entre si, cada uma tem o seu próprio conjunto de compatibilidades que deverão ser identificadas sem que a prática ou conhecimento de outras línguas dite os resultados da verificação. Não poderemos por outro lado cair nos extremos e pretender que cada língua não apresente qualquer semelhança e comunhão com outras línguas nas compatibilidades das suas classes de monemas. Verificamos, por exemplo, que nas línguas indo-europeias as flexões pessoais caracterizam as unidades pertencentes à classe dos nomes. No entanto entre as línguas ameríndias todos os monemas lexicais estão sujeitos a tal flexão, quer se trate de indivíduos, processos ou qualidades (<sup>39</sup>).

Martinet propõe que se estabeleça a constituição de diferentes classes com base num comportamento estritamente material — as compatibilidades — excluindo a componente semântica da identificação de classes.

A classificação de partes do discurso, que herdámos da tradição greco-latina, enferma essencialmente da heterogeneidade dos critérios utilizados para estabelecer tal classificação. Como afirma Otto Jespersen:

«On ne sait généralement pas quel est le critère qui permet de les distinguer, s'il doit se relever de la forme et de ses variation, ou bien du sens, ou bien de la fonction dans la phrase, ou bien encore dans les trois à la fois».

(Otto Jespersen, *La Philosophie de la grammaire*, Paris, Minuit, 1924, 1971, p. 67)

Num primeiro momento o que parece unir os elementos de uma dada classe é um certo parentesco semântico. Consideremos semânticamente o seguinte exemplo:

A — «O cavalo corre.»

B — «A corrida do cavalo.»

A' — «O menino dança.»

B' — «A dança do menino.»

A referência é a mesma em A e B, e em A' e B'. Porém agrupamos «corre» (A) e «dança» (A') na classe dos verbos e «corrida» (B) e «dança» (B') na classe dos nomes, classificação esta que só pode ser explicada com base nas compatibilidades das classes de monemas.

Como vimos, segundo Martinet, formam uma classe os monemas que revelem as mesmas compatibilidades e que se excluam mutuamente. Qualquer falante de uma língua deve ser capaz de utilizar activamente e identificar na audição os monemas pertencentes a essa língua, ora isso implica que o falante saiba quais são as compatibilidades dos monemas, ou seja, das classes a que pertencem.

«...les monèmes d'une même classe sont ceux entre lesquels le locuteur choisit à un certain point de l'énoncé pour dire ce qu'il veut dire.»

(A. Martinet, dir., *Grammaire fonctionnelle*, 1979, p. 110)

Há pois, em primeiro lugar, que fazer o inventário das classes de monemas. A distinção clássica estabelece dois grupos: os inventários de unidades gramaticais que apresentam uma frequência elevada e um número fixo de unidades; e os inventários das unidades lexicais que apresentam um número elevado de monemas susceptível de aumentar, constituindo assim uma classe aberta.

### 3.5.3 — DIFICULDADES NA DELIMITAÇÃO DE CLASSES

Ao tentarmos delimitar as várias classes existentes em determinada língua deparamos com algumas dificuldades. Os casos de transferências são uma delas. Se «nobre» é um adjetivo em «O nobre homem recusou a esmola», desempenhando a função de determinante do nome «homem», já o não é em «Os nobres de Portugal vivem em Cascais». O facto de estas transferências serem frequentes, neste caso da classe dos adjectivos para a dos nomes, não deve levar à eliminação de uma das classes.

Se num enunciado tudo gira em torno de um predicado, ao caracterizarmos as diversas classes de monemas um dos aspectos a realçar será o facto de os monemas dessa classe poderem ou não ser usados como predicado. No caso do verbo, ao defini-lo como um monema que só se emprega como predicado, deixa de ser necessário especificar que os monemas de tal classe podem utilizar-se como predicados. No caso do português para além dos verbos podem ainda figurar como predicado sintagmas nominais, monemas adjectivais ou nominais.

Exemplos: «Ela está na igreja.»  
          «Ele é inteligente.»  
          «Ela é aluna.»

A função da cópula é propriamente a de servir de suporte às modalidades de tempo e modo («é - foi - seja», etc.).

Para além da possibilidade de uso predicativo, devem também ser referidas as possibilidades de determinação de outros monemas e as determinações a que esses monemas podem ser submetidos.

Em português dir-se-á ainda que o verbo é compatível com tempo, modo e sujeito.

Resumindo, na identificação de classes de monemas juntamente com o critério de compatibilidade há que ter em conta que:

- a) Trata-se de compatibilidades sintácticas e não semânticas compatibilidades de classes com outras classes, não sendo o estabelecimento de classes afectadas pelas incompatibilidades que se possam verificar ao nível das unidades (isso pertencerá ao estudo do léxico) <sup>(40)</sup>.
- b) Para além das compatibilidades, importa o factor da exclusão mútua. As unidades que apresentam as mesmas compatibilidades só pertencem à mesma classe se se excluírem mutuamente, caso contrário pertencem a classes diferentes. Por exemplo, «artigos» e «plural» não se excluem mutuamente apesar de evidenciarem as mesmas compatibilidades. Pertencem a classes distintas respectivamente à classe dos actualizadores do nome e à classe do número. Deveremos ter em conta uma excepção: modo e tempo são compresentes, desenvolvem entre si, salvo algumas exclusões mútuas, uma relação de co-presença. Pertencem, no entanto à mesma classe, só existem como determinantes de um verbo.
- c) A noção de compatibilidade não deve ser confundida com a de combinabilidade, utilizada especialmente pelos distribucionistas. A posição das unidades não é um critério válido para determinar as compatibilidades. Só é pertinente a possibilidade ou impossibilidade de coexistência em relações de subordinação ou coordenação. A compatibilidade não tem nada que ver com vizinhança. Ela supõe a existência de determinadas relações entre classes de monemas, e portanto entre os monemas que constituem tais classes. Tal não significa que os monemas de duas classes compatíveis devam estar em contacto no enunciado:

Exemplo: «A grande e requintada janela»

O artigo definido *a* pertence à classe dos actualizadores, que é compatível com a classe dos nomes, no entanto não aparece junto do nome que determina, *janela*.

### 3.6 — A AXIOLOGIA

Em 1973, no artigo «Pour une linguistique des langues» <sup>(41)</sup>, Martinet apresenta-nos pela primeira vez o termo *axiologia*. Partindo do grego *axia* - «valor», André Martinet forma o nome que irá designar uma nova disciplina linguística: aquela que estudará os elementos de sentido que uma dada língua retém para constituir o significado das unidades de primeira articulação.

Se 1973 é a data a fixar quanto ao aparecimento do termo *axiologia*, outra será a data que deveremos reter para marcar o início da reflexão funcionalista sobre o significado. «Arbitraire linguistique et double articulation» <sup>(42)</sup> é o artigo que apresenta as primeiras abordagens nesse campo, abordagens essas que são marcadas por um sublinhar das dificuldades que se verificam quando experimentamos trabalhar a realidade semântica. Martinet aponta ainda neste artigo a falta de um aparelho terminológico que permita tratar rigorosamente os factos semânticos. Alerta-nos para o facto de não haver no plano do significado uma disciplina que estude o sentido em geral e outra que estude a realidade semântica integrada na estrutura de uma dada língua. Martinet apresenta-nos por isso o seguinte esquema incompleto <sup>(43)</sup>:

	<b>SUBSTÂNCIA FÔNICA</b> (Sons)	<b>SUBSTÂNCIA SEMÂNTICA</b> (Sentido)
<b>FONÉTICA</b>	<b>Estrutura linguística</b>	
	<b>significantes</b>	<b>significados</b>
	<b>FONOLOGIA</b>	?
	(Estudo das unidades e 2.ª articulação e das unidades pro- sódicas)	
	(Estudo das unidades de 1.ª articulação)	

As casas vazias deste esquema são preenchidas quando Martinet propõe, transpondo a distinção entre fonética e fonologia para o domínio do significado, o termo *semântica* para designar o estudo geral do sentido, constituindo assim a semântica a disciplina paralinguística de que fala em 1957, e o termo *axiologia* para designar o estudo dos elementos de sentido que uma determinada língua retém para constituir o significado das unidades linguísticas.

Como constatamos, Martinet acaba por elaborar para o estudo no sentido um aparelho conceptual análogo ao que permite distinguir a substância física dos sons da sua substância linguisticamente formada. Seguindo a proposta de Martinet, a substância semântica será estudada pela semântica, disciplina não propriamente linguística, e pela axiologia, que estudará a realidade semântica estruturada por cada língua em particular.

Relativamente às duas disciplinas paralinguísticas, fonética e semântica, devemos ter em conta uma diferença importante: ao passo que a fonética se debruça sobre factos precisos, possuindo para tal os instrumentos adequados, a semântica debruça-se sobre um objecto vasto e mal definido, aquilo a que Martinet chama «experiência humana», «experiência a comunicar», o plano do conteúdo a que Saussure se refere como «le plan indéfini des idées confuses» (44).

### 3.6.1 — PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

A axiologia é a última parte da teoria linguística funcional a ser desenvolvida. Como tal, está longe ainda de apresentar o rigor que encontramos em fonologia ou em sintaxe. Importa, pois, observar quais os princípios epistemológicos e metodológicos que respeitam à axiologia.

O princípio de base da axiologia é, como para toda a linguística funcional (45), o realismo funcional, que se opõe ao apriorismo e ao formalismo. Tal princípio implica sobretudo ter em consideração que o método é condicionado pelas propriedades do objecto a estudar. Não poderemos, por exemplo, postular que o método da fonologia deverá ser igualmente o da axiologia. Num contexto realista Martinet advoga que haja uma correlação entre objecto e método.

O princípio de pertinência ou relevância (46) deverá estar presente e orientar o trabalho em axiologia, tal como acontece em todos os outros domínios da linguística. Uma análise funcionalista não confundirá os factos linguísticos nem com a realidade física dos significantes, nem com a realidade psíquica dos significados. A preocupação do investi-

gador, em axiologia, será identificar e analisar as unidades que permitem que a função comunicativa tenha lugar. O princípio de pertinência, neste caso a pertinência comunicativa, rege sempre o trabalho do investigador: o modo como questiona, as hipóteses que coloca, os instrumentos que concebe para analisar o seu objecto. Inspirando-se no modelo fonológico, mas alertando-nos para o facto de que método e instrumentos deverão respeitar o objecto. Martinet, colocando-se na tradição saussuriana, introduz os conceitos operatórios de *oposição* e *valor* e a prova de comutação no domínio da axiologia.

A sua fidelidade ao conceito de valor, herdado de Saussure, conduz Martinet a certas posturas que interessa referir, uma vez que se reflectem no estudo do sentido. De entre elas destacamos: a recusa da relação directa entre sentido e referente; a recusa da possibilidade de chegar ao significado por meio da introspecção, e a recusa da ideia de que o *signo* une um significante a um conceito.

Mas retomemos a noção de valor e as suas implicações para a linguística funcional. Quanto às unidades significativas, esta noção implica que cada unidade adquire a sua identidade pela sua função no processo de comunicação e pelas relações de oposição que estabelece com as outras unidades do sistema comutáveis com ela. Daqui advêm vários pontos problemáticos. O número elevado de monemas que poderá comutar com aquele que é alvo da nossa atenção e a infinidade de contextos em que poderão surgir tornam impossível, pelo menos de levar à exaustão, a operação de identificação do valor de um monema. A tarefa do axiólogo é ainda dificultada pelo facto de o próprio contexto poder modificar o significado do monema. A identificação do significado de um monema por parte de diferentes locutores também não é matéria pacífica, uma vez que dificilmente se obterá uma identidade completa entre um sujeito e outro. Segundo Martinet, «il restera toujours, chez l'individu, une réaction particulière à chaque signe» (47). É esta reacção que ele propõe apelidar de conotação.

Como será então possível ao falante comunicar com outros falantes? A resposta é de Martinet:

«La seule possibilité, pour l'individu, de pratiquer sa langue à la satisfaction de son entourage sera de n'utiliser les signes que dans les contextes où il les a toujours entendus.»

(«Réflexions sur la signification», *La Linguistique*, 25, 1, 1989, p. 46)

Mas se é certo que é esse uso dos signos nos contextos habituais que permite a comunicação quotidiana dos falantes, constatamos também ser verdade que constantemente se criam novos sentidos, utilizando os signos em novos contextos. Esses novos usos são uma das muitas expressões da dinâmica linguística. Poderemos dizer que há um jogo de forças entre aquilo que é o uso «habitual» da comunidade e os usos «inovadores». Campo privilegiado de inovações na utilização de signos em contextos diferentes é, sem dúvida, o da criação poética.

No artigo «Réflexions sur la signification» temos como exemplo o pronome *eu*. O seu referente poderá ser «Maria», «José», «o reitor», etc. O significado constante será sempre «aquele que produz o enunciado». Esse será o valor de *eu*, sempre o mesmo e o único que terá na língua. É importante sublinhar que o valor só existe por convenção, neste caso sob a forma de um signo arbitrário, quer no que respeita ao seu significado quer ao seu significante.

Como referimos anteriormente, o falante conta com o contexto para modificar o sentido das unidades (monemas ou sintemas). Por exemplo, o monema *grande* não veicula a mesma realidade em *grande rato* e *grande girafa*, mas nos dois casos o valor é o mesmo: *tamanho superior ao médio*. Mas casos há em que se nos apresentam questões diferentes como no que respeita à polissemia. Tomemos como exemplo o monema *verde*. O valor de um monema resulta da escolha que dele é feita por oposição a outros que poderiam figurar no seu lugar, ou seja, no contexto considerado. Na frase *Compri um vestido verde*, *verde* opõe-se a *azul*, *branco*, *amarelo*, etc. Mas na frase *Ela só gosta de vinho verde*, *verde* opõe-se somente a *maduro*. Ou ainda na frase *O mar da costa alentejana é verde* onde *verde* se opõe a *azul*. Poderíamos ainda considerar outros valores do monema *verde* com os que se verificam em *Verdes anos*, *Ele ainda está muito verde*, *Ficou verde de raiva*, ou *A fruta está verde*. Estamos perante um exemplo de polissemia. Em todos os contextos aparece o monema *verde* mas apresentando valores diferentes. A questão essencial levantada pelas polissemias e pelos homónimos é a de saber em quantos campos axiológicos distintos os devemos repartir, uma vez que, de acordo com os diferentes campos, assim os monemas poderão opor-se a monemas diferentes, em contextos diferentes. Relativamente à polissemia Martinet conclui que:

«En matière d'axiologie, on parlera de valeurs distinctes, dans le cas d'identité formelle, polysémique ou homonimique, si l'on peut attribuer un usage donné à un champ axiologique déterminé.»

(Id., *ib.*, p. 49)



Será possível estender à axiologia a noção de «traço pertinente»? Poderemos falar em «traços de significado» por analogia com «traços distintivos»? Martinet mostra certas reservas a propósito de tal possibilidade. Quando em 1946 publica o artigo «Au sujet des fondements de la théorie linguistique de Louis Hjelmslev» <sup>(48)</sup>, critica o linguista dinamarquês quando este decompõe «jument» em «cheval» e «femelle», dizendo que o que Hjelmslev faz com esse procedimento é operar com signos e não com traços semelhantes aos que constroem o fonema. Uma reflexão do mesmo teor aparece-nos no artigo de 57 quando discorre sobre o isomorfismo proposto por Hjelmslev:

«On note constamment, chez ceux qui, sans être glossématiciens déclarés, font un effort pour se représenter la réalité linguistique dans le cadre hjelmslevien, qu'ils se laissent aller à confondre, dans une certaine mesure, les deux plans, sans s'apercevoir que ce ne sont plus des unités de contenu qu'ils vont opposer à des unités d'expression, mais bien des signes, qui participent aux deux plans, à des phonèmes qui n'appartiennent qu'à un seul.»

(A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, 1965, 1974, p. 30)

Verifica-se que os sistemas fonológico e axiológico têm características que conduzem a uma estruturação em traços pertinentes bastante diferente. Em fonologia o número de unidades a analisar é relativamente baixo e determinado <sup>(49)</sup>, ao contrário do que acontece em axiologia, onde as unidades são em número muito superior (infinito?), não estando determinado. A identificação dos traços pertinentes de sentido revela também dificuldades, uma vez que pode variar de locutor para locutor: «ce qui est vrai pour un usager de la langue ne l'est pas pour un autre» <sup>(50)</sup>.

Daqui se compreende que Martinet demonstre uma certa desconfiança face ao conceito de traço pertinente de significado. No entanto, apresentado uma evolução no seu pensamento, Martinet admite em 1975, no artigo «Sémantique et axiologie», que as unidades significativas, tais como as distintivas, são susceptíveis de ser analisados em traços. Martinet descobre que nem todas as unidades significativas oferecem o mesmo tipo de resistência à estruturação; as unidades gramaticais constituem um campo de análise bastante diferente do das unidades lexicais.

### 3.6.2 — UNIDADES GRAMATICAIS E UNIDADES LEXICAIS

O valor de um monema identifica-se opondo o monema a todos os outros da mesma classe num determinado contexto. As unidades gramaticais constituem classes fechadas e apresentam-se em número consideravelmente restrito, sendo mais fácil aplicar-lhes instrumentos de análise semelhantes aos utilizados em fonologia. Quanto às classes lexicais, dificilmente poderemos determinar o número de unidades que as compõem, dado que estamos perante classes abertas. Martinet, tal como Buysens e Tullio de Mauro <sup>(51)</sup> entre outros, demonstra, como vimos, um certo pessimismo quanto à possibilidade de operar com traços pertinentes de sentido no campo lexical. Se o valor de um monema depende da sua oposição a todos os outros susceptíveis de aparecerem no mesmo contexto e tomando em consideração que o número de monemas que constitui o léxico de cada locutor é muito variável, o monema não terá o mesmo valor para o falante cujo léxico é composto por 5000 unidades que terá para outro cujo léxico se componha de 200 000. Por outro lado, a utilização do conceito de traço pertinente implica que se estabeleça uma lista finita dos mesmos, o que parece ser teórica e empiricamente impossível.

As dificuldades teóricas e práticas que surgem quando se tenta uma estruturação do léxico são bem exemplificadas por diferentes trabalhos nesse domínio <sup>(52)</sup>. Faremos aqui referência em particular a um deles, o artigo de Henriette Walter «Sémantique et axiologie: une application pratique au lexique du français» <sup>(53)</sup>, publicado em 1985. Prende-se a nossa escolha com o facto de a autora se colocar assumidamente na corrente funcionalista, tentando, como o próprio título indica, fazer uma aplicação prática da teoria axiológica concebida por Martinet.

Henriette Walter propõe-se fazer um estudo sobre os lexemas que designam o «calçado» em francês. Seguindo o modelo de análise fonológica a autora começa por distinguir variantes semânticas e unidades axiológicas (analogamente ao que se faz em fonologia, onde se distinguem variantes fonéticas de unidades fonológicas).

O primeiro problema que se colocou à investigadora foi o da constituição do inventário. Na impossibilidade prática de reunir um *corpus* onde figurassem todos os lexemas, opta por se socorrer dos dados fornecidos pelos dicionários. Reúne assim um corpus de 83 lexemas. O problema da diversidade de usos, dado ser conveniente abordá-lo somente depois de se ter determinado como as diversas unidades se comportam umas em relação às outras no mesmo sistema, é deixado para uma etapa posterior da análise. Nesta sequência, H. Walter decide estudar

apenas as 50 unidades lexicais mencionadas no *Petit Larousse*, reservando para uma etapa posterior o estudo das variações individuais e sociais.

Tal como em fonologia, aproximaram-se inicialmente os diferentes lexemas a fim de determinar quais os traços semânticos que permitiam agrupar as unidades que designassem «calçado» e distingui-las de todas as outras. H. Walter considera três traços pertinentes: 1 — peça de vestuário, 2 — que se coloca nos pés, 3 — provida de sola. Como traços semânticos dos diversos lexemas, a linguista retém todos os traços de sentido presentes na descrição do *Petit Larousse*, tais como: «utilizador», «material», «cor», «forma», etc. Como traços axiológicos, selecciona apenas aqueles que permitem distinguir o lexema dos outros do *corpus*. Os lexemas estudados foram classificados em dez grupos, tendo os elementos de cada grupo pelo menos um traço axiológico comum (para além dos três traços comuns a todos os elementos do *corpus*).

Quais as conclusões a que chegamos perante um estudo desta natureza? A própria autora extrai válidas conclusões:

«Si on veut réellement aboutir à une étude du lexique dans sa dynamique, il faudra surtout, après une enquête auprès des usagers, tenter d'établir une hiérarchisation des unités lexicales, comme on le fait pour les unités phonologiques, en répertoriant tout d'abord les unités communes à l'ensemble des usagers, en repérant celles qui sont présentes chez la majorité d'entre eux, et en précisant celles qui ne sont connues et utilisées que par une partie de la population.»

(H. Walter, «Sémantique et axiologie», *La Linguistique*, 21, 1985, p. 293)

Henriette Walter considera ainda que um estudo lexicológico deste género poderá constituir uma etapa prévia à elaboração de um dicionário extremamente útil no ensino de léxico de uma língua estrangeira e termina o seu artigo dizendo que:

«L'étude de la dynamique dans le lexique peut s'inspirer avec profit des méthodes de la phonologie: seule l'abondance des unités à traiter, les relations complexes qu'elles entretiennent entre elles et l'ampleur de l'entreprise, peut faire hésiter les lexicologues et les lexicographes de bonne volonté.»

(Id., *ib.*, p. 295)

São, porém, estas mesmas dificuldades que parecem ter demovido os investigadores de empreender esforços nesse sentido.

No domínio gramatical o panorama apresenta-se bem mais favorável à análise axiológica. O significado das unidades gramaticais é mais fácil de estruturar, pois o investigador trabalha com classes pouco numerosas para as quais é possível identificar todos os contextos em que os seus monemas se realizam. Um estudo axiológico das unidades gramaticais do francês é-nos apresentado na *Grammaire fonctionnelle du français* de 1979, obra realizada por Martinet e seus colaboradores.

Tomemos como exemplo a axiologia da classe gramatical do número. Esta classe é constituída por um único monema (o exemplo aplica-se à língua portuguesa), o «plural» que existe como determinante de um nominal, nome ou pronome. Este monema opõe-se à sua ausência, tradicionalmente designada por «singular». Contudo, a ausência de plural não significa necessariamente a presença da unidade. Na frase *A zebra habita o continente africano* falamos não de uma zebra mas de várias. Logo o plural corresponde só à pluralidade explícita <sup>(54)</sup>.

Mas se o terreno das unidades gramaticais se apresenta mais seguro para a análise axiológica, mesmo aqui podem surgir dificuldades quanto ao estabelecimento das classes. Por exemplo, na classe das preposições a *Grammaire fonctionnelle du français* inclui vinte e oito unidades, outros autores, porém, apresentam números diferentes <sup>(55)</sup>. Tal facto não é, no entanto, suficientemente importante para que se desista da análise axiológica. Sabendo o linguista que cada língua está continuamente em «movimento», em evolução, haverá necessariamente pontos de desacordo entre os diversos sujeitos ou até zonas de indecisão para o mesmo sujeito. Mas tal como esse facto não inviabiliza a identificação dos significantes, também não deverá impossibilitar a identificação dos significados. Se o sistema fonológico apresenta, a par de zonas marginais, um núcleo estável onde as pertinências são asseguradas, deveremos esperar que o mesmo aconteça no sistema axiológico.

A dificuldade do estudo do significado prende-se essencialmente com o facto de sairmos do domínio do discreto:

«Dès que nous abordons l'étude de la signification, nous sortons nécessairement du domaine du discret, parce que la pression de l'infinie variété du monde perçu est ici trop forte pour que puisse se maintenir, dans toute sa rigueur, la netteté des contours de la structure linguistique.»

(A. Martinet, «Réflexions sur la signification», *La Linguistique*, 25, 1, 1989, p. 48)

As dificuldades não deverão, porém, fazer-nos renunciar aos princípios de análise que tornaram a linguística uma ciência (<sup>56</sup>). Como refere Martinet (<sup>57</sup>) a própria fonologia, primeira das ciências da cultura onde se fala de unidades discretas, conhece casos marginais.

Das considerações precedentes concluímos que a axiologia conquistou já o seu espaço no domínio linguístico, embora devamos, face ao presente estado da pesquisa, concordar com Martinet, referindo que:

Si l'axiologie est indispensable dans le domaine de la grammaire où les unités sont nettement délimitables et dénombrables, sa justification, comme discipline distincte de la lexicologie, ne semble guère s'imposer.»

(Id., *ib.*, p. 51)

## NOTAS

(<sup>1</sup>) Ver André Martinet, *Syntaxe générale*, Paris, Armand Colin, 1985, p. 60.

(<sup>2</sup>) Cf. Jeanne Martinet, «Zéro, c'est «rien»», *Linguistique fonctionnelle*, Paris, Puf, 1979, pp. 175-180.

(<sup>3</sup>) «Un monème est le plus petit segment du discours auquel on peut attribuer un sens.» André Martinet, *La linguistique synchronique*, Paris, PUF, 1960, 1974, p. 11. O termo foi inventado por Henri Frei, ver Henri Frei, «Le signe de Saussure et le signe de Buyssens», *Lingua* 12, 1963, p. 427.

(<sup>4</sup>) Cf. também *Studies in Functional Syntax*, 1975, p. 104. «Minimal meaningful units... have sometimes been called «morphemes». But since many linguists would resent applying this term to a unit whose form cannot always be pinned down, I will rather use another word, namely moneme, which has been used with that meaning by some linguists of the Geneva school.»

(<sup>5</sup>) Ver «Syntagme et syntème» *La Linguistique*, 2, 1967, pp. 1-14.

(<sup>6</sup>) Ver «Syntagme et syntème», *La Linguistique*, 2, 1967, p. 6. Cf. também *Grammaire fonctionnelle du français*, Paris, Crédif-Didier, 1979, p. 233 e «Synthematics», *Word*, 31, 1980.

(<sup>7</sup>) A questão dos diferentes tipos de sintemas é tratada em várias obras de Martinet, nomeadamente em *Grammaire fonctionnelle du français*, em *Syntaxe générale* e em diversos artigos. No artigo intitulado «Synthematics», incluído em *Word*, 31/1, de 1980. Martinet não distingue, quanto à sua formação, três tipos de sintemas mas sim quatro: os compostos, os derivados, os confixos e as cristalizações. A diferença reside no facto de considerar as cristalizações à parte dos compostos. Não nos parece no entanto suficientemente justificada tal divisão. Certo é, que as cristalizações são os sintemas que mais perto estão dos sintagmas e aqueles cuja identificação se pode tornar mais subjectiva, porém tal como os sintemas formados por composição as cristalizações são constituídas por monemas liberáveis (ver esquema da p. 76). Mantemos, pois, a divisão entre os sintemas formados por composição, derivação e confixação apresentada em *Syntaxe générale*, p. 35. Note-se, ainda, que se verifica um evoluir de doutrina entre *Elementos* e *Syntaxe*. Só nesta última aparece a noção de liberável. Na tradução portuguesa de *Elementos*, baseada na versão francesa refundida de 1980 «conjoint» é traduzido, de um modo pouco feliz, por «ligado», o que permite confusões. Optámos aqui pela tradução «conjunto», entendendo por monemas conjuntos os que fazem parte de complexos.

(<sup>8</sup>) Sobre monemas conjuntos e monemas livres ver *Syntaxe générale*, p. 34.

(<sup>9</sup>) Sobre cristalizações ver *Elementos de Linguística Geral*, Lisboa, Sá da Costa, 1985, p. 180. O termo francês é «figément»; adoptamos o termo cristalização seguindo a tradução de Jorge Morais Barbosa da obra referida.

(<sup>10</sup>) Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1967, p. 170.

(<sup>11</sup>) Considere-se ainda a seguinte definição: «On proposera une définition plus précise selon laquelle un syntagme se compose d'un monème central (ou de plusieurs monèmes centraux coordonnés), des déterminations diverses de l'élément central et, éventuellement, des monèmes fonctionnels qui marquent les rapports du complexe ainsi constitué avec le reste de l'énoncé».

André Martinet, *Fonction et dynamique des langues*, Paris, Armand Colin, 1989, p. 135.

(12) Ver *Elementos de Linguística Geral*, p. 130. Martinet apresenta como exemplos de sílemas «dominorum», «amabantur», «os quadros» «ele disse-lho».

(13) Ver 3.5 sobre classes de monemas.

(14) «...the possibility of commutation cannot be considered as an indication that the segment concerned is not a syntème but a syntagm. In other words, both syntagms and syntèmes are analyzable by means of commutation.», André Martinet, «Synthematics», *Word*, 31/1, 1980.

(15) Ib. p. 12 e *Syntaxe générale*, p. 37. Ver Mortéza Mahmoudian «A propos de syntagme et syntème», *La Linguistique*, 11, 1, 1975, pp. 51-73.

(16) Bernard Pottier, *Introduction à l'étude des structures grammaticales fondamentales*, Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Nancy, 1962.

(17) Émile Benveniste, «Formes nouvelles de la composition nominale», *BSL*, t. LXI, 1966, fasc. 1, pp. 82-95.

(18) Quando não houver necessidade de distinguir entre monemas e sintemas Martinet sugere que se utilize o termo «tema», *Studies*, p. 195.

(19) André Martinet, *Studies*, p. 59. «La confiance faite au sens du monème pour marquer sa fonction dans l'énoncé...; la position respective des éléments de l'énoncé; l'utilisation des signes spéciaux chargés de marquer la fonction de leur voisin...».

(20) Ver capítulo I sobre linearidade do discurso.

(21) Cf. André Martinet, *Studies*, p. 23.

(22) André Martinet, *Langue et fonction*, 1962, 1969, p. 71. «Nous avons distingué trois types de monèmes, autonomes, dépendants et fonctionnels, en nous fondant sur l'autonomie syntaxique.» A mesma distinção aparecerá já em *Elementos*, cf. p. 105.

(23) Cf. André Martinet, *Elementos*, p. 106, *Syntaxe générale*, pp. 124 e 159 e ainda *Grammaire fonctionnelle du français*, p. 13.

(24) Ver o que se disse sobre economia a propósito da segunda articulação p. 48.

(25) Cf. André Martinet, dir., *Conceitos Fundamentais da Linguística*, Lisboa, Presença, sd., p. 22.

(26) A natureza da relação entre um monema autónomo e o resto do enunciado não depende do lugar que ocupa. Não implica isso que a sua posição no interior da proposição seja necessariamente indiferente ao sentido: «Vamos depressa almoçar» não é o mesmo que «Vamos almoçar depressa». Diremos que o ponto de incidência não é o mesmo nos dois casos. Ver *Conceitos Fundamentais da Linguística*, p. 20.

(27) Sobre amálgama ver 3.2.1.

(28) Cf. André Martinet, *Syntaxe générale*, p. 161.

(29) André Martinet, *Studies*, 1975, p. 123. Cf. *Conceitos Fundamentais da Linguística*, p. 221 e Frédéric François, «De l'autonomie fonctionnelle», *La Linguistique*, 6, 1, 1970, p. 20.

(30) André Martinet, *La Linguistique synchronique*, p. 183.

(31) Cf. André Martinet, *Conceitos Fundamentais da Linguística*, p. 154.

(32) Ver em especial «Vers une syntaxe fonctionnelle», *Langue et fonction*. Por vezes Martinet fala de função secundária com o mesmo sentido de função não primária. Cf. *Conceitos*, p. 22.

(33) Um esquema semelhante é apresentado por Martinet num estudo em que compara a sua classificação com a de Sapir. Ver *Langue et fonction*, p. 137.

(34) Cf. André Martinet, *Fonction et dynamique des langues*, 1989, p. 141 e *Syntaxe générale*, 1985, p. 121.

(35) *Langue et fonction*, p. 84. Cf. também *Syntaxe générale*, p. 121.

- (<sup>36</sup>) Cf. ainda André Martinet, *Syntaxe générale*, pp. 107-108.
- (<sup>37</sup>) Christos Clairis, «Classes, groupes, ensembles», *La Linguistique*, 20, 1, 1984. «J'appellerai *compatibilité* la faculté qu'on deux ou plus de deux monèmes ou synthèmes d'une langue donné d'être employés ensemble et liés dans une relation syntaxique.»
- (<sup>38</sup>) A pertença das unidades significativas a diferentes classes ocupa desde logo lugar nas primeiras reflexões sobre a linguagem. Considere-se Platão em *Crátilo* e *O sofista*, Aristóteles em *Periérmenias* e ainda a *Gramática* de Dionísio Trácio. Nestas obras encontramos o embrião da noção de «partes do discurso».
- (<sup>39</sup>) Cf. Hans Vogt, «Le kalispel», *Le Langage*, dir. André Martinet, Encyclopédie de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1968.
- (<sup>40</sup>) Interessa, por exemplo, o facto de os nomes serem compatíveis com os adjectivos, não o facto de «lápiz» em particular não ser compatível com «alegre».
- (<sup>41</sup>) *Foundation of language*, X, 3, 1973, pp. 339-364 (artigo reproduzido em *Studies*, pp. 9-32).
- (<sup>42</sup>) *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 15, pp. 105-116, 1957, reproduzido com algumas modificações em *La Linguistique synchronique*, p. 27-41.
- (<sup>43</sup>) *La Linguistique synchronique*, p. 31.
- (<sup>44</sup>) *Cours de linguistique générale*, p. 156.
- (<sup>45</sup>) Cf. p. 28 deste trabalho.
- (<sup>46</sup>) Ver pp. 28 e 29 deste trabalho.
- (<sup>47</sup>) André Martinet, «Réflexions sur la signification», *La Linguistique*, 25, 1, 1989, p. 46.
- (<sup>48</sup>) L. Hjelmslev, *Nouveaux essais*, Paris, Puf, 1985, p. 91.
- (<sup>49</sup>) Cf. 2.1.
- (<sup>50</sup>) *Studies*, p. 9-32.
- (<sup>51</sup>) Ver E. Buyssens, «La structuration et l'arbitraire du signe», *Studii se cercetări lingvistice*, 3, 1960, p. 404 e Tullio de Mauro, *Senso e significato*, Bari, 1973, apud Georges Mounin, «Éléments d'une sémantique structurale et fonctionnelle: l'axiologie d'André Martinet», *Linguistique fonctionnelle*, Puf, 1979, pp. 229-239.
- (<sup>52</sup>) Cf. Bernard Pottier, «Du très général au trop particulier en analyse linguistique», *Travaux de linguistique et de littérature*, 1963, pp. 9-16, onde o autor tenta uma análise das denominações de «assento»; Georges Mounin, «La dénomination des animaux domestiques», *La linguistique*, 1965, 1, pp. 31-54 e ainda do mesmo autor «La structuration du lexique de l'habitation», *Cahiers de lexicologie*, 6, 1965/1, pp. 9-24, apud Henriette Walter, «Sémantique et axiologie: une application pratique au lexique du français», *La linguistique*, 21, 1985, p. 276.
- (<sup>53</sup>) Henriette Walter, «Sémantique et axiologie», *La Linguistique*, 21, 1985, pp. 275-295.
- (<sup>54</sup>) Ver *Grammaire fonctionnelle du français*, 1979, pp. 46-47.
- (<sup>55</sup>) Cf. Mortéza Mahmoudian, «Étude du signifié linguistique: son object et ses obstacles», *La linguistique*, 25, 1, 1989, p. 39. Martinet alerta também para este facto, cf. *Fonction et dynamique des langues*, p. 61.
- (<sup>56</sup>) «Nenhuma teoria resolve todos os quebra-cabeças com os quais se defronta em um dado momento. Se todo e qualquer fracasso na tentativa de adaptar teoria e dados fosse motivo para a rejeição de teorias, todas as teorias deveriam ser sempre rejeitadas.» Thomas S. Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, São Paulo, ed. Perspectiva, 3.<sup>a</sup> ed., 1990, p. 186.
- (<sup>57</sup>) Cf. André Martinet, «Réflexions sur la signification», *La Linguistique*, 25, 1, 1989, pp. 48-49.



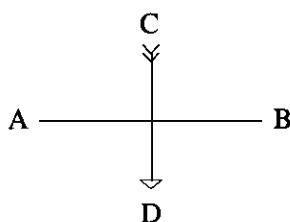
## A LINGUÍSTICA DIACRÓNICA

### 4.1 — A DICOTOMIA SAUSSURIANA

O termo *diacronia* foi introduzido em linguística por Ferdinand de Saussure, em oposição a *sincronia*. Perante os factos linguísticos dois pontos de vista são possíveis: o ponto de vista diacrónico ou o ponto de vista sincrónico. Ao adoptarmos o ponto de vista diacrónico interessar-nos-á a evolução das línguas, a comparação de diferentes estados sucessivos do mesmo objecto, ao passo que de um ponto de vista sincrónico apenas nos interessará a descrição de um estado da língua num determinado ponto no eixo do tempo, sem qualquer referência à evolução.

Esta distinção está já presente na obra *Die Sprachwissenschaft, Ihre Aufgabe, Methoden und bisherigen Ergebnisse* (*A linguística, seus objectivos, métodos e resultados recentes*) de Georg von der Gabelentz, publicada em 1891. Este autor, segundo Eugenio Coseriu (<sup>1</sup>), terá tido grande influência no pensamento saussuriano. Gabelentz distingue factos simultâneos («gleichzeitig») de factos sucessivos («aufeinanderfolgend»), definições que Saussure retoma como «faits synchroniques» e «termes successifs».

A necessidade da distinção entre uma linguística diacrónica e uma linguística sincrónica resulta das dificuldades que coloca ao linguista a intervenção do factor *tempo*. Segundo Saussure (<sup>2</sup>) todas as ciências devem especificar os eixos sobre os quais se situam os factos de que se ocupam: o eixo das simultaneidades (AB) que respeita às relações entre os factos coexistentes, onde o tempo não intervém, e o eixo das sucessividades (CD) onde apenas podemos considerar um facto de cada vez, mas onde estão situados todos os factos do primeiro eixo com as suas mudanças.



Depois de postular a existência de uma linguística da língua e de uma linguística da fala, Ferdinand de Saussure coloca a linguística perante uma segunda «bifurcação» — sincronia e diacronia:

«La linguistique se trouve ici devant sa seconde bifurcation Il a fallu d'abord choisir entre la langue et la parole; nous voici maintenant à la croisée des routes qui conduisent l'une, à la diachronie, l'autre à la synchronie.»

(Saussure, *Cours*, 1916, 1976, p. 138)

Saussure defende, assim, a necessidade de distinção de duas linguísticas, que hesita em designar como linguística estática por oposição a evolutiva, ou ciência dos estados da língua por oposição a linguística histórica. Para marcar essas duas ordens de fenómenos relativos ao mesmo objecto, Saussure opta por falar de linguística sincrónica e linguística diacrónica, acrescentando que «est synchronique tout ce qui se rapporte à l'aspect statique de notre science, diachronique tout ce qui a trait aux évolutions. De même synchronie et diachronie désigneront respectivement un état de langue et une phase de l'évolution.» <sup>(3)</sup>.

No seu desejo de fundar uma linguística geral autónoma, Saussure não só opõe sincronia a diacronia, como afirma a primazia da primeira em relação à segunda. Numa época em que se concebiam as mudanças como destruidoras da integridade da língua, é fácil compreender porque é que Saussure cai no erro teórico de conceber a estrutura apenas em sincronia estabelecendo a sua inexistência em diacronia.

As primeiras vozes discordantes elevam-se no interior do Círculo Linguístico de Praga. Aí se reconhece à linguística diacrónica o mesmo estatuto da linguística sincrónica. As obras *Remarques sur l'évolution phonologique du russe*, de 1929, e *Prinzipien der historischen Phonologie*, de 1931, ambas da autoria de Roman Jakobson, ilustram o interesse suscitado pela fonologia diacrónica. Este linguísta afirma ainda a impossibilidade de um estudo sincrónico sem um estudo diacrónico.

A fonologia diacrónica merece também especial atenção na reflexão de André Martinet, que, em 1955, publica a obra *Économie des changements phonétiques. Traité de phonologie diachronique*, contributo fundamental para um novo olhar sobre a evolução das línguas.

#### 4.2 — A LINGUÍSTICA FUNCIONAL E A EVOLUÇÃO DAS LÍNGUAS

Sendo a língua um instrumento de comunicação de uso constante, deverá adaptar-se constantemente às necessidades da comunicação. Não há qualquer incompatibilidade entre estrutura e evolução, pois, como afirma Martinet:

«Que les changements linguistiques se produisent sur un plan quelconque, lexical, syntaxique, morphologique ou phonologique, de la structure, ils sont toujours, sinon totalement déterminés, du moins toujours contrôlés par la nécessité, pour la langue, d'assurer la communication entre ceux qui la pratiquent».

(A. Martinet, *Evolution des langues et reconstruction*, 1975, p. 7)

Para Martinet a fonologia diacrónica deve explicar como é que uma língua, mudando de forma, não deixa de funcionar. As mudanças serão explicadas dentro do funcionamento. A própria estrutura de uma língua não é senão um aspecto do seu funcionamento; uma mudança na estrutura evidencia a realidade da evolução. A existência de uma estrutura é determinada pelos factores funcionais. São, pois, os factores funcionais que determinam as reacções das unidades no interior de um sistema. As mudanças ocorrem num determinado sentido e não noutro devido à necessidade de manter as oposições indispensáveis à comunicação.

##### 4.2.1 — O PRINCÍPIO DA ECONOMIA

O princípio da economia que regula todo o comportamento humano deve ser também tomado em consideração na evolução das línguas. Todo o acto de fala exige um esforço ao falante. Basta constataremos que quando doentes ou muito cansados nos pode ser penoso falar. Reduzindo o

número de movimentos articulatórios os sujeitos falantes economizam energia. Há porém uma proporção inversa entre o esforço do falante e o do ouvinte, ou seja, há uma tensão permanente entre as necessidades comunicativas e a tendência a reduzir ao mínimo a actividade mental e física. Verifica-se um equilíbrio constante:

«Em cada estágio da evolução, realiza-se um equilíbrio entre as necessidades da comunicação, que requerem unidades mais numerosas, mais específicas, cada uma das quais apareça com menor frequência nos enunciados, e a inércia do homem, que o leva a empregar um número restrito de unidades de valor mais geral e uso mais frequente».

(A. Martinet, *Elementos*, 1985, p. 165)

Na satisfação das necessidades comunicativas podemos optar entre um aumento do número de unidades do sistema ou um aumento de unidades no discurso. Posso falar da minha «Míele», ou referir-me à minha «máquina de lavar roupa». No primeiro caso há economia sintagmática (um monema e não vários, menos fonemas), no segundo caso há economia paradigmática, pois não se acrescenta nenhuma nova unidade à lista dos substantivos de entre os quais devo efectuar a minha escolha.

Toda a unidade linguística estabelece dois tipos de relações, as relações no discurso e as relações no sistema, o que deve ser levado em conta no estudo da evolução das línguas. Fonemas e monemas vêem a sua realização sujeita a dupla pressão: pressão das unidades coexistentes no discurso e pressão das unidades pertencentes ao mesmo paradigma, ou seja que poderiam aparecer no mesmo ponto do enunciado mas se afastaram para se comunicar o que se pretendia.

A economia sintagmática permitirá entender certos fenómenos decorrentes da co-presença das unidades no discurso, tais como a sonorização (*vita* — >*vida*), a palatalização (*solia* — >*solha*), a prótese (*sponsa* — >*esposa*), etc. Verificam-se assim várias pressões no plano sintagmático, uma vez que as unidades linguísticas se sucedem umas às outras. Exemplo de economia sintagmática é também a síncope das vogais pós-tónicas dos proparaxítonos latinos, como evidenciam as seguintes formas apresentadas no *Appendix Probi*: **speculum non speculum**, **masculus non masclus**, **calida non calda**, **viridis non viridis**, etc, ou o desaparecimento de certos grupos consonânticos, pela epêntese de [ə], como se verifica no português. Por exemplo, *adquirir* [ɑdəki'rir], *obséquio* [obə'zekiu], etc, ou a constituição de outros grupos

pela síncope de *-e-*, como [*'prigu*] *perigo*, [*stri'or*] *exterior*, etc. Mas a economia sintagmática condiciona a economia paradigmática e é por ela condicionada. Por exemplo, a sonorização das consoantes oclusivas intervocálicas no latim vulgar da România ocidental apenas se verifica posteriormente à fricatização das consoantes oclusivas sonoras (*faba*->*fava*). Embora o condicionamento sintagmático favorecesse a transformação das oclusivas surdas em sonoras, havia um condicionamento paradigmático negativo, dado que tal evolução punha em «perigo» o sistema, uma vez que implicava a neutralização de uma oposição fonológica. Do mesmo modo, a simplificação das consoantes duplas apenas se verifica após a sonorização das surdas (*vacca*-> *vaca*). Observamos então várias transformações em cadeia, por exemplo: *tt* > *t* > *δ* > *0*, ou seja, as geminadas surdas simplificam-se, as surdas sonorizam-se, as sonoras fricativizam-se, as fricativas desaparecem.

É esta tensão permanente entre forças em equilíbrio que Martinet denomina economia da língua:

«O que pode chamar-se economia da língua é esta busca permanente de equilíbrio entre necessidades contraditórias que é preciso satisfazer: necessidades comunicativas por um lado, inércia memorial e inércia articulatória por outro, estas últimas em permanente conflito.»

(A. Martinet, *Elementos*, 1960, 1985, p. 166)

#### 4.2.1.1. — Economia e redundância

Referimos já o facto de a comunicação linguística implicar um dispendio de energia mental e física. Para satisfazer as nossas necessidades comunicativas, para nos fazermos compreender estamos dispostos a gastar a energia necessária. Será então lícito admitir que a energia gasta nas trocas linguísticas é proporcional à quantidade de informação transmitida. Isso implicaria que numa língua só teriam existência os elementos que contribuíssem efectivamente para a comunicação. Ora tal não se verifica nas línguas conhecidas. Verifica-se, sim, a existência de elementos redundantes. Por exemplo, numa frase da língua portuguesa, o monema plural aparece em vários pontos do enunciado, apresentando um significante descontínuo <sup>(4)</sup>: «Os gatos pretos são bonitos. Tal como este, todos os casos de concordância são testemunhos da redundância. A verificar-se em termos práticos essa relação directa entre energia dispendida e informação transmitida, seria ainda de esperar que as línguas utilizassem para formar monemas todas as combinações pos-

síveis de dois fonemas, e só depois de três e quatro fonemas e assim sucessivamente. No entanto, em português, de dezanove combinações possíveis de consoante + /i/ apenas se utilizam sete (mi, ti, si, vi, ri, li, pi).

A redundância é indispensável ao exercício da linguagem, pois as trocas linguísticas não se dão nunca em condições ideais. Dificilmente se realizarão no silêncio absoluto; os mais variados ruídos interferem nos actos de fala. De acordo com Martinet, a necessidade de manter a redundância é um dos factores que não devem perder-se de vista ao examinar as condições da evolução linguística. Mas não deixa por isso de ser verdade que a salvaguarda de certo equilíbrio entre energia gasta e informação transmitida determina em boa parte o sentido e os pormenores de tal evolução (5).

A economia revela o dinamismo da língua, ou seja, a análise da economia de uma dada língua é o estudo da sua dinâmica, da dinâmica da sua estrutura.

#### 4.2.2. — FUNÇÃO E EVOLUÇÃO

Não negando a existência de outras funções, constatamos que a comunicação é a função essencial das línguas, função essa que deve ser permanentemente considerada em todos os domínios da análise linguística, logo também no que respeita à evolução.

Facilmente compreendemos que a língua de cada um se corromperia se não existissem as imposições da mútua compreensão. Falamos para sermos entendidos, daí o imperativo de respeitar as convenções, as regras aceites pela comunidade linguística em que nos inserimos. Tais regras afectam quer as unidades de primeira articulação quer as unidades de segunda articulação.

No caso dos fonemas, a sua principal função é a função opositiva; assim as mudanças verificadas nos sistemas fonológicos não obedecerão a «leis cegas», mas sim de modo a conservar as oposições fonológicas úteis. A propósito da mudança fonética, Martinet afirma:

«Le postulat de base des fonctionalistes, en la matière, est que les changements phonétiques ne se produisent pas sans égards aux besoins de la communication, et qu'un des facteurs qui peut déterminer leur direction, et même leur apparition, est la nécessité foncière d'assurer la compréhension mutuelle en conservant les oppositions phonologiques utiles.

(A. Martinet, *Economie*, 1955, 1964, p. 49)

A conservação da distinção entre fonemas é, pois, um factor da evolução fonológica.

Quanto à manutenção ou perda das oposições fonológicas, devemos ter em consideração o seu rendimento funcional, isto é, a importância na língua considerada das referidas oposições. Embora algumas dificuldades se apresentem à avaliação do rendimento funcional <sup>(6)</sup>, admitimos que uma oposição de pouco rendimento será, em princípio, mais instável do que uma oposição de grande rendimento funcional. Em português verificamos, por exemplo, que a oposição /r/ — /r̄/ (vibrante simples — vibrante múltipla) apresenta um elevado rendimento funcional e não demonstra qualquer instabilidade. Designamos por *rendimento funcional* a importância funcional de uma dada oposição fonológica. No que respeita às vibrantes do português, apesar de não ser muito elevado o número de pares mínimos (ou quase-homónimos) que distinguem, como «caro — carro», «carinho — carrinho», «muro — murro», ambos os fonemas ocorrem abundantemente no léxico. Mesmo nos casos em que uma palavra como «amarelo» não forma par mínimo com outra que apresente uma vibrante múltipla, ou em que uma palavra como «burro» não tenha um quase-homónimo com vibrante simples, o locutor não é susceptível de utilizar indiferentemente qualquer uma das duas vibrantes.

Os sistemas fonológicos tendem a estabelecer distâncias entre as suas unidades, de acordo com o princípio da diferenciação máxima dos fonemas. Nas línguas com sistemas vocálicos de três elementos, eles são geralmente /a/, /i/ e /u/, dado que apresentam campos de dispersão bem diferenciados <sup>(7)</sup>.

Não sendo os únicos, nem necessariamente os mais decisivos, os factores fonológicos internos são parte integrante dos factores a considerar na mudança das línguas.

#### 4.2.3. — ESTRUTURA E EVOLUÇÃO

Característica bem importante da linguística do século XX, e talvez única base comum a todos os «estruturalismos», é a concepção de língua como um sistema, como um conjunto de unidades que estabelecem relações entre si, onde cada uma vale por oposição às outras. Como assinala Martinet:

«À la base de la pensée structuraliste, il y a probablement un peu partout, là-même où il n'affleure pas, un substrat commun: la

conviction ou, du moins, le sentiment que ce qui caractérise une langue et l'oppose à toute autre est un type d'organisation *sui generis* qui transcende les ressemblances accidentelles entre les réalisations d'unités isolées.»

(A. Martinet, *Economie*, 1955, 1964, p. 63)

Cada língua apresenta uma organização particular, e é essa organização, e não as suas unidades isoladas, que a distingue das outras línguas. As unidades linguísticas não podem, portanto, ser estudadas isoladamente, mas sim na estrutura que integram. Se ouvirmos a sequência «push» do inglês, tenderemos a identificá-la com a sequência «puxe» do português, dado que foneticamente nos parecem iguais. Porém, cada uma delas só tem valor respectivamente no inglês e no português, e são necessariamente diferentes porque se relacionam sintagmática e paradigmaticamente de modos diferentes. Diremos, com Martinet, que «une émission vocale n'a aucune valeur jusqu'à ce quelle soit remplacée dans le cadre des rapports particuliers à une langue» <sup>(8)</sup>.

Dado que os fonemas resultam da combinação de várias articulações distintivas <sup>(9)</sup>, geralmente uma mudança na realização de um fonema é originada pela modificação de um dos seus traços. Vimos anteriormente que os fonemas constituem séries e ordens <sup>(10)</sup>. No que respeita à mudança, verifica-se que ela afecta mais os fonemas não integrados em qualquer correlação, ou seja, as oposições de fonemas integrados numa correlação são mais estáveis do que as que existem entre fonemas que não integrem qualquer correlação <sup>(11)</sup>. Por exemplo, no sistema das fricativas latinas o /f/ não possuía um par sonoro. Observamos aí uma atracção exercida pelo sistema, no sentido de preencher essa casa vazia. Dá-se a consonantização de /u/ em /v/ <sup>(12)</sup>. Constata-se que os sistemas tendem à estabilidade, ao equilíbrio, equilíbrio esse que jamais será completo dado que as línguas são instrumentos que satisfazem as necessidades comunicativas e estas estão sempre sujeitas à mudança. A esse propósito Martinet afirma:

«On ne peut sans doute jamais parvenir à des systèmes complètement harmonieux, et même s'il s'en trouvait un qui semblât approcher la perfection structurale, il serait au service d'une langue qui, comme toutes les langues, servirait à exprimer des besoins changeants.»

(A. Martinet, *Economie*, 1955, 1966, p. 89)



### 4.3 — DIACRONIA E SINCRONIA DINÂMICA

A rígida distinção entre diacronia e sincronia suscitou críticas várias. Numa perspectiva funcional tal distinção é considerada necessária, mas não se deverá identificar linguística sincrónica e linguística estática. As línguas não são nunca totalmente homogéneas, transformam-se sem cessar. Tentar analisar um determinado estado de língua sem considerar a dinâmica inerente ao seu funcionamento será analisar uma língua «artificial». A língua é uma estrutura de tal modo complexa que mesmo olhando-a numa perspectiva sincrónica, ou seja, considerando-a num determinado momento, enfrentaremos a provável coexistência de vários sistemas. Como refere Jorge Morais Barbosa:

«En aucun moment de son histoire une langue n'est parfaitement homogène, ce qui veut dire que, lors même qu'on l'examine dans une petite communauté, on a toutes chances de se trouver face non à un seul système phonologique figé mais à plusieurs systèmes qui cohabitent allègrement.» <sup>(13)</sup>

Numa mesma comunidade coexistem vários usos, o que não parece afectar, geralmente, a comunicação. No português europeu contemporâneo convivem, por exemplo, os plurais *curricula* / *currículos*, *filhoz* / *filhozes*, *corrimãos* / *corrimões*, etc. No domínio da segunda articulação coexistem as pronúncias [tʃ] e [ʃ] para *ch*, a articulação da vibrante múltipla como alveolar ou uvular, a pronúncia [ks], [ʃ] ou [s] para o grafema *x* em posição intervocálica, etc. <sup>(14)</sup>. Em relação a tais oscilações será interessante verificar se se trata de movimentos de expansão antigos ou recentes e qual a sua direcção, quando tal for possível. No caso das vibrantes múltiplas parece tender a generalizar-se a articulação na zona posterior da cavidade bucal, de acordo com a tendência para a diferenciação máxima de fonemas <sup>(15)</sup>. Quanto à pronúncia [ks], que se terá desenvolvido no século XIX, verifica-se que substitui hoje progressivamente as pronúncias [ʃ] e [s] <sup>(16)</sup>. Dada a lentidão dos processos de mudança linguística, mais do que modificações do sistema fonológico observamos nestes casos a dinâmica da transformação fónica <sup>(17)</sup>.

Martinet propõe-nos então o conceito de sincronia dinâmica <sup>(18)</sup>, conceito indispensável à reflexão sobre a dinâmica inerente ao funcionamento das línguas:

«Il peut donc être indiqué d'opposer, à l'étude diachronique visant délibérément à comparer différents états successifs du même object d'étude, une synchronie dynamique où l'attention se concentre, certes sur un seul et même état, mais sans qu'on renonce jamais à y relever les variations et à y évaluer le caractère progressif ou récessif de chaque trait».

(A. Martinet, *Evolution des langues*, 1975, p. 9)

A teoria funcionalista advoga uma visão dinâmica dos factos linguísticos, quer se adopte o ponto de vista diacrónico ou sincrónico. Se as línguas mudam a cada instante, qualquer descrição que não considere essa dinâmica será necessariamente deformante. Entre o funcionamento e a evolução de uma língua não há, pois, qualquer contradição. As mudanças, como vimos, são sistemáticas, não atingem as unidades isoladas, mas o sistema. A evolução das línguas pressupõe a reconstrução da sua estrutura, numa adaptação constante à satisfação das necessidades comunicativas dos falantes.

A realidade das línguas não deve ser traída pelos pontos de vista adoptados. Se a realidade linguística está sempre em movimento, a imagem que damos dela não deve descurar essa dinâmica constante.

Uma língua, enquanto instrumento de comunicação, deve adaptar-se perpetuamente às condições impostas pelas necessidades comunicativas, condições essas sempre sujeitas a mudanças. Tal facto não é incompatível com a concepção de língua como estrutura; implica, porém, que essa estrutura seja necessariamente reorganizada. A mudança insere-se no funcionamento da língua, uma língua muda porque funciona.

## NOTAS

(<sup>1</sup>) Ver Eugenio Coseriu, *Lições de Linguística Geral*, Rio de Janeiro, ed. Ao livro técnico, 1980, p. 6.

(<sup>2</sup>) Saussure, *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1976, p. 115.

(<sup>3</sup>) *Ib.*, p. 117.

(<sup>4</sup>) Ver p. 71 deste trabalho.

(<sup>5</sup>) André Martinet, *Elementos de Linguística Geral*, p. 168.

(<sup>6</sup>) *Economie des changements phonétiques*, Berne, Francke Verlag, 1955, 1964, pp. 57 e 58.

(<sup>7</sup>) *Ib.*, p. 62.

(<sup>8</sup>) *Ib.*, p. 64.

(<sup>9</sup>) Sobre traços distintivos ver p. 58 deste trabalho.

(<sup>10</sup>) Ver p. 60 em especial.

(<sup>11</sup>) Cf. *Economie*, p. 79.

(<sup>12</sup>) Sobre «atração» e «casas vazias» ver *ib.*, p. 80.

(<sup>13</sup>) Jorge Morais Barbosa, «Les prolongements de la phonologie pragoise», in *Actas do XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional*, Praga, 12-17 de Julho, 1991, p. 75.

(<sup>14</sup>) Para uma perspectiva mais aprofundada ver Jorge Morais Barbosa, «Notas Sobre a Pronúncia Portuguesa nos Últimos Cem Anos», *Biblos*, Coimbra, vol. LXIV (1988), 1991, pp. 329-382.

(<sup>15</sup>) «Le principe de la différenciation maxima (...) est celui qui, en dernière analyse, s'impose comme le grand ordonnateur des systèmes phonologiques dans les limites imposées par l'inertie naturelle et la structuration économique du système». A. Martinet, *Economie*, p. 151.

Sobre as vibrantes do português consultar J. Morais Barbosa, «Sur le /R/ portugais», *Miscelânea Homenaje a André Martinet, Estructuralismo e Historia*, III, Canarias, Universidad de la Laguna, 1962, pp. 211-226, e *Études de phonologie portugaise*, 2.<sup>a</sup> ed., Évora, Universidade de Évora, 1985, cap. 7, pp. 187-208.

(<sup>16</sup>) Ver J. Morais Barbosa, «Notas sobre a pronúncia portuguesa».

(<sup>17</sup>) «Se as transformações encontradas se processaram sem terem determinado alteração formal do sistema, fica isso a dever-se ao facto de elas se terem dado precisamente dentro do sistema, no sentido de que não implicaram o desaparecimento de qualquer unidade nem o aparecimento de unidades novas, mas sim a redistribuição do uso, no discurso, de unidades já existentes». J. Morais Barbosa, *ib.*, pp. 373-374.

(<sup>18</sup>) Sobre «sincronia / diacronia» abordámos já o pensamento martinetiano no capítulo I. Cf. em particular p. 42 e ss.

## CONCLUSÃO

### O FUNCIONALISMO DE ANDRÉ MARTINET: UMA TEORIA LINGUÍSTICA COMPLETA

Concluído o nosso propósito inicial, apresentar e interpretar a contribuição de André Martinet para o estudo dinâmico das línguas, limitá-  
-nos-emos agora a rever os momentos decisivos na gestação, crescimento e aperfeiçoamento da teoria linguística funcional.

Podemos comprovar pela vasta obra de Martinet <sup>(1)</sup> que, ao longo de uma vida completamente devotada ao estudo das línguas, o mestre funcionalista desenvolve uma teoria linguística global.

Nos seus trabalhos primeiramente publicados abundam os textos dedicados à fonologia: «Remarques sur le système phonologique du français» (1933), *La prononciation du français contemporain* (1945), *Phonology as Functional Phonetics* (1946), *Description phonologique avec application au parler franco-provençal d'Hauteville* (1956, inspirado em artigo de 1945), até à obra capital *Économie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique* (1955).

Na década de 60 um novo e estimulante objectivo é assinalado por Martinet no prefácio de *Elementos de Linguística Geral*: «descobrir para as unidades significativas o que a fonologia representa para as unidades distintivas» <sup>(2)</sup>. Surgem então títulos que reflectem esse novo alvo de interesse, como *A Functional View of Language* (1962) e outros que em particular se debruçam sobre as unidades de primeira articulação, dos quais destacamos *Studies in Functional Syntax* (1975) e *Syntaxe générale* (1985).

A prossecução do objectivo explicitado nos *Elementos* desenvolve-se em várias etapas que ordenaremos cronologicamente de acordo com os títulos publicados por Martinet, tendo em conta que por detrás de uma data está um período de maturação e discussão dos novos conceitos e metodologias.

Dos artigos relacionados com a morfologia («De la morphonologie» e «Des limites de la morphologie» de 1965; «What is morphology» de 1967 etc.), passando pela sintemática («Syntagme et syntème» de 1967; «Composition, dérivation et monèmes» e «Mot et syntème» de 1968, etc.), Martinet orienta a sua reflexão, na década de 70, para o domínio da semântica, preocupando-se em analisar o conteúdo dos monemas em termos estritamente linguísticos, ou seja, em termos axiológicos. São disso testemunho artigos como «De quelques unités significatives» e «Homonymes et polysèmes», de 1974; «Sémantique et axiologie», de 1975; «What do Speakers and Hearers Have Semantically in Common?», de 1976, e «L'axiologie des unités significatives», de 1977. Domínio de estudos este que, presentemente, continua a atrair especial atenção de Martinet e dos seus discípulos, como o comprovam o número 25 de *La Linguistique*, de 1989, inteiramente dedicado ao tema «Semântica hoje», ou ainda o XVII Congresso da Sociedade Internacional de Linguística Funcional (SILF), realizado em 1990, em que grande parte dos trabalhos se deteve sobre a axiologia <sup>(3)</sup>.

Tendo sido a axiologia o último dos domínios linguísticos a receber uma elaboração teórica, esta disciplina não obteve ainda, apesar de esforços vários <sup>(4)</sup>, o rigor e precisão que se verificam, por exemplo, em fonologia. Esse mesmo aspecto constatava recentemente o Professor Doutor Jorge Morais Barbosa no XVIII Colóquio da SILF:

«... malgré tous les efforts entrepris jusqu'à ce jour, on est encore loin d'avoir abouti à cerner, dans le contenu sémantique de chaque unité significative, ce qui est proprement linguistique (le signifié), laissant de côté ce qui ne serait qu'occasionnel (contextuel, situationnel, personnel, etc.)» <sup>(5)</sup>

Mas, como vimos <sup>(6)</sup>, a situação é diferente para as unidades gramaticais, uma vez que nesse campo Martinet e os seus colaboradores cumpriram com êxito o estudo dos monemas gramaticais do francês, como o prova a *Grammaire fonctionnelle du français*.

Se a fonologia tem servido de modelo a outras disciplinas linguísticas, isso deve-se ao facto de ela vir sendo, desde os anos vinte, alvo de aturada pesquisa, o que conduziu a que os seus procedimentos de análise e métodos tenham atingido um louvável nível operacional e revelado um carácter rigoroso. Para este sucesso da fonologia em muito contribuiu a própria estrutura do sistema fonológico, sem dúvida o mais rigoroso dos sistemas linguísticos. Não se creia, porém, que a estrutura fonológica é completamente fixa e homogénea: a par dos factos centrais aparecem os factos marginais, como variação no número de unidades que constituem o sistema, etc. Tais factos, se bem que mar-

ginais, contribuem para um aperfeiçoamento do aparelho teórico e dos métodos de análise. Assiste-se assim a um enriquecimento das teses principais da fonologia funcional.

A teoria sintáctica proposta por Martinet, permanecendo fiel ao princípio de interdependência das duas faces do signo, ultrapassa o impasse a que conduziram as análises distribucionalistas, não recuando perante as dificuldades do estudo da face significada, recusando-se a mutilar o objecto de estudo em nome do princípio da simplicidade. A sintaxe funcional engloba dois outros domínios linguísticos: a morfologia, estudo da face significante do signo, e a axiologia, estudo da face significada.

André Martinet é, comprovadamente, um dos grandes responsáveis pelos significativos avanços verificados no domínio linguístico.

No campo fonológico Martinet põe fim ao divórcio entre fonologia e fonética, demonstrando-nos que ao analisarmos a fonética de qualquer língua enquanto instrumento de comunicação, nos situamos em plena fonologia, sendo o mais importante o saber compreender e interpretar os factos da realidade perceptível, de acordo com a pertinência linguística. O relevo concedido à noção de pertinência permite à linguística funcional ultrapassar a distinção radical entre língua e fala, herdada de Saussure e que esteve na base da separação entre fonética e fonologia proposta por Trubetzkoy (?).

A dicotomia saussuriana «sincronia / diacronia» é obrigatoriamente repensada quando Martinet introduz os conceitos de dinâmica linguística e sincronia dinâmica. As línguas não são nem estáticas nem homogéneas. A análise linguística deve reflectir pois a dinâmica inerente ao funcionamento das línguas. Deve ainda reflectir a individualidade e especificidade de cada língua, recusando-se a postular para todas elas uma estrutura universal.

Martinet lega-nos uma teoria linguística completa, incentivando-nos a uma visão realista dos factos e a um respeito constante pelo objecto estudado.

Se considerarmos que a designação de «estruturalista» deriva da concepção saussuriana de língua segundo a qual «une langue est un système où tout se tient», onde cada unidade vale por oposição às outras do mesmo plano, e onde os diferentes planos se condicionam e implicam mutuamente, poderemos apelidar a linguística funcional de estruturalista (?). Trata-se, porém, de uma linguística estruturalista que dá igual relevo ao funcionamento das línguas, recusando uma concepção de estrutura onde a dinâmica não tem lugar. Dado que a linguagem existe em prioridade para assegurar a função de comunicação entre os homens, facilmente se compreenderá que a estrutura linguística não seja estática e homogénea, estando num processo contínuo de adaptação, e assim concluiremos com Martinet que «uma língua muda porque funciona».

## NOTAS

- (<sup>1</sup>) Ver bibliografia em apêndice, p. 119.
- (<sup>2</sup>) *Elementos de Linguística Geral*, Prefácio da 1.ª edição, 1960, tradução portuguesa, 10.ª ed, 1985, p. 5.
- (<sup>3</sup>) Ver Actas do XVII Colóquio da SILF, realizado em Léon, Espanha.
- (<sup>4</sup>) Vários trabalhos têm sido publicados nos últimos anos tendo por objectivo o estudo linguístico do significado. De entre eles salientamos: Henriette Walter, «Séman-tique et axiologie: une application pratique au lexique du français», *La linguistique*, 1985 e Denise François-Geiger, *À la recherche du sens. Des ressources linguistiques aux fonctionnements langagiers*, Selaf n.º 36, Peeters / Selaf, 1990.
- (<sup>5</sup>) Jorge Morais Barbosa, «Les prolongements de la phonologie pragoise», in *Actas do XVIII Colóquio da SILF*, Praga, Julho de 1991, p. 78.
- (<sup>6</sup>) Ver p. 96 deste trabalho.
- (<sup>7</sup>) Cf. p. 40 e nota 4 do capítulo 2.
- (<sup>8</sup>) Aceitamos assim que Óscar Lopes apelide a teoria funcional de estruturalista, não aceitamos porém, nem compreendemos, que o referido Professor diga que ela constitui (sic) «um compromisso entre o estruturalismo e o psicologismo final (Óscar Lopes, *Gramática Simbólica do Português*, Centro de Investigação Pedagógica, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, p. 324). Tal afirmação revela, lamentavelmente, um conhecimento superficial da teoria linguística de Martinet.

## APÊNDICE



## BIBLIOGRAFIA DE ANDRÉ MARTINET

Os livros são antecédidos de L e de um número de modo a simplificar a sua identificação em referências posteriores. As obras publicadas sob a direcção de Martinet são antecédidas de Ld. Os artigos são antecédidos de A e são também numerados de acordo com a data de publicação.

Esta bibliografia baseia-se, como foi já referido na Introdução, na excelente obra de Henriette Walter e Gérard Walter, *Bibliographie d'André Martinet*, Selaf n.º 279, Peeters, Louvain-Paris, 1988, onde se apresenta também uma biografia de André Martinet, da autoria de Jeanne Martinet. Para além dos livros e artigos de André Martinet, a obra inclui referências aos prefácios, entrevistas e recensões críticas do linguista.

### LIVROS

- 1937, L1, *La gémination consonantique d'origine expressive dans les langues germaniques*, tese principal de «Doctorat d'Etat», Copenhaga, Munksgard, 224p.
- , L2, *La phonologie du mot en danois*, tese complementar de «doctorat d'Etat», Paris, Klincksieck, 100p.
- 1945, L3, *La prononciation du français contemporain: témoignages recueillis en 1941 dans un camp d'officiers prisonniers*, Paris, Droz, 249p. Reedição, Genève, Droz, 1971.
- , L4, *Questionnaire of the International Auxiliary Language Association*, New York, 98p.
- 1947, L5, *Initiation pratique à l'anglais*, Lyon, IAC, 311p.
- 1949, L6, *Phonology as Functional Phonetics*, Three lectures delivered before the University of London in 1946, Londres, «Publications of the Philological Society», University of Oxford Press, 40p. Reedição Oxford, Blackwell, 1955, 40p.
- 1954, Ld1, *Linguistics Today*, dir. de A. Martinet e U. Weinreich, New York, Linguistic Circle of New York, 280 p.

- 1955, L7, *Economie des changements phonétiques: Traité de phonologie diachroniques*, Berne, Francke Verlag, «Bibliotheca Romanica» Series Prima (Manualia et Commentationes), 396p.
- 1956, L8, *La description phonologique, avec application au parler franco-provençal d'Hauteville (Savoie)*, Genève e Paris, Droz e Minard, 108p.
- 1960, L9, *Éléments de linguistique générale*, Paris, Armand Colin, 224p. Nova edição reformulada e revista, com complementos e bibliografia, Collection «U prisme», 1980, 224p. (tradução portuguesa de Jorge de Moraes Barbosa, *Elementos de Linguística Geral*, Livraria Sá da Costa Editora, 1964, 10.<sup>a</sup> edição portuguesa de 1985 fundamentada na edição francesa de 1980).
- 1962, L10, *A Functional View of Language*, The Waynflete Lectures delivered in the College of St Mary Magdalen, Oxford, 1961, Oxford, Clarendon, VII+ 166p. (tradução francesa de Henriette et Gérard Walter, *Langue et fonction, une théorie fonctionnelle du langage*, Paris, Denol-Gonthier, 1969, 220p.).
- 1965, L11, *La linguistique synchronique*, Paris, PUF, «Le linguiste», VII+ 246p.; 2.<sup>a</sup> ed. 1968, 3.<sup>a</sup> ed. revista 1970.
- , L12, *Manuel pratique d'allemand*, Paris, Picard, 176p.
- 1968, Ld2, *Le langage*, dir. André Martinet, *Encyclopédie de la Pléiade*, 2.<sup>a</sup> ed., Paris, Gallimard, 1541 p., 1982.
- 1969, L13, *Le français sans fard*, Paris, PUF, «SUP, Le linguiste», 221p., 2.<sup>a</sup> ed. 1974.
- , Ld3, *La linguistique, Guide alphabétique*, dir. André Martinet, com a colaboração de Jeanne Martinet e de Henriette Walter, Paris, Denoel, «Guides alphabétiques Médiations», 490p. (tradução portuguesa de Wanda Ramos, *Conceitos Fundamentais da Linguística*, Lisboa, Presença, sd., 461 p.)
- 1973, L14, *Dictionnaire de la prononciation française dans son usage réel*, colaboração de Henriette Walter, Paris, France Expansion, 932p.
- 1975, L15, *Évolution des langues et reconstruction*, Paris, PUF, «SUP, Le linguiste», 264p.
- , L16, *Studies in Functional Syntax — Études de syntaxe fonctionnelle*, «Internationale Bibliothek für allgemeine Linguistik» 15, München, Wilhelm Fink, 275p.
- 1979, L17, *Grammaire fonctionnelle du français*, Paris, Didier et St-Cloud, Crédif, XII+ 276p. 2.<sup>a</sup> ed. revista em 1984.
- 1980, L18, *Dictionnaire de l'orthographe: alfonic*, em colaboração com Jeanne Martinet, Paris, SELAF, 201p.
- 1981, L19, *Linguistique et sémiologie fonctionnelles*, em colaboração com Jeanne Martinet, Istambul, 80p.
- 1983, L20, *Vers l'écrit avec alfonic*, Paris, Hachette, 174p.
- , Ld4, *L'indo-européen*, Paris, Université René Descartes, 75p.
- 1985, L21, *Syntaxe générale*, Paris, Armand Colin, «Col. U», 266p.
- , L22, *Thémata leitourgikés súntaxis*, Atenas, 344p.
- 1986, L23, *Des steppes aux océans. L'indo-européen et les «Indo-Européens»*, Paris, Payot, 274p.
- 1989, L24, *Fonction et dynamique des langues*, Paris, Armand Colin, «Col. U», 208p.

## ARTIGOS

- 1933, A1, «Remarques sur le système phonologique du français», in *B.S.L.*, 34, pp. 191-202.
- 1934, A2, «Nature phonologique du stod danois», *B.S.L.*, 35, pp. 52-57.
- 1936, A3, «Neutralisation et archiphonème», *Travaux du Cercle linguistique de Prague*, 6, p. 46-57.
- , A4, «Česká práce o vlivu pravopisu na Francouskou vyslovnost», *Slovo a Slovesnost*, 2, pp. 54-56.
- 1937, A5, «Remarques sur la notion d'opposition comme base de la distinction phonologique», *Compte rendu du 11<sup>e</sup> Congrès de Psychologie*, Paris, p. 245.
- 1938, A6, «La phonologie», *Le français moderne*, 6, pp. 131-146; 7, pp. 33-37.
- , A7, «Fonologie Francouzstiny», *Slovo a Slovesnost*, 4, pp. 111-113.
- , A8, «La phonologie synchronique et diachronique», *Conférences à l'Institut de Linguistique de l'Université de Paris*, 6, pp. 41-58. Reproduzido com alterações em L11, pp. 50-65.
- 1939, A9, «Rôle de la corrélation dans la phonologie diachronique», *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, 8, pp. 273-288.
- , A10, «Un ou deux phonèmes?», *Acta linguística hafniensia*, Copenhaga 1, pp. 94-103. Reproduzido em L11, pp. 115-129.
- , A11, «Equilibre et instabilité des systèmes phonologiques», *Proceedings of the 3rd International Congress of Phonetic Sciences*, pp. 30-34.
- , A12, «La transcription phonétique dans l'enseignement de l'anglais «*Les langues modernes*», 37, pp. 236-247.
- , A13, «La paranté des langues germaniques», *Actes du 5<sup>e</sup> Congrès des Linguistes*, pp. 134-147.
- 1943, A14, «questionnaire phonologique d'André Martinet», *Revue de folklore français et de folklore colonial*, Paris, 13, pp. 143-150.
- , A15, «Le phonème et la conscience linguistique», *Le Français moderne*, 1943, 2, pp. 197-205.
- 1944, A16, «La prononciation du danois», *Manuel de la langue danoise* de I. Steman, Copenhague, Munksgaard, pp. 34-66.
- 1945, A17, «Description phonologique du parler franco-provençal d'Hauteville (Savoie)», *Revue de linguistique romane*, (1939), 15, pp. 1-86 (cf. L8, pp. 51-101).
- 1946, A18, «Au sujet des fondements de la théorie linguistique de Louis Hjelmslev», *B.S.L.*, 42, pp. 19-42. Reproduzido em *Nouveaux Essais* de Louis Hjelmslev, Paris, PUF, 1985, pp. 175-194.
- , A19, «Savoir pourquoi et pour qui l'on transcrit», *Le Maître phonétique*, 86, pp. 14-117. Reproduzido em L11, pp. 168-173.
- , A20, «La linguistique et les langues artificielles», *Word* 2, Journal of the Linguistic Circle of New York, pp. 37-47.
- 1947, A21, «Note sur la phonologie du français vers 1700», *B.S.L.*, 43 pp. 13-23. Reproduit dans L13, pp. 155-167.
- , A22, «Propagation phonétique ou évolution phonologique?» *B.S.L.*, 43, pp. 82-92. Reproduzido em L15, pp. 39-46.
- , A23, «La phonologie et la prononciation française» *Atomes*, 16, pp. 219-222.
- , A24, «Où en est la phonologie?», *Lingua*, pp. 34-58. Reproduzido parcialmente com o título: «L'analyse phonologique» em *La linguistique synchronique*, pp. 42-82.
- , A25, «Le questionnaire d'IALA», *Lingua*, 1, pp. 127-129.

- 1949, A26, «About Structural Sketches», *Word*, 5, pp. 13-35.
- , A27, «Oclusives and Affricates with Reference to some Problems of Romance Phonology», *Word*, 5, pp. 116-122.
- , A28, «Interlinguistique: Rapport préliminaire», *Actes du 6<sup>e</sup> Congrès des linguistes*, Paris, pp. 93-112.
- , A29, «Rapport sur l'état des travaux relatifs à la constitution d'une langue internationale auxiliaire», *Actes du 6<sup>e</sup> Congrès des Linguistes*, Paris, pp. 586-592.
- , A30, «Réponse à la question I», *Actes du 6<sup>e</sup> Congrès des Linguistes*, Paris pp. 177-182.
- , A31, «Réponse à la question II», *Actes du 6<sup>e</sup> Congrès des Linguistes*, Paris, pp. 247-248.
- , A32, «Réponse à la question III», *Actes du 6<sup>e</sup> Congrès des Linguistes*, Paris, pp. 292-295.
- , A33, «La double articulation linguistique», *Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague*, 5, pp. 30-37. Reproduzido sob o título «Le critère de l'articulation» em L11, pp. 17-27.
- 1950, A34, «Réflexions sur l'opposition verbo-nominale», *Journal de Psychologie normale et pathologique*, 43, 1, pp. 99-108. Reproduzido em L11, pp. 201-211.
- , A35, «Some problems of Italic consonantism», *Word*, 6, pp. 26-41.
- , A36, «De la sonorisation des occlusives initiales en basque» *Word*, 6, pp. 224-233. Reproduzido em L7, pp. 370-388.
- 1951, A37, «The Unvoicing of Old Spanish Sibilants», *Romance philology*, 5, pp. 133-156.
- , A38, «Concerning Some Slavic and Aryan Reflexes of Indo-European», *Word*, 7, pp. 91-95.
- 1952, A39, «Langues à syllabes ouvertes; le cas du slave commun», *Zeitschrift für Phonetik*, 6, pp. 145-163.
- , A40, «Diffusion of Language and Structural Linguistics», *Romance philology*, 6, pp. 5-13.
- , A41, «Celtic Lenition and Western Romance Consonants», *Language*, 28, pp. 192-217. Traduzido e reformulado em L7, pp. 259-297.
- , A42, «Function, Structure and Sound Change», *Word*, 8, pp. 1-32.
- , A43, «Are there Areas of «affinité grammaticale» as well as of «affinité phonologique?»», *7<sup>th</sup> International Congress of Linguistics*, Londres, pp. 121-124.
- 1953, A44, «Structural Linguistics», *Anthropology Today*, dir. de A. L. Kroeber, The University of Chicago Press, 46, pp. 574-586.
- , A45, «Otto Jespersen», *Word Study*, 28, 5, pp. 1-3.
- , A46, «Concerning the Preservation of Useful Sound Features», *Word*, 9, pp. 1-11.
- , A47, «A Project of Transliteration of Classical Greek», *Word*, 9, pp. 152-161.
- , A48, «Non-Apophonic o-Vocalism in Indo-European», *Word*, 9, pp. 253-267. Reproduzido em L7, pp. 212-234.
- , A49, «Remarques sur le consonantisme sémitique», *B.S.L.*, 49, pp. 67-78. Reproduzido em L15, pp. 248-261.
- , A50, «Le monde germanique et la dispersion des Germains en Europe à la lumière des faits linguistiques», *Les invasions barbares et le peuplement de l'Europe*, Paris, PUF, pp. 7-14.

- 1954, A51, «Accents et tons», *Miscellanea Phonetica. International Phonetic Association*, 2, pp. 13-24. Reproduzido em L11, pp. 147-168.
- , A52, «Concepts of Language and the Teacher of Foreign Languages», *The French Review*, 27, pp. 361-364.
- , A53, «Dialect», *Romance Philology*, 8, pp. 1-11.
- , A54, «The Unity of Linguistics», *Word*, pp. 121-125.
- , A55, «Les noms de plantes en indo-européen», *8e Congrès international de botanique*, pp. 47-48.
- 1955, A56, «Crisis, Elision and Aphraeresis», *Word*, 11, pp. 268-270.
- , A57, «Le couple senex-senatus et le “suffixe” -K-», *B.S.L.* Adaptado em L15, pp. 146-163.
- 1956, A58, «Some cases of -k/-w- Alternation in Indo-European», *Word*, 12, pp. 1-6. Adaptado em L15, pp. 163-168.
- , A59, «Linguistique structurale et grammaire comparé», *Travaux de l'Institut de linguistique*, 1, pp. 7-21. Reproduzido em L15, pp. 81-98.
- , A60, «Le genre féminin en indo-européen; examen fonctionnel du problème», *B.S.L.*, 52, pp. 83-95. Reproduzido em L16, pp. 247-259.
- , A61, «Rapport», *Proceedings of the 7th International Congress of Linguists*, Londres, pp. 121-124 e 439-441.
- 1957, A62, «Phonetics and Linguistic Evolution», *Manual of Phonetics*, dir. Louise Kaiser, pp. 252-273.
- , A63, «Phonologie et laryngales», *Phonetica*, 1, pp. 7-30. Reproduzido em L15, pp. 114-149.
- , A64 «La notion de neutralisation dans la morphologie et le lexique», *Travaux de l'Institut de Linguistique*, 2, pp. 7-11.
- , A65, «Substance phonique et traits distinctifs», *B.S.L.*, 53, 1, pp. 72-85. Reproduzido com algumas modificações em L11, pp. 130-146.
- , A66, «Arbitraire linguistique et double articulation», *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 15, pp. 105-116. Reproduzido em L11, pp. 27-41.
- 1958, A67, «La construction ergative et les structures élémentaires de l'énoncé», *Journal de psychologie normale et pathologique*, 55, 3, pp. 377-392. Reproduzido em L11, pp. 211-227.
- , A68, «C'est jeuli le Mareuc!», *Romance philology*, 11, pp. 345-355. Reproduzido em L13, pp. 191-208.
- , A69, «Les “laryngales” indo-européennes», *Proceedings of the 8th international Congress of Linguists*, pp. 36-53. Reproduzido parcialmente em L15, pp. 114-143.
- , A70, «De l'économie des formes du verbe en français parlé», *Studia philologica et literaria, in honorem Leo Spitzer*, pp. 309-326. Reproduzido em L13, pp. 91-120.
- , A71, «Le bilinguisme» *Cités unies*, 5-6, pp. 7-8.
- , A72, «Remarques sur les faits phonologiques non phonématiques», *B.S.L.*, 1958, 53, 1, pp. XXXVIII-XL.
- 1959, A73, «La palatalisation “spontanée” de g en arabe», *B.S.L.*, 54, pp. 90-102. Reproduzido em L15, pp. 233-247.
- , A74, «Affinité linguistique», *Bollettino dell'Atlante linguistico mediterraneo*, 1, pp. 145-152. Reproduzido em L15, pp. 24-32.
- , A75, «Du rôle de la gémination dans l'évolution phonologique», *Zeitschrift für Phonetik*, 12, pp. 223-227. Reproduzido em L7, 4.64-4.69.
- , A76, «“Noms” et “verbes” en Kalispel», *B.S.L.*, 1959, 65, 1, p. XXVII.

- 1960, A77, «L'évolution contemporaine du système phonologique français», *Free University Quarterly*, 7-2, pp. 1-16. Reproduzido com alterações em L13, pp. 168-190.
- , A78, «Quelques traits généraux de la syntaxe», *Free University Quarterly*, 7-2, pp. 115-129.
- , A79, «Elements of a Functional Syntax», *Word*, 16, pp. 1-10. Reproduzido em L16, pp. 101-110.
- , A80, «Note en conclusion de l'article de Ruth Reichstein», *Word*, 16, pp. 96-99.
- , A81, «Aperçus de linguistique générale», Centre européen universitaire, Nancy, 45 p.
- 1961, A82, «Réflexions sur la phrase», *Language and society*, pp. 113-118. Reproduzido em L11, pp. 228-234.
- , A83, «Réponse à une question relative au bilinguisme», *Almanach Flinker*, Paris, p. 27.
- 1962, A84, «De la variété des unités significatives», *Lingua, Studia Gratulatoria Dedicated to Albert Wilhelm De Groot for his 70<sup>th</sup> Birthday*, 11, pp. 280-288. Reproduzido em L11, pp. 174-185.
- , A85, «Le sujet comme fonction linguistique et l'analyse syntaxique du basque», *B.S.L.*, 57, pp. 73-82. Reproduzido em L16, pp. 237-246.
- , A86, «R, du latin au français d'aujourd'hui», *Phonetica*, 8, pp. 193-202. Reproduzido em L13, pp. 132-143.
- , A87, «Le français tel qu'on le parle», *Esprit*, 30, pp. 620-631. Reproduzido em L13, pp. 9-24.
- , A88, «L'autonomie syntaxique», *B.S.L.*, 57, 1, pp. 20-22.
- 1963, A89, «Les grammairiens tuent la langue», *Arts*, 919, p. 3. Reproduzido sob o título «Les puristes contre la langue», L13, pp. 25-32.
- , A90, «French», *Linguistic Reading Lists*, C.A.L.M.L., pp. 7-30.
- 1964, A91, «The Foundations of a Functional Syntax», *Monograph Series on Languages and Linguistics*, pp. 25-36. Reproduzido em L16, pp. 111-122.
- , A92, «Pour un dictionnaire de la prononciation française», *In Honour of Daniel Jones*, Londres, pp. 349-356. Reproduzido em L13, pp. 121-131.
- , A93, «Structural Variations in Language», *Proceedings of the 9<sup>th</sup> International Congress of Linguists*, pp. 531-532.
- , A94, «Troubetzkoy et le binarisme», *Wiener Slavistisches Jahrbuch*, 11, pp. 37-41. Reproduzido em L11, pp. 82-89.
- 1965, A95, «Avant-propos», *La Linguistique*, 1965, 1, pp. V-XI.
- , A96, «Avant-propos», *Revue d'esthétique*, 18, 3-4, p. 225.
- , A97, «De la morphonologie», *La Linguistique*, 1, pp. 15-30.
- , A98, «La recherche en linguistique», *Avenir*, CLX, pp. 361-363.
- , A99, «Indétermination phonologique et diachronique», *Phonetica*, 12, pp. 13-18. Reproduzido em L15, pp. 74-80.
- , A100, «Les problèmes de la phonétique évolutive», *Proceedings of the 5<sup>th</sup> International Congress of Phonetic Sciences*, pp. 82-102. Reproduzido em L15, pp. 47-73.
- , A101, «Le mot», *Diogène*, 51, pp. 39-53.
- , A102, «Les voyelles nasales du français», *La Linguistique*, 1965, 2, pp. 117-122. Reproduzido em L13, pp. 144-154.
- , A103, «Structure et langue», *Revue internationale de philosophie*, 73-74, 3-4, pp. 291-299. Reproduzido em L22, pp. 55-65.
- , A104, «Peut-on dire d'une langue qu'elle est belle?», *Revue d'esthétique*, nova série 3-4, pp. 227-239. Reproduzido em L13, pp. 46-61.
- , A105, «Des limites de la morphologie», *Omagiu lui Alexandru Rosetti*, Bucarest, pp. 543-538.

- 1966, A106, «Les choix du locuteur», *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, 156, 3, pp. 271-282.
- , A107, «L'autonomie syntaxique», *Méthodes de la grammaire*, Liège, pp. 49-59. Reproduzido em L16, pp. 123-133.
- , A108, «Les langues dans le monde de demain», *Revue tunisienne de sciences sociales*, 8, pp. 165-173. Reproduzido em *La Linguistique*, 1967, 1, pp. 1-12.
- , A109, «Pourquoi des dictionnaires étymologiques?», *La Linguistique*, 1966, 2, pp. 123-131.
- , A110, «André Martinet répond à Roman Jakobson», *Arts et loisirs*, 21, 14.
- , A111, «Bilinguisme et plurilinguisme», *Revue tunisienne de sciences sociales*, 8, p.- 55-64. Reproduzido em L24, pp. 91-100.
- , A112, «Qu'est-ce qu'une langue?», *Revue tunisienne de sciences sociales*, 8, pp. 7-16 e 17-21.
- , A113, «Hiérarchie des usages linguistiques», *Revue tunisienne de sciences sociales*, 8, pp. 103-112 e 113-114.
- , A114, «Close Contact», *Word*, 22, pp. 1-6, Reproduzido em L15, pp. 185-193.
- 1967, A115, «What is Morphology?», *Acta Linguistica Hafniensia*, 10, 2, pp. 245.
- , A116, «Syntagme et syntème», *La Linguistique*, 2, pp. 1-14.
- , A117, «La Linguistique», *Revue de l'Enseignement supérieur*, 1-2, pp. 5-11.
- , A118, «La phonologie synchronique et diachronique», *Phonologie der Gegenwart*, pp. 64-78.
- , A119, «Connotations, poésie et culture», *To honor Roman Jakobson*, 2, pp. 1288-1295.
- , A120, «La vie secrète du langage», *Nouvelles littéraires*, 23, 3.
- , A121, «Que faut-il entendre par "fonction des afixes de classe"?», *La classification nominale dans les langues négro-africaines*, CNRS, pp. 15-21.
- , A122, «Réflexions sur les universaux du langage», *Folia Linguistica*, 1, 3/4, pp. 125-134. Reproduzido em L16, pp. 52-61.
- 1968, A123, «Neutralisation et syncrétisme», *La Linguistique*, 1, pp. 1-20. Reproduzido em L22, pp. 83-112.
- , A124, «La dynamique du français contemporain», *Revue tunisienne de sciences sociales*, 13, pp. 33-41 e 42-47. Reproduzido em L13, pp. 33-45.;
- , A125, «Sciences du langage et sciences humaines», *Raison présente*, 7, pp. 14-40.
- , A126, «Affinités linguistiques en Méditerranée», *Bolletino dell'Atlante linguistico mediterraneo*, 8-9, pp. 7-13.
- , A127, «Composition, dérivation et monèmes», *Festschrift Hans Marchand*, Paris — La Haya, Mouton, pp. 144-149. Rep. em L16, pp. 176-181.
- , A128, «Mot et syntème», *Lingua*, 21, pp. 294-302. Rep. L16, pp. 196-204.
- , A129, «Coupe ferme et coupe lâche», *Mélanges Jean Fourquet*, Paris/Muniqué. Reproduzido em L15, pp. 185-192.
- , A130, «La dextre et l'hiérarchie des valeurs linguistiques», *Main droit, main gauche*, Paris, PUF, pp. 103-112. Reproduzido em L11, pp. 190-200.
- 1969, A131, «La deuxième articulation du langage», *Travaux de linguistique et de littérature*, 7, 1, pp. 23-28.
- , A132, «Réalisation identique de phonèmes différents», *La Linguistique*, 2, pp. 127-129.
- , A133, «Le contrôle continu des connaissances en linguistique générale», *Bulletin du Syndicat national de l'Enseignement supérieur*, 1, pp. 23-24.

- 1969 A134, «Analyse linguistique et présentation des langues», *Annali*, 1969, pp. 143-158.
- , A135, «Quelques traits généraux d'une grammaire fonctionnelle», *La grammatica, la lessicologia*, pp. 5-15.
- , A136, «Qu'est-ce que la morphologie?», *Cahiers Ferdinand de Saussure, Mélanges Henri Frei*, 26, pp. 85-90. Reproduzido em L16, pp. 145-150.
- , A137, «Linguistique appliquée», *La linguistique, guide alphabétique* (Ld3), pp. 209-214.
- 1970, A138, «A Functional View of Grammar», *The Rising Generation*, 116, 3, pp. 130-134. Reproduzido em L16, pp. 82-88.
- , A139, «Analyse et présentation», *Linguistique contemporaine. Hommage a Eric Buysens*, pp. 133-140. Reproduzido em L16, pp. 134-141.
- , A140, «De l'orthographe du français», *La Linguistique*, 6, 1, pp. 153-158.
- , A141, «Les deux a du français», *The French Language Studies Presented to Lewis Charles Harmer*, London/Toronto, pp. 115-122.
- , A142, «Frontière politique et faisceau d'isoglosses», *Phonétique et linguistique romanes, Mélanges Georges Straka*, 1, pp. 230-237. Reproduzido em L15, pp. 208-216.
- , A143, «Konoteision to bunka», *Shiso*, 170, 2, pp. 95-109.
- , A144, «Le parler et l'écrit», *L'Education*, 63, pp. 11-14.
- , A145, «Verbs as Function Markers», *Studies in General and Oriental Linguistics, Presented to Shiro Hattori on the Occasion of his 60<sup>th</sup> Birthday*, Tokyo, pp. 447-450. Reproduzido em L16, pp. 233-236.
- , A146, «Le problème des sabirs», *Bolletino dell'Atlante linguistico mediterraneo*, 10-12, pp. 1-9.
- , A147, «Remarques sur la phonologie des parlers franco-provençaux», *Revue des langues romanes*, 79, 1, pp. 149-156. Reproduzido em L15, pp. 195-207.
- 1971, A148, «Soixante-dix et la suite» *Sprachvergleich und Übersetzung Festschrift zum 60 Geburtstag von Mario Wandruszka*, Tübingen, Niemeyer, pp. 215-219. Reproduzido em L15, pp. 226-231.
- , A149, «A Note on Syntax», *Pakha Sanjam*, 4, pp. 11-15.
- , A150, «De l'assimilation de sonorité en français», *Form and Substance. Papers Presented to Eli Fischer-Jorgensen*, pp. 233-237.
- , A151, «La notion de fonction en linguistique», *Travaux de la faculté de philosophie et lettres de l'Université catholique de Louvain*, 8. Reproduzido em L16, pp. 89-100.
- , A152, «Fonction et structure en linguistique», *Scientia*, 106 pp. 1-10. Reproduzido em L16, pp. 33-42.
- , A153, «Un problème de linguistique apliquée: une graphie phonologique pour le français», *Journal of the International Phonetic Association*, 1, 1, pp. 11-16.
- 1972, A154, «Cas ou fonctions? A propos de l'article "The Case for Case" de Charles J. Fillmore», *La Linguistique*, 8, 1, pp. 5-24.
- , A155, «Économie descriptive ou économie de la langue? Le cas du /b/ vietnamien», *Langues et techniques, nature et société Mélanges André Haudricourt*, Paris, 1, pp. 173-174.
- , A156, «Des labio-vélaires aux labiales dans les dialectes indo-européens», *Indo-celtica, Gedachtnisschrift für Alf Sommerfelt*, Munique, pp. 89-93. Reproduzido em L15, pp. 169-175.



- 1972 A157, «Per una tipologia linguistica dell'Europa contemporanea», *Le lingue d'Europa*, Brescia, pp. 63-84.
- , A158, «Réflexion sur le vocalisme indo-européen», *Homenaje a Antonio Tovar*, Madrid, pp. 301-304. Reproduzido em L15, pp. 108-113.
- , A159, «Should we Drop the Notion of Subject?», *La Revue canadienne de linguistique*, 17, 2/3, pp. 175-179. Tradução francesa em L24, pp. 148-151.
- , A160, «Le parler et l'écrit», *De la théorie linguistique à l'enseignement de la langue*, dir. Jeanne Martinet, Paris, PUF, pp. 57-76.
- , A161, «Langue parlée et code écrit», *De la théorie linguistique à l'enseignement de la langue*, Paris, PUF, pp. 77-87.
- , A162, «Morphology and Syntax», *Language Sciences*, 23, pp. 15-19. Reproduzido em L16, p. 151-160.
- , A163, «Saussure» (Ferdinand de), *Enciclopedia Universalis*, Paris, 14, pp. 695-696.
- , A164, «Une graphie phonologique à l'école», *Études de linguistique appliquées*, 8, pp. 27-36.
- , A165, «Nature phonologique d'e caduc», *Papers in Linguistics and Phonetics to the memory of Pierre Delattre*, Paris/Haia, pp. 373-399.
- , A166, «Function and Structure in Linguistics», *Revue de la Faculté de lettres et sciences humaines*, 18, 3, pp. 1-32.
- , A167, «Remarks about Structural Dialectology», *Inaugural Adress, International Seminar in Anthropological Linguistics*, Université du Penjab, Patiala, 11 p.
- , A168, «La Syntaxe fonctionnelle», *Bulletin de la Société polonaise de linguistique*, 312, pp. 11-13. Reproduzido em L16, pp. 142-144.
- 1973, A169, «Aperçu historique et critique sur l'évolution de la langue», *Interéducation*, Paris, pp. 1-8. Reproduzido em L15, p. 11-24.
- , A170, «Réflexions sur le parfait en français contemporain», *Canadian Journal of Romance Linguistics*, 1, 1, pp. 49-53.
- , A171, «La palatalisation en roman septentrional», *Mélanges Paul Imbs, Travaux de linguistique et de littérature*, 11, 1, pp. 481- 486. Reproduzido em L15, pp. 217-225.
- , A172, «La pertinence», *Journal de psychologie normale et pathologique*, 70, 1-2, pp. 19-30.
- , A173, «Pour une linguistique des langues», *Foundation of Language*, 10, 3, pp. 339-364. Reproduzido em L22, pp. 13-54.
- , A174, «Conventions pour une visualisation des rapports syntaxiques», *La Linguistique*, 9, 1, pp. 5-16.
- , A175, «Fonction and Segmentation in Prosody», *Pakha Sanjam*, 6, pp. 202-208.
- , A176, «Le locuteur face à l'évolution», *Special Issue of International Review of Applied Linguistics in Language Teaching on the Occasion of Bertil Malmberg's 60<sup>th</sup> Birthday*, Heidelberg, Gross, pp. 103-111. Reproduzido em L24, pp. 40-47.
- , A177, «Formalisme et réalisme en phonologie», *Phonologica* 1972, pp. 35-41.
- 1974, A178, «La fonction sexuelle de la mode», *La Linguistique*, 10, 1, pp. 5-19.
- , A179, «De quelques unités significatives», *Studi Saussuriani dedicati a Robert Godel*, Bolonha, Il Mulino, pp. 223-233. Reproduzido em L16, pp. 205-215.
- , A180, «Observations sur l'évolution phonologique du tokharien», *Studia indo-europejskie*, Carcovia, pp. 124-134. Reproduzido em L15, pp. 176-184.

- 1974 A181, «Homonymes et polysèmes», *La Linguistique*, 10, 2, pp. 37-45.
- , A182, «La notion de langue-outil», *Voix et images du CREDIF*, 3, pp. 9-12.
- , A183, «Linguistique structurale (Rapport sur les conférences)», *Annuaire de la IVe section de l'Ecole pratique des hautes études*, pp. 639-648.
- , A184, «Syntaxe funcional» *plaquette publiée par l'Université catholique de Valparaiso*, pp. 9-36.
- 1975, A185, «Le sort de n mouillé en français», *World papers in Phonetics, Mélanges Kiju Onishi*, Tokio, pp. 341-351.
- , A186, «Sémantique et axiologie», *Revue roumaine de linguistique*, 20, pp. 539-542.
- , A187, «Géminées et "paires minimales"», *Revue roumaine de linguistique*, 20, 4, pp. 377-379.
- , A188, «Le 2<sup>e</sup> Colloque de linguistique fonctionnelle a clos ses travaux», *La Montagne*, 1/8/1975.
- , A189, «La linguistique fonctionnelle», *L'Education*, 252, Setembro, pp. 33-34.
- , A190, «What Do Speakers and Hearers Have Semantically in Common?», *Folia Linguistica*, 9, 1, 4, pp. 29-35.
- , A191, «Problèmes de terminologie», *Actes du 2<sup>e</sup> Colloque de linguistique fonctionnelle*, Clermont-Ferrand, CRDP, pp. 9-13.
- , A192, «L'accès à l'écriture et à la lecture par l'alfonic», *Recherches actuelles sur l'enseignement de la lecture*, dir. de Alain Bentolila, Paris, Retz, pp. 134-146.
- , A193, «Le passage à l'orthographe», *Alfonic*, 2, pp. 51-54.
- , A194, «Lettre aux parents», *Alfonic*, 2, pp. 55-60. Reproduzido em L24, pp. 82-87.
- , A195, «La présentation des unités significatives», *Revista de Letras, Homenagem a Mattoso Câmara*, 18, Instituto de Assis, Brasil, pp. 143-153.
- , A196, «Économie et dynamique des langues», *Structure et dynamique des systèmes*, Paris, Maloine, pp. 144-148.
- , A197, «L'histoire du terme de structure en linguistique», *Structure et dynamique des systèmes*, Paris, Maloine, pp. 178-180.
- 1977, A198, «Some Basic Principles of Functional Linguistics», *La Linguistique*, 13, 1, pp. 7-14.
- , A199, «L'axiologie, étude des valeurs signifiées», *Estudios ofrecidos a Emilio Alarcos-Llorach*, Universidade de Oviedo, pp. 157-163.
- , A200, «La prononciation française des mots d'origine étrangère», *Phonologie et société Studia phonetica* 13, pp. 79-88.
- , A201, «Les fonctions grammaticales», *La Linguistique*, 13, 2, pp. 3-14. Reproduzido em L22, pp. 280-297.
- , A202, «La linguistique et l'autres sciences de l'homme», *Etudes philosophiques et littéraires*, 2, pp. 9-22.
- 1978, A203, «La linguistique peut-elle fonder la scientificité des sciences sociales?», *Etudes et recherches interdisciplinaires sur la Science*, 6, pp. 3-14.
- , A204, «La grammaire fonctionnelle du français», *Actes du 4<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Oviedo, pp. 127-130.
- , A205, «Le sort de -ll- latin et gascon», *Via Domitia*, 20-21, pp. 101-106.
- , A206, «Remarques sur l'alphabétisation des enfants de première langue créole», *Cités unies*, 95, pp. 37-38.
- , A207, «Les termes «fonction» et «fonctionnel» dans l'usage linguistique», *Functional Studies in Language and Literature*.
- , A208, «Des jers slaves aux voyelles caduques du japonais», *Studia linguistica, Alexandro Vasili Issatschenko a collegis amicisque oblata*, Lisse, Peter de Ridder, pp. 263-266.

- 1979, A209, «Gap-Filling in Gothenburg Phonology», *Linguistic methods, Essays in Honor of Herbert Penzl*, Haia, Mouton, pp. 347-351.
- , A210, «La linguística», *Enciclopedia del noveciento*, Roma, 3, pp. 1021-1034.
- , A211, «Grammatical Function», *Function and Context in Linguistic Analysis, in Honor of William Haas*, Cambridge University Press, pp. 142-147.
- , A212, «Les usages linguistiques et la société française», *Etudes romanes, Mélanges offerts à Leiv Flydal*, 18, pp. 59-68.
- , A213, «Bienvenue à Kenneth L. Pike», por ocasião da sua nomeação como Doutor Honoris Causa da Universidade René Descartes, Paris, Janeiro de 1979, pp. 17-19.
- , A214, «Conclusion», *Colloque Langue formelle — Langue quotidienne*, UER de Linguistique, Université René Descartes.
- , A215, «The Internal Conditioning of Phonological Changes», *Revue de phonétique appliquée*, 49-50, pp. 59-67.
- 1980, A216, «Shunting on to Ergative or Accusative», *Ergativity: towards a Theory of Grammatical Relations*, dir. Fr. Plank, London Academic Press, pp. 39-43.
- , A217, «Peut-on prévoir les modifications à venir d'un système phonologique?», *Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science*, IV, Benjamins, p. 219-231.
- , A218, «The Fading away of a Phoneme: the Voiced Dorsal Spirant in Danish», *Mélanges Paul Christophersen*, 7, pp. 73-77, Coleraine, Ulster.
- , A219, «Conclusion», *Actes du 6<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Rabat, pp. 199-200.
- , A220, «Autour du syllemme», *Revue roumaine de linguistique, Mélanges Alexandru Rosetti*, 25, 5, pp. 551-554. Reproduzido em L24, pp. 135-139.
- , A221, «Dynamique et diachronie», *Journé d'études n.º 4*, dir. de Henriette Walter, Univ. René Descartes, Paris, pp. 7-12. Reproduzido em *Hommage à Pierre Guiraud*. Paris, Les Belles Lettres, 1985, pp. 265—269.
- , A222, «Une langue et le monde», *Dilbilim*, 5, pp. 1-12. Reproduzido em L24, pp. 159-166.
- , A223, «Voyelles extrêmes et voyelle centrale», *Les Mauges, Présentation de la région et étude de la prononciation*, dir. de Henriette Walter, Angers, Centre de Recherches en littérature, et en linguistique sur l'Anjou et le Bocage, pp. 73-78.
- , A224, «Synthematics», *Studies Presented to Professor Robert A. Fowkes*, Word, New York, 31, 1, pp. 11-14.
- 1981, A225, «Pour une approche empirico-deductive en linguistique», *Linguistique et sémiologie fonctionnelles*, Istambul, pp. 13-30. Reproduzido em L124, pp. 8-26.
- , A226, «Fonction et pertinence communicative», *Linguistique et sémiologie fonctionnelles*, pp. 45-60. Reproduzido em L24, pp. 26-40.
- , A227, «Réponses à 'Systèmes et variations'», *Bulletin de la section de linguistique de l'Université de Lausanne*, 4, pp. 33-35 passim.
- , A228, «La synthématique comme étude de l'expansion lexicale», *Dilbilim*. Reproduzido em L24, pp. 139-148.
- , A229, «Le parfait en français: accompli ou prétérit?», *Logos semantikos Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu*, Madrid, Gredos, pp. 429-433.
- , A230, «Fricatives and spirants», *Chatterji Commemoration Volume*, University of Burdwan, pp. 145-151.

- 1981, A231, «La phonologie synchronique et diachronique du basque» *Euskalarien nazioarteko jardunaldiak*, Bilbao, 1, pp. 59-74.
- , A232, «Function Communicative Relevancy», *Phonologica*, Institut für Sprachwissenschaft, pp. 303-305.
- , A233, «De divers types de consonnes continues», *Homenaje a Ambrosio Rabinales*, *Boletín de Filología*, Santiago de Chile, 31, pp. 435-442.
- , A234, «Que debe entenderse por «connotación»?», *Acta Poética*, Mexico, pp. 147-161. Reproduzido em L24, pp. 166-175.
- 1982, A235, «Bilinguisme et diglossie. Appel à une vision dynamique des faits», *La Linguistique*, 18, 1, pp. 5-16.
- , A236, «A New Generation on Phonemes, the French Intervocalic Voiced Stop», *Current Research in Romance Language, Papers of the 11<sup>th</sup> Linguistic Symposium of Romance Language*, Indiana University, Bloomington, pp. 1-12.
- , A237, «Pour une description dynamique des langues», *Langues et linguistique*, 8, 2, pp. 175-191.
- , A238, «Réflexions sur la phrase», *Actes du 8<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Universidade de Toulouse-le-Mirail, pp. 28-30.
- , A239, «Les déterminants centraux dans les langues les plus diverses», *Actes du 8<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Universidade de Toulouse-le-Mirail, pp. 60-62 e 90-91.
- , A240, «La dynamique des situations plurilingues», *Actes du 8<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Universidade de Toulouse-le-Mirail, pp. 100-103.
- , A241, «Adéquation d'une théorie linguistique», *Actes du 8<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, pp. 155-158.
- , A242, «Cinquante années de phonologie du français», *Diversité du français*, dir. Henriette Walter, Paris, SILF, pp. 9-10.
- , A243, «La classe des noms propres en français et ailleurs», *Glossologia*, 1, pp. 7-16.
- , A244, «Science linguistique et sciences humaines», *Università degli studi di Trieste*, Scuola superiore di lingue moderne, 1, pp. 1-14.
- , A245, «Grammatical Phrases and Lexical Phrases», *Current Issues in Linguistic Theory, Essays in honor of Rulon S. Welles*, Amsterdam-Philadelphia, 42, pp. 127-137.
- 1983, A246, «Se soumettre à l'épreuve des faits», *La Linguistique*, 19, 1, pp. 3-12.
- , A247, «Réflexions sur la lexicographie», *La Linguistique*, 19, 2, pp. 139-145.
- , A248, «De la phonie à la graphie», *La langue écrite: analyse linguistique*, dir. Vicent Lucci, Université des langues et lettres de Grenoble, pp. 5-7.
- , A249, «L'indo-européen, où et quand?», *Journée d'études*, 7, UER de linguistique, Université René Descartes, Paris, pp. 3-14.
- , A250, «Ce que n'est pas la phonologie», *Phonologie des usages du français*, Langue française 60, dir. Henriette Walter, Paris Larousse, pp. 6-13. Reproduzido em L24 pp. 112-118.
- , A251, «Hacia una lengua común», *Lenguas y educación en el ámbito del estado español*, Universidade de Barcelona, pp. 287-297. Reproduzido em L24 (o original francês), pp. 101-110.
- , A252, «What is Syntax?», *The 9<sup>th</sup> LACUS Forum*, Colombia, Hornbeam Press, pp. 45-56.
- , A253, «Le domaine de la syntaxe», *Estudios lingüísticos en memoria de Gaston Carrillo-Herrera*, Bonn, pp. 117-122.
- , A254, «Funkcionalna lingvistika», *Zbornik radova instituta*, Novi Sad (Jugoslávia), 5, pp. 27-44.

- 1984, A255, «Le point de vue fonctionnel en grammaire», *Actes du 9<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Paris, SILF, pp. 19-34. Reproduzido em L24, pp. 53-64.
- , A256, «Alfonic et l'écriture japonaise», *Liaison alfonic*, 1, 1, pp. 7-10. Reproduzido em L24, pp. 87-90.
- , A257, «De «l'agglutination» à la «flexion»», *La Linguistique*, 20, 1, pp. 127-132.
- , A258, «Allocution du Président de la SILF», *Actes du 1<sup>er</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, (10-14 de Junho de 1947), Paris, SILF, pp. 132-134.
- , A259, «Variantes sémantiques et unités axiologiques», *Actes du 10<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Québec, Université Laval, pp. 172-173.
- , A260, «Linguistique et traduction», *Actes du 10<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Québec, Université Laval, p. 172—173.
- , A261, «Le français, langue seconde», *Cités unies*, 110, p. 21.
- , A262, «Double articulation as a criterion of linguisticity», *Language Sciences*, 6, 1, pp. 31-38.
- , A263, «De la synchronie dynamique à la diachronie», *Diachronica*, 1, 1, pp. 53-64. Reproduzido em L24, pp. 47-52.
- , A264, «Sprache ergon oder energie?», *Folia Linguistica*, 18, 3-4, pp. 539-548.
- , A265, «i en y en alfonic», *Liaison alfonic*, 1, 2, pp. 9-12.
- , A266, «Les sons é et è en français», *Liaison alfonic*, 1, 3, pp. 13-16.
- , A267, «Phonologies en contact dans le domaine du gallo-roman septentrional», *Sprachwissenschaftliche Forschungen*, Innsbruck, 23, pp. 247-251.
- , A268, «La prononciation du français entre 1880 et 1914», *Histoire de la langue française*, dir. Gerald Antoine e Robert Martin, Paris, pp. 25-40.
- , A269, «Thème, propos, agent et sujet», *La Linguistique*, 21, pp. 207-220.
- , A270, «Contribution à l'histoire des Prolégomenes de Louis Hjelmslev», *Il Protagora*, 25, 4, 7-8, pp. 15-19.
- , A271, «Avant-propos», *La Linguistique*, Numéro especial: La Linguistique fonctionnelle, 21, pp. 3-5.
- , A272, «La syntaxe fonctionnelle et l'enseignement des langues secondes», *Lingue et civiltà*, 13, 2-3, pp. 31-32.
- , A273, «La graphie d'une langue commune en devenir», *Graphie-phonie*, dir. Henriette Walter, Paris, Lab. de phonologie de l'Ecole pratique des Hautes Études, pp. 7-16.
- , A274, «o fermé et o ouvert en français», *Liaison alfonic*, 2, 2, 1, pp. 17-20.
- , A275, «Eu fermé, eu ouvert et le "e muet"», *Liaison alfonic*, 2, 2, pp. 17-20.
- , A276, «Mettre l'orthographe grammaticale», *Liaison alfonic*, 2, 1, pp. 1-5.
- , A277, «Un regard sur l'alfonic», *Liaison alfonic*, 2, 3, p. 7-10.
- , A278, «Allocution», *Actes du 11<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Padoue, CLESP, pp. 3-4.
- , A279, «De la hiérarchie des classes», *Actes du 11<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Padoue, CLESP, pp. 114-117.
- , A280, «Two Proposals», *The Study of Sounds*, Tokyo, 21, pp. 67-72.
- 1986, A281, «Les unités significatives», *Extrait des Annaires de 4<sup>e</sup> section de l'Ecole Pratique des Hautes Etudes*, 1971-1978, Université René Descartes.
- , A282, «Une autre graphie phonologique: le frâsil», *Liaison alfonic*, 3, 1, pp. 3-6.
- , A283, «Que faire du «mot»?», *Mots et parties du discours*, *La pensée linguistique 1*, dir. Pierre Swiggers e Willy Van Hoecke, Lovaina-Paris, p. 75-84, Reproduzido em L24, pp. 128-135.

- 1986, A284, «The Dynamics of Plurilingual situations», *The Fergusonian Impact*, dir. Joshua Fishman et alii, Berlim, Nova Iorque, Amesterdão, Mouton de Gruyter, 2, pp. 245-251.
- , A285, «Leiv Flydal (In memoriam)», *La Linguistique*, 22, 1, pp. 157.
- , A286, «Alfonic et les enfants de migrants», *Liaison alfonic*, 3, 2, pp. 17-20.
- , A287, «Langue parlée et langue écrite», *Liaison alfonic*, 3, 3, pp. 9-17. Reproduzido em L24, pp. 128-135.
- , A288, «Phonologie de l'enfant français et variétés régionales», *La Linguistique*, 22, 2, pp. 117-123.
- , A289, «Nos ancêtres les Gaulois...», *Drailles*, 5/6, pp. 56-60.
- , A290, «Les classes de monèmes», *Modèles linguistiques*, UER de linguistique, Université René Descartes, 8, 1, pp. 69-75.
- , A291, «From Optional to Compulsory Marking of Syntactic Relations», *Language in Global Perspective*, (50<sup>th</sup> Anniversary of Summer Institute). Dallas, pp. 1-4. Reproduzido em L22, pp. 306-312.
- 1987, A292, «De la philologie à la linguistique», *La Linguistique*, 23, 1, pp. 3-12.
- , A293, «L'enfant parle», *Liaison alfonic*, Paris, 4, 1, pp. 5-12. Reproduzido em L24, pp. 73-79.
- , A294, «Intervention», *Esperanto-Actualités*, Abril de 1987, 5 (379), pp. 62-64.
- , A295, «L'alfonic et l'ADEC», *Liaison alfonic*, 4, 1, pp. 19-20.
- , A296, «Notes sur les "changements phonétiques"», *La Linguistique*, 23, 2, pp. 43-46.
- , A297, «A propos d'un dictionnaire des homonymes», *La Linguistique*, 23, 2, pp. 143-146.
- , A298, «Les accents en alfonic», *Liaison alfonic*, 4, 3, pp. 12-15.
- , A299, «La phonétique des mots "expressifs", Le cas d'éponge», *Glossologia*, pp. 7-12.
- , A300, «Un quatrième degré d'ouverture à l'avant», *Text-Etymologie, Festschrift für Heinrich Lausberg*, Wiesbaden-Stuttgart, pp. 392-396.
- , A301, «Agent ou patient», *La Transitivity et ses corrélat*, Centre de Linguistique, Travaux n.º 1, Université René Descartes, Paris, pp. 156-166. Reproduzido em L24, pp. 152-158.
- , A302, «"Le zed à vendre" or a Functional Approach to Phonetic Notation», *Journal of the International Phonetic Association*, Leeds, 16, pp. 39-45.
- 1988, A303, «Continuum et discrétion», *Alphonse Juilland: d'une passion à l'autre, French and italian studies*, Saratoga, University of Stanford, 53, pp. 253-259.
- , A304, «Autour du verbe», *La Linguistique*, 24, 1, Discussão, passim; Conclusões do debate, pp. 135-138.
- , A305, «Structuralisme et fonctionnalisme — Structuralismus und Funktionalismus», *Lexicon der Romanistischen Linguistik*, Tübingen, Niemeyer, vol. 1, Histoire de la philologie romane, 7.
- , A306, «Des prénasalisées en indo-européen?», *Studies in Greek Linguistics*, 8<sup>th</sup> Annual Meeting of the Department of Linguistics, Faculty of Philosophy, Tesalonique, p. 27-34.
- , A307, «The proof of the Pudding...», *Interlinguistics, Aspects of the Science of Planned Language*, p. 1-3.
- , A308, «Economie des changements linguistiques — Rapport de André Martinet», *Actes du 13<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Courfou — 1986, pp. 52-57.

- 1988, A309, «Les noms de lieu comme témoignage de changements régulières», *Actes du 13<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Courfou — 1986, pp. 65-66.
- , A310, «La notation phonétique — Rapport», *Actes du 14<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Elsenieur, pp. 29-31.
- , A311, «The Internal Conditioning of Phonological Changes», *La Linguistique*, 24, 2, pp. 17-26.
- , A312, «De l'expression libre des rapports syntaxiques», *Folia Linguistica*, 22, pp. 3-4.
- 1989, A313, «Réflexions sur la signification», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 43-51.
- , A314, «Réactions aux quatre exposés», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 133-136.
- , A315, «Linguistique Générale, Linguistique Structurale, Linguistique Fonctionnelle», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 145-154.
- , A316, «La norme — rapport», *Actes du 15<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Moncton — 1988, pp. 159-165.
- 1990, A317, «La synchronie dynamique», *La Linguistique*, 26, 2, pp. 13-23.
- , A318, «Changements linguistiques et fonctionnement du langage», *La Linguistique*, 26, 2, pp. 153-158.
- , A319, «La syntaxe de l'oral», in Halford & Pilch, *Syntax gesprochener Sprachen*, Gunter Narr, Tübingen, pp. 129-136.
- 1991, A320, «Expressivité», *La Linguistique*, 27, 1, pp. 3-14.
- , A321, «Un dictionnaire pratique de la prononciation?», *La Linguistique*, 27, 1, pp. 87-100.
- , A322, «Histoire et rayonnement de l'Ecole de Prague», *Actes du 18<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Praga, 12-18 de Julho de 1991, pp. 33-41.

## BIBLIOGRAFIA

### I — Obras de ANDRÉ MARTINET

#### A — Livros

- 1949, *Phonology as Functional Phonetics*, Three lectures delivered before the University of London in 1946, Londres, «Publications of the Philological Society», University of Oxford Press, 40 p. Reedição Oxford, Blackwell, 1955, 40 p.
- 1955, *Economie des changements phonétiques: Traité de phonologie diachronique*, Berne, Francke Verlag, «Bibliotheca Romanica» Series Prima (Manualia et Commentationes), 396 p.
- 1956, *La description phonologique, avec application au parler franco-provençal d'Hautteville (Savoie)*, Genève e Paris, Droz e Minard, 108 p.
- 1960, *Eléments de linguistique générale*, Paris, Armand Colin, 224 p. Nova edição reformulada e revista, com complementos e bibliografia, Collection «U prisme», 1980, 224 p. (Tradução portuguesa de Jorge de Morais Barbosa, *Elementos de Linguística Geral*, Livraria Sá da Costa Editora, 1964, 10.<sup>a</sup> edição portuguesa, 1985 fundamentada na edição francesa de 1980).
- 1962, *A Functional View of Language*, The Waynflete Lectures delivered in the College of St. Mary Magdalen, Oxford, 1961, Oxford, Clarendon, VII+ 166 p. (Tradução francesa de Henriette et Gérard Walter, *Langue et fonction, une théorie fonctionnelle du langage*, Paris, Denoel-Gonthier, 1969, 220 p.).
- 1965, *La Linguistique synchronique*, Paris, PUF, «Le linguiste», VII+ 246 p.; 2.<sup>a</sup> ed., 1968, 3.<sup>a</sup> ed. revista, 1970.
- 1968, *Le langage*, dir. André Martinet, Paris, Gallimard, 1541 p. Nova edição, 1982.
- 1969, *Le français sans fard*, Paris, PUF, «SUP, Le linguiste», 221 p., 2.<sup>a</sup> ed. 1974.
- , *La linguistique, Guide alphabétique*, dir. André Martinet, com a colaboração de Jeanne Martinet e de Henriette Walter, Paris, Denoel, «Guides alphabétiques Médiations», 490 p. (Tradução portuguesa de Wanda Ramos, *Conceitos Fundamentais da Linguística*, Lisboa, Presença, sd., 461 p.).
- 1975, *Evolution des langues et reconstruction*, Paris, PUF, «SUP, Le linguiste», 264 p.
- , *Studies in Functional Syntax — Etudes de syntaxe fonctionnelle*, «Internationale Bibliothek für allgemeine Linguistik» 15, München, Wilhelm Fink, 275 p.



- 1979, *Grammaire fonctionnelle du français*, Paris, Didier et St.-Cloud, Crédif, XII + 276 p. 2.<sup>a</sup> ed. revista em 1984.
- 1985, *Syntaxe générale*, Paris, Armand Colin, «Col. U», 266 p.
- 1986, *Des steppes aux océans, L'indo-européen et les «Indo-européens»*, Paris, Payot, 274 p.
- 1989, *Fonction et dynamique des langues*, Paris, Armand Colin, «Col. U», 208 p.

## B — Artigos

- 1936, «Neutralisation et archiphonème», *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, 6, pp. 46-57.
- 1939, «Rôle de la corrélation dans la phonologie diachronique», *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, 8, pp. 273-288.
- , «Un ou deux phonèmes?», *Acta linguistica hafniensia*, Copenhaga 1, pp. 94-103. Reproduzido em *La linguistique synchronique*, pp. 115-129.
- 1946 «Au sujet des fondements de la théorie linguistique de Louis Hjelmslev», *B.S.L.*, 42, pp. 19-42. Reproduzido em *Nouveaux Essais* de Louis Hjelmslev, Paris, PUF, 1985, pp. 175-194.
- 1947, «Ou en est la phonologie?», *Lingua*, 1, pp. 34-58. Reproduzido parcialmente com o título: «L'analyse phonologique» em *La linguistique synchronique*, pp. 42-82.
- 1949, «About Structural Sketches», *Word*, 5, pp. 13-35.
- , «La double articulation linguistique», *Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague*, 5, pp. 30-37. Reproduzido sob o título «Le critère de l'articulation» em *La linguistique synchronique*, pp. 17-27.
- 1950, «Réflexions sur l'opposition verbo-nominale», *Journal de Psychologie normale et pathologique*, 43, 1, pp. 99-108. Reproduzido em *La linguistique synchronique*, pp. 201-211.
- 1952, «Function, Structure and Sound Change», *Word*, 8, pp. 1-32.
- 1954, «The Unity of Linguistics», *Word*, pp. 121-125.
- 1956, «Linguistique structurale et grammaire comparée», *Travaux de l'Institut de Linguistique*, 1, pp. 7-21. Reproduzido em *Evolution des langues et reconstruction*, 1975, pp. 81-98.
- , «Le genre féminin en indo-européen; examen fonctionnel du problème», *B.S.L.*, 52, pp. 83-95. Reproduzido em *Studies in Functional Syntax — Etudes de syntaxe fonctionnelle*, 1975, pp. 247-249 (referido daqui em diante, abreviadamente, *Studies*).
- 1957, «Phonologie et laryngales», *Phonetica*, 1, pp. 7-30. Reproduzido em *Evolution des langues et Reconstruction*, 1975, pp. 114-149.
- , «La notion de neutralisation dans la morphologie et le lexique», *Travaux de l'Institut de Linguistique*, 2, pp. 7-11.
- , «Substance phonique et traits distinctifs», *B.S.L.*, 53, 1, pp. 72-85. Reproduzido com algumas modificações em *La linguistique synchronique*, pp. 130-146.
- , «Arbitraire linguistique et double articulation», *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 15, pp. 105-116. Reproduzido em *La linguistique synchronique*, pp. 27-41.

- 1958, «La construction ergative et les structures élémentaires de l'énoncé», *Journal e psychologie normale et pathologique*, 55, 3, pp. 377-392. Reproduzido em *La linguistique synchronique*, pp. 211-227.
- , «C'est jeu! le Mareuc!», *Romance philology*, 11, pp. 345-355. Reproduzido em *Le français sans fard*, 1974, pp. 191-208.
- , «De l'économie des formes du verbe en français parlé», *Studia philologica et litteraria, in honorem Leo Spitzer*, pp. 309-326. Reproduzido em *Le français sans fard*, pp. 91-120.
- 1960, «Elements of a Functional Syntax», *Word*, 16, pp. 1-10. Reproduzido em *Studies*, pp. 101-110.
- 1961, «Réflexions sur la phrase», *Language and Society*, pp. 113-118. Reproduzido em *La linguistique synchronique*, pp. 228-234.
- 1962, «De la variété des unités significatives», *Lingua, Studia Gratulatoria Dedicated to Albert Wilhelm De Groot for his 70<sup>th</sup> Birthday*, 11, pp. 280-288. Reproduzido em *La linguistique synchronique*, pp. 174-185.
- , «Le sujet comme fonction linguistique et l'analyse syntaxique du basque», *B.S.L.*, 57, pp. 73-82. Reproduzido em *Studies*, pp. 237-246.
- , «L'autonomie syntaxique», *B.S.L.*, 57, 1, pp. 20-22.
- 1963, «Les grammairiens tuent la langue», *Arts*, 919, pp. 3-10. Reproduzido sob o título «Les puristes contre la langue», *La français sans fard*, pp. 25-32.
- 1964, «The Foundations of a Functional Syntax», *Monograph Series on Languages and Linguistics*, pp. 25-36. Reproduzido em *Studies*, pp. 111-122.
- , «Troubetzkoy et le binarisme», *Wiener Slavistisches Jahrbuch*, 11, pp. 37-41. Reproduzido em *La linguistique synchronique*, pp. 82-89.
- 1965, «De la morphonologie», *La Linguistique*, 1, pp. 15-30.
- , «Le mot», *Diogene*, 51, pp. 39-53.
- 1966, «L'autonomie syntaxique», *Méthodes de la grammaire*, Liège, pp. 49-59. Reproduzido em *Studies*, pp. 123-133.
- 1967, «Syntagme et syntème», *La Linguistique*, 2, pp. 1-14.
- , «Connotations, poésie et culture», *To honor Roman Jakobson*, 2, pp. 1288-1295.
- , «Réflexions sur les universaux du langage», *Folia Linguistica*, 1, 3/4, pp. 125-134. Reproduzido em *Studies*, pp. 52-61.
- 1968, «Neutralisation e sincrétisme», *La Linguistique*, 1, p.1-20.
- , «Composition, dérivation et monèmes», *Festschrift Hans Marchand*, Paris — Haya, Mouton, pp. 144-149. Reproduzido em *Studies*, pp. 176-181.
- , «Mot et syntème», *Lingua*, 21, pp. 294-302. Reproduzido em *Studies*, pp. 196-204.
- 1969, «Réalisation identique de phonèmes différents», *La Linguistique*, 2, pp. 127-129.
- , «Qu'est-ce que la morphologie?», *Cahiers Ferdinand de Saussure, Mélanges Henri Frei*, 26, pp. 85-90. Reproduzido em *Studies*, pp. 145-150.
- 1970, «A Functional View of Grammar», *The Rising Generation*, 116, 3, pp. 130-134. Reproduzido em *Studies*, pp. 82-88.
- , «Analyse et présentation», *Linguistique contemporaine, Hommage a Eric Buysens*, pp. 133-140. Reproduzido em *Studies*, pp. 134-141.
- , «Verbs as Function Markers», *Studies in General and Oriental Linguistics, Presented to Shiro Hattori on the Occasion of his 60<sup>th</sup> Birthday*, Tóquio, pp. 447-450. Reproduzido em *Studies*, pp. 233-236.

- 1971, «La notion de fonction en linguistique», *Travaux de la Faculté de philosophie et lettres de l'Université catholique de Louvain*, 8, Reproduzido em *Studies*, pp. 89-100.
- , «Fonction et structure en linguistique», *Scientia*, 106, pp. 1-10. Reproduzido em *Studies*, pp. 33-42.
- 1972, «Cas ou fonctions? A propos de l'article «The Case for Case» de Charles J. Fillmore», *La Linguistique*, 8, 1, pp. 5-24.
- , «Should we Drop the Notion of Subject?», *La Revue canadienne de linguistique*, 17, 2/3, pp. 175-179. Tradução francesa em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 148-151.
- , «Le parler et l'écrit», em *De la Théorie linguistique à l'enseignement de la langue*, dir. Jeanne Martinet, Paris, PUF, pp. 57-76.
- , «Langue parlée et code écrit», *De la Théorie linguistique à l'enseignement de la langue*, dir. Jeanne Martinet, Paris, PUF, pp. 77-87.
- , «Morphology and Syntax», *Language Sciences*, 23, pp. 15-19. Reproduzido em *Studies*, pp. 151-160.
- , «La Syntaxe fonctionnelle», *Bulletin de la Société polonaise de linguistique*, 31, pp. 11-13. Reproduzido em *Studies*, pp. 142-144.
- 1973, «Conventions pour une visualisation des rapports syntaxiques», *La Linguistique*, 9, 1, pp. 5-16.
- , «Le locuteur face à l'évolution», *Special Issue of International Review of Applied Linguistics in Language Teaching on the Occasion of Bertil Malmberg's 60<sup>th</sup> Birthday*, Heidelberg, Groos, pp. 103-111. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 40-47.
- 1974, «La fonction sexuelle de la mode», *La Linguistique*, 10, 1, pp. 5-19.
- , «De quelques unités significatives», *Studi Saussuriani dedicati a Robert Godel*, Bolonha, Il Mulino, pp. 223-233. Reproduzido em *Studies*, pp. 205-215.
- , «Homonymes et polysèmes», *La Linguistique*, Paris, 10, 2, pp. 37-45.
- 1975, «Sémantique et axiologie», *Revue roumaine de linguistique*, 20, pp. 539-542.
- 1976, «La présentation des unités significatives», *Revista de Letras, Homenagem a Matoso Câmara*, 18, Instituto de Assis, Brasil, pp. 143-153.
- 1977, «Some Basic Principles of Functional Linguistics», *La Linguistique*, 13, 1, pp. 7-14.
- , «L'axiologie, étude des valeurs significées», *Estudios ofrecidos a Emilio Alarcos-Llorach*, Universidade de Oviedo, Espanha, pp. 157-163.
- , «Les fonctions grammaticales», *La Linguistique*, 13, 2, pp. 2-14.
- 1980, «Autour du syllemme», *Revue roumaine de linguistique, Mélanges Alexandru Rosetti*, 25, 5, pp. 551-554. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 135-139.
- , «Une langue et le monde», *Dilbilim*, 5, pp. 1-12. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 159-166.
- 1981, «Pour une approche empirico-déductive en linguistique», *Linguistique et sémiologie fonctionnelles*, Istambul, pp. 13-30. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 8-26.
- , «Fonction et pertinence communicative», *Linguistique et sémiologie fonctionnelles*, pp. 45-60. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 26-40.
- , «La synthématique», *Dilbilim*, 6, pp. 84-98. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 139-148.
- , «Que debe entenderse por "connotación"?», *Acta Poética*, México, pp. 147-161. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 166-175.

- 1982, «Bilinguisme et diglossie. Appel à une vision dynamique des faits», *La Linguistique*, 18, 1, pp. 5-16.
- 1983, «Se soumettre à l'épreuve des faits», *La Linguistique*, 19, 1, pp. 3-12.
- , «Réflexions sur la lexicographie», *La Linguistique*, 19, 2, pp. 139-145.
- , «Ce que n'est pas la phonologie», *Phonologie des usages du français*, Langue française 60, dir. Henriette Walter, Paris, Larousse, pp. 6-13. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 112-118.
- , «Hacia una lengua común», *Lenguas y educación en el ámbito del estado español*, Universidade de Barcelona, pp. 287-297. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 101-110.
- 1984, «Le point de vue fonctionnel en grammaire», *Actes du 9<sup>e</sup> Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Paris, SILF, pp. 19-34. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 53-64.
- , «De "agglutination" à la "flexion"», *La Linguistique*, 20, 1, pp. 127-132.
- , «De la synchronie dynamique à la diachronie», *Diachronica*, 1, 1, pp. 53-64. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 47-52.
- , «Sprache ergon oder energeia?», *Folia Linguistica*, 18, 3-4, pp. 539-548.
- 1985, «Thème, propos, agent et sujet», *La Linguistique*, 21, pp. 207-220.
- 1986, «Que faire du "mot"?», *Mots et parties du discours, La pensée linguistique 1*, dir. Pierre Swiggers e Willy Van Hoëcke, Lovaina-Paris, pp. 75-84. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 128-135.
- , «Langue parlée et langue écrite», *Liaison alfonie*, 3, fasc. 3, p. 9-17. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 120-135.
- 1987, «De la philologie à la linguistique», *La Linguistique*, 23, 1, pp. 3-12.
- , «Notes sur les "changements phonétiques"», *La Linguistique*, 23, 2, pp. 43-46.
- , «A propos d'un dictionnaire des homonymes», *La Linguistique*, 23, 2, pp. 143-146.
- , «Agent ou patient», *La Transitivity et ses correlats*, Centre de Linguistique, Travaux n.º 1, Université René Descartes, Paris, pp. 156-166. Reproduzido em *Fonction et dynamique des langues*, pp. 152-158.
- 1988, «Autour du verbe», *La Linguistique*, 24, 1, Discussão, passim; Conclusões do debate, pp. 135-138.
- 1989, «Réflexions sur la signification», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 43-51.
- , «Réactions aux quatre exposés», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 133-136.
- , «Linguistique Générale, Linguistique Structurale, Linguistique Fonctionnelle», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 145-154.
- 1991, «Expressivité», *La Linguistique*, 27, 1, pp. 3-14.
- , «Un dictionnaire pratique de la prononciation?», *La Linguistique*, 27, 1, pp. 98-100.
- , «Histoire et rayonnement de l'École de Prague», *Actes du XVIII<sup>e</sup> Colloque International de Linguistique Fonctionnelle*, Praga, 12 a 17 de Julho, 1991, pp. 33-41.

## II — Outras obras consultadas

- Alarcos-Llorach, Emilio, «Unités distinctives et unités distinctes», *La Linguistique*, 14, 2, 1978, pp. 39-53.
- , *Fonología Española*, Madrid, Gredos, 1950, 4.<sup>a</sup> ed., 1965.
- Arens, Hans, *La Lingüística, Sus Textos y Su Evolución Desde la Antigüedad Hasta Nuestros Días*, Madrid, Gredos, 2 vol., 1975, 1.<sup>a</sup> ed. alemã, de 1969.

- Aristóteles, «Periérmeneias», *Organon*, Lisboa, Guimarães Editores, 1985, pp. 119-173.
- , *Poética*, Lisboa, Guimarães Editores, 1964.
- Aymard, Colette, «L'autonomie syntaxique en français», *La Linguistique*, 11, 2, 1975, pp. 61-80.
- Barbosa, Jorge Morais, «Fonética e Fonologia. Problemas teóricos e metodológicos». Sep. de *Revista de Portugal*, série A. Língua Portuguesa, 26, 1961, pp. 307-314.
- , «Sur le /R/ portugais», *Miscelânea Homenage a André Martinet — Estructuralismo e historia*, vol. 3, Canarias, Universidad de la Laguna, 1962, pp. 211-226.
- , «Les voyelles nasales portugaises. Interprétation phonologique», in *Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetics Sciences*, Helsinki e Haia, Mouton, 1962, pp. 691-708.
- , «Études de phonologie portugaise, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Estudos Políticos Sociais, 1965, 2.<sup>a</sup> ed., Évora, Universidade de Évora, 1985.
- , «Les Prolongements de la phonologie pragoise». Actas do *XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional*, Praga, 12 a 17 de Julho de 1991, pp. 70-80.
- , «Notas sobre a Pronúncia Portuguesa nos Últimos Cem Anos», *Biblos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, vol. LXIV, 1988, pp. 329-382.
- , «Contribuição para o Estudo do Sistema Verbal Português: «Tempos Simples» e «Tempos Compostos», *Biblos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, vol. LXV, 1989, no prelo.
- Barreto, Manuel Saraiva, «A Convencionalidade do Signo Linguístico em Aristóteles», Sep. da *Revista de Ciências do Homem*, vol. III, série A, Universidade de Lourenço Marques, 1970.
- Becherel, Danielle, «La neutralisation de quelques oppositions sémantiques», *Actas do XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional*, Praga, 12 a 17 Julho de 1991, pp. 311-313.
- Benveniste, Émile, «Formes nouvelles de la composition nominale», *BSL*, 61, 1, 1966, pp. 82-95.
- , *Problèmes de linguistique générale*, I e II, Paris, Gallimard, 1966/1974.
- Bloomfield, Leonard, *Language*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1933, The University of Chicago Press, 1984.
- , *A Set of Postulates for the Science of Language*, 1926, in M. Joos, *Readings in Linguistics I, The Development of Descriptive Linguistics in America 1925-56*, Chicago/Londres, The University of Chicago Press, 1957, 4.<sup>a</sup> ed., 1966.
- Charron, G., e Germain, C., «Réflexions épistémologiques et méthodologiques sur l'axiologie», *La Linguistique*, 17, 2, 1981, pp. 35-51.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso, *História da Linguística*, Petrópolis, Editora Vozes, 1.<sup>a</sup> ed. 1975, 3.<sup>a</sup> ed., 1979.
- , *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 4.<sup>a</sup> ed., 1985.
- , *Para o Estudo da Fonémica Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1953, 2.<sup>a</sup> ed., 1977.
- , *Princípios de Linguística Geral*, Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1942, 6.<sup>a</sup> ed., 1980.

- Carvalho, José G. Herculan de, *Estudos Linguísticos*, Coimbra, Coimbra Editora, 3 vol., 1984.
- , *Pequena Contribuição à História da Linguística*, Coimbra, Coimbra Editora, 1984.
- , *Teoria da Linguagem*, Coimbra, Coimbra Editora, 2 vol., vol. 1, 1.<sup>a</sup> ed. de 1967, 6.<sup>a</sup> ed., 1983, vol. 2, 1984.
- Clairis, Christos, «Classes, groupes, ensembles», *La Linguistique*, 20, 1, 1984, pp. 3-10.
- , «De la morphologie», *La Linguistique*, 21, 1985, pp. 177-183.
- Corneille, Jean-Pierre, *A Linguística Estrutural, Seu Alcance e Seus Limites*, Coimbra, Livraria Almedina, 1982, trad. de Fernanda Ferreira (1.<sup>a</sup> ed. de 1976).
- Coseriu, Eugenio, *Gramática, Semántica, Universales, Estudios de Lingüística Funcional*, Madrid, Gredos, 1.<sup>a</sup> ed. de 1978, 2.<sup>a</sup> ed. revista, 1987.
- , *El Hombre y Su Language, Estudios de teoría y metodología lingüística*, Madrid, Gredos, 1977.
- , *Introducción a la Lingüística*, Madrid, Gredos, 1986.
- , *Sincronía, Diacronía y Historia*, Madrid, Gredos, 1973, 2.<sup>a</sup> ed., 1978.
- , *Teoría del Lenguaje y Lingüística General*, Madrid, Gredos, 1973.
- , *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*, Madrid, Gredos, 1980.
- Dubois, Jean et alii, *Dictionnaire de linguistique*, Paris, Librairie Larousse, 1973.
- Engler, Rudolf, *Lexique de la terminologie saussurienne*, Utrecht/Anvers, Spectrum Editeurs, 1968.
- Feuillard, Collete, «La syntaxe fonctionnelle», *La Linguistique*, 21, 1985, pp. 185-206.
- Fontaine, Jacqueline, *El Círculo lingüístico de Praga*, Madrid, Gredos, 1980 (original francés de 1974).
- François-Geiger, Denise, *A la recherche du sens, Des ressources linguistiques aux fonctionnements langagiers*, Paris, Peeters/Selaf, 1990.
- , «Être linguiste aujourd'hui?», *La Linguistique*, 24, 2, 1988, pp. 3-16.
- François, Frédéric, «De l'autonomie fonctionnelle», *La Linguistique*, 6, 1, 1970, pp. 5-21.
- , «Sémantiques et significations», *La Linguistique*, 25, 1, 1989, pp. 75-114.
- , «Le "signifié" et les types de mise en mots», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 15-29.
- Gabelentz, Georg von der, *Die Sprachwissenschaft*, Leipzig, Weigel, 1891.
- Galissou, Robert e Coste, Daniel, *Dicionário de Didática das Línguas*, Coimbra, Livraria Almedina, 1983.
- Germain, Claude, *La Sémantique fonctionnelle*, Paris, PUF, 1981.
- Grunig, Blanche-Noelle, «Système peu structural et parole fort dialogique. A propos de la sémantique lexicale», *La Linguistique*, 25, 1, 1989, pp. 61-74.
- Hammarstrom, Goran, *Las Unidades Lingüísticas en el Marco de la Lingüística Moderna*, Madrid, Gredos, 1974.
- Hamp, Eric P., *A Glossary of American Technical Linguistic Usage*, Utrecht/Antwerp, Spectrum Publishers, 1966.
- Harris, Roy, *Language, Saussure and Wittgenstein*, London/New York, Routledge, 1988, 1990.
- Heeschen, Claus, *Cuestiones Fundamentales de Lingüística*, Madrid, Gredos, 1975.
- Hjelmslev, Louis, *Nouveaux essais*, Paris, PUF, 1985.
- , *Principios de Gramática General*, Madrid, Gredos, 1976.
- , *Sistema Lingüístico y Cambio Lingüístico*, Madrid, Gredos, 1976.
- Holdcroft, David, *Saussure; Signs, System and Arbitrariness*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

- Holenstein, Elmar, *Jakobson — O Estruturalismo Fenomenológico*, Lisboa, Editorial Vega, 1975.
- Houdebine, Anne-Marie, «Pour une linguistique synchronique dynamique», *La Linguistique*, 21, 1985, pp. 7-36.
- Jakobson, Roman, *Remarques sur l'évolution du Russe comparée à celle des autres langues slaves*, *T.C.L.P.*, II, 1929, 118 p.
- , *Prinzipien der historischen Phonologie*, *T.C.L.P.*, IV, 1931, in Trubetzkoy, N., *Principes de Phonologie*, Paris, Klincksieck, 1949, pp. 315-336.
- , *Essais de linguistique générale*, Paris, Minuit, 1963.
- , *Seis Lições sobre o Som e o Sentido*, Lisboa, Moraes editores, 1977.
- Jespersen, Otto, *La philosophie de la grammaire*, Paris, Minuit, 1924, 1971.
- Krámský, Jiri, *The Phoneme — Introduction to the History and Theories of a Concept*, Munique, Wilhelm Fink, 1974.
- Kristeva, Júlia, *História da Linguagem*, Lisboa, Edições 70, 1983.
- Kuhn, Thomas S., *A Estrutura das Revoluções Científicas*, São Paulo, ed. Perspectiva, 3.<sup>a</sup> ed., 1990 (original de 1962).
- La Linguistique, *Revue de la Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle*, Paris, PUF, 27 vol., 1965-1991.
- Léon, Pierre, Schogt, Henry e Burstynsky, Edward, *La Phonologie — les écoles et les théories*, Paris, Klincksieck, 1977.
- Lepschy, Giulio, *La Linguistique structurale*, Paris, Payot, 1966.
- Leroy, Maurice, *Les Grands courants de la linguistique moderne*, Bruxelles, Edições da Universidade de Bruxelles, 1971.
- Mahmoudian, Mortéza, «Syntaxe et linéarité», in Martinet, Jeanne, *De la Théorie linguistique à l'enseignement de la langue*, Paris, PUF, 1972, 2.<sup>a</sup> ed. 1974, pp. 23-40.
- , Apresentação de, *Linguistique fonctionnelle — Débats et perspectives*, Paris, PUF, 1979.
- , *La Linguistique*, Paris, Séghers, 1982.
- , «Etude du signifié linguistique: son objet et ses obstacles», *La Linguistique*, 25, 1, 1989, pp. 31-42.
- , «Où en est la sémantique?», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 5-13.
- , «Unité et diversité de la signification», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 115-132.
- , «A propos de syntagme et syntème», *La Linguistique*, 11, 1, 1975, pp. 51-73.
- , «Structure linguistique: Problèmes de la constance et des variations», *La Linguistique*, 16, 1, 1980, pp. 5-36.
- , «Structure du signifié et fonction de communication», *La Linguistique*, 21, 1985, pp. 251-274.
- Malmberg, Bertil, *A Fonética*, Lisboa, Livros do Brasil, sd., ed. francesa de 1954.
- Martin, Pierre, «La description phonologique», *La Linguistique*, 21, 1985, pp. 158-175.
- Martinet, Jeanne (dir.), *De la Théorie linguistique à l'enseignement de la langue*, Paris, PUF, 1974.
- , *Clefs pour la semiologie*, Paris, Seghers, 1974.
- Mounin, Georges, *Les Problèmes théoriques de la traduction*, sl., Gallimard, 1963.
- , *Histoire de la linguistique, des origines au XX<sup>e</sup> siècle*, Paris, PUF, 1967.
- , *Clefs pour la linguistique*, Paris, Seghers, 1968.
- , *Clefs pour la sémantique*, Paris, Seghers, 1972.
- , *Linguistique et philosophie*, Paris, PUF, 1975.

- Oliveira, Helena Veiga de, «Axiologia ou sémantique denotative?», *Boletim de Filologia*, Lisboa, INIC, Tomo XXVII, fasc. 1-4, 1982, pp. 255-298.
- Pottier, Bernard, *Introduction à étude des structures grammaticales fondamentales*. Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Nancy, 1962.
- Robins, R. H., *A Short History of Linguistics*, London and New York Longman, 1967, 3.<sup>a</sup> ed., 1990.
- Sapir, Edward, *Language: an Introduction to the Study of Speech*, New York, Harcourt, Brace and World, 1921 (*A Linguagem*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1980).
- Saussure, Ferdinand de, *Cours de linguistique générale*, Lausanne, Payot, 1916; ed. crítica de Tullio de Mauro, Paris, Payot, 1972.
- Shogt, Henry, «Baudouin de Courtenay and phonological analysis», *La Linguistique*, 2, 1966, pp. 15-29.
- , «Le signifié et la signification», *La Linguistique*, 25, 1, 1989, pp. 53-60.
- , «Commentaires», *La Linguistique*, 25, 1, pp. 137-144.
- Trubetzkoy N. S., *Principes de phonologie*, Paris, Klincksieck, 1976; 1.<sup>a</sup> ed., *Grundzüge der Phonologie*, TCLP, VII, 1939.
- Ullmann, Stephen, *Semântica. Uma Introdução à Ciência do Significado*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 4.<sup>a</sup> ed., 1977.
- Vachek Josef, *Dictionnaire de linguistique de l'Ecole de Prague*, Utrecht/Anvers, Spectrum Editeurs, 1970.
- Vasseur, Marie-Thérèse, «De la solidarité des deux articulations», *La Linguistique*, 15, 2, 1979, pp. 121-130.
- Viramonte de Ávalos, Magdalena, *El Funcionalismo lingüístico de André Martinet: presentación, textos e hermenéutica*, «tesis doctoral», Córdoba, Argentina, 1979, (trabalho não publicado, gentilmente facultado pela autora).
- Walter, Henriette, «Sémantique et axiologie: une application pratique au lexique du Français», *La Linguistique*, 21, 1985, pp. 275-295.
- , *La dynamique des phonèmes dans le lexique français contemporain*, Paris, France Expansion, 1976.
- , e Walter, Gérard, *Bibliographie d'André Martinet*, Louvain-Paris, Sela, n.º 279, Peeters, 1988.



## ÍNDICE ANALÍTICO

### A

Amálgama: 69-70, 72-73

Análise fonológica: 57

Análise em monemas: 68-74

Arbitrariedade (dos denómenos lingüísticos): 41, 48

Arquifonema: 61-62

Articulação: ver dupla articulação, primeira articulação, segunda articulação

Axiologia: 68, 91-99, 116-117

### B

Binarismo: 39, 60

### C

Círculo Linguístico de Praga: 25-27, 54

Classes de monemas: 87

Compatibilidade: 87-90

Comutação: 53-54, 69

Concordância: 71

Conjunto (monema--): 75-76

Contexto: 61-62, 69-70

Correlação: 110

Cristalização: 76

### D

Diacronia: 38, 42-44, 48, 103-112

Diferenciação máxima: 111

Distintiva (função--): 79

Distintivo (traço--): ver traço pertinente

Distribucionalismo: 30-31

Dupla articulação: 36, 38, 41, 47-48, 63

### E

Economia lingüística: 48, 105, 107-108

Especificador: v. modalidade

Estrutura: 30, 36, 40, 109

Estruturalismo: 27, 109

Fonema: 27, 52-56  
Fonética: 27, 49-52  
Fonologia: 49-52

Gerativismo: 31-33  
Glossemática: 33-38

Isomorfismo: 33-38

Lexia: 78  
Lexical (monema--): 85, 96-99

Modalidade: 83-86  
Monema: 68, 73-74, 77  
Monema autónomo: 81  
Monema dependente: 82

Neuralização: 61-62

Oposição: 60, 108-109

Paradigmático: 30, 56, 106  
Pertinência: 28-29, 42, 49, 80

Redundância: 107-108

## F

Função: 27, 85, 108  
Funcional: ver monema funcional  
Funcionalismo: 25-44

## G

Gramatical (monema--): 85, 96-99

## I

## L

Linearidade: 42, 56  
Língua: 44

## M

Monema funcional: 81, 83  
Monema modificador: ver modalidade  
Morfema: 73-74

## N

## O

Ordem: 60, 110

## P

Plano de conteúdo,-- da expressão: 33-38  
Primeira articulação: 47, 63, 66-69

## R

## S

Segunda articulação: 47-48  
Série: 60, 110  
Significado: 40  
Significante: 40-43, 70  
Significante zero: 71-72  
Significante descontínuo: 71  
Signo linguístico: 40  
Silema: 76

Sinapse: 78-79  
Sincronia: 27, 38, 42, 48, 103, 112  
Sincronia dinâmica: 39, 43, 111  
Sintagma: 77, --autónomo: 83  
Sintagmático: 30, 56, 106  
Sintema: 74-77  
Sistema: 26-27, 30, 51  
Sistema fonológico: 47, 55, 108

## T

Traço pertinente: 58

## U

Universais: 31, 33, 39

## V

Variante de fonema: 57, 69

Vocal (carácter -- da linguagem): 47

## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS .....	9
PREFÁCIO .....	13
PREÂMBULO .....	19
INTRODUÇÃO .....	21
1 — PRINCÍPIOS TEÓRICOS DO FUNCIONALISMO (Filiações e divergências) .....	25
2 — DA SEGUNDA ARTICULAÇÃO .....	47
2.1 — Introdução .....	47
2.2 — A fonologia ou fonética funcional .....	49
2.3 — Fonética e fonologia — disciplinas complementares? .....	50
2.4 — O fonema .....	52
2.4.1 — Carácter psíquico versus carácter vocal .....	53
2.4.2 — Identificação dos fonemas .....	53
2.5 — Sistema fonológico .....	55
2.6 — Relações sintagmáticas e paradigmáticas .....	56
2.7 — Distinção entre fonemas e variantes .....	57
2.8 — O fonema e os traços distintivos .....	58
2.9 — Neutralização e arquifonema .....	61
2.10 — Conclusão .....	63
3 — DA PRIMEIRA ARTICULAÇÃO .....	67
3.1 — Introdução .....	67
3.2 — Unidades mínimas de primeira articulação .....	68
3.2.1 — O amálgama .....	69
3.2.2 — Variantes de significantes .....	70
3.2.3 — Significantes descontínuos .....	71
3.2.4. —Significante zero .....	71

3.3 — As diferentes unidades significativas .....	73
3.3.1 — Monemas .....	73
3.3.2 — Sintemas .....	74
3.3.2.1 — Vários tipos de sintemas .....	75
3.3.3 — Sintagmas .....	76
3.3.3.1 — Silemas .....	77
3.3.4 — Distinção entre monemas, sintemas e sintagmas .....	77
3.3.5 — O sintema e outros conceitos similares .....	78
3.4 — Classificação dos monemas .....	79
3.4.1 — Posição e função distintiva .....	79
3.4.2 — O critério de autonomia sintáctica .....	80
3.4.2.1 — Monemas autónomos .....	81
3.4.2.2 — Monemas funcionais .....	81
3.4.2.3 — Monemas dependentes .....	82
3.4.2.4 — O sintagma autónomo .....	83
3.4.2.5 — Monemas funcionais e especificadores ....	83
3.4.3 — Validade do critério de autonomia sintáctica .....	84
3.4.4 — O sintagma predicativo/monemas independentes .....	84
3.4.5 — Funções primárias e não primárias .....	85
3.5 — Classes de monemas .....	86
3.5.1 — Compatibilidades .....	87
3.5.2 — Classes e «partes do discurso» .....	87
3.5.3 — Dificuldades na delimitação de classes .....	89
3.6 — A axiologia .....	91
3.6.1 — Princípios epistemológicos e metodológicos .....	92
3.6.2 — Unidades gramaticais e unidades lexicais .....	96
 4 — A LINGÜÍSTICA DIACRÓNICA .....	 103
4.1 — A dicotomia saussuriana .....	103
4.2 — A linguística funcional e a evolução das línguas .....	105
4.2.1 — O princípio da economia .....	105
4.2.1.1 — Economia e redundância .....	107
4.2.2 — Função e evolução .....	108
4.2.3 — Estrutura e evolução .....	109
4.3 — Diacronia e sincronia dinâmica .....	111
 CONCLUSÃO — O funcionalismo de André Martinet: uma teoria linguística completa .....	 115
 APÊNDICE — Bibliografia de André Martinet .....	 121
 BIBLIOGRAFIA .....	 137
 ÍNDICE ANALÍTICO .....	 147

Maria João Marçalo nasceu em Estremoz a 19 de Dezembro de 1964. Aí concluiu os estudos secundários na Escola Rainha Santa Isabel, em 1982. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Julho de 1987. Desde Outubro do mesmo ano ensina as disciplinas de Teoria da Linguagem e de Fonologia e Morfologia do Português no Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora, tendo ainda, no ano lectivo de 1991/92, leccionado, como convidada, Linguística Portuguesa na Escola Superior de Educação de Beja. Em Fevereiro de 1992 apresentou Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica à Universidade de Évora, constituindo o presente livro o trabalho de síntese dessas provas.

Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e bolseira estagiária no Serviço de Tradução e Terminologia do Parlamento Europeu.

É membro da Associação Portuguesa de Linguística e da Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle. Participou em vários congressos nacionais e internacionais, nomeadamente nos Encontros anuais da A.P.L. e no XVIII<sup>e</sup> Colloque International de Linguistique Fonctionnelle, realizado em Praga em 1991, onde apresentou a comunicação «Naissance et mort d'un concept: la morphophonologie».

Presentemente prepara o doutoramento em Linguística Portuguesa sob orientação do Professor Doutor Jorge Morais Barbosa, catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ISBN 972-566-111-7